

Maria Cristina Mariante Guarnieri

MORTE NO CORPO, VIDA NO ESPÍRITO

O PROCESSO DE LUTO NA PRÁTICA ESPÍRITA DA PSICOGRAFIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2001

Maria Cristina Mariante Guarnieri

MORTE NO CORPO, VIDA NO ESPÍRITO

O PROCESSO DE LUTO NA PRÁTICA ESPÍRITA DA PSICOGRAFIA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Frank Usarski.

PUC-SP

2001

COMISSÃO JULGADORA

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Frank Usarski, por me conduzir para novos caminhos além da psicologia.

Ao Prof. Dr. José J. Queiróz, por sua valiosa colaboração na organização deste material.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, em especial aos professores doutores Denise Ramos, Ênio José da Costa Brito, Luiz Felipe Pondé e Waldecy Tenório, por suas orientações e sugestões na elaboração deste trabalho.

A Prof. Dra. Maria Helena Bromberg, pela receptividade com que acolheu esta autora, possibilitando uma maravilhosa oportunidade de ampliar e aprofundar meus estudos sobre o Luto.

À funcionária Andréia Bisuli de Souza, por sua importante ajuda no dia-a-dia do Programa em Ciências da Religião.

À Cristina Guarnieri, minha cunhada, que pacientemente revisou os originais.

À amiga Cleide Canhadas, por compartilhar suas emoções e seus conhecimentos, tão fundamentais para a condução desta pesquisa.

Ao Centro Espírita Grupo Noel, em especial à Martha Gallego Thomaz e Nadia Faiad, pela disponibilidade com que me receberam, pelo estímulo e presteza em fornecer todas as informações necessárias para esta pesquisa.

Aos meus pacientes que provocaram esta pesquisa e aos enlutados que, aqui, ao relatarem suas perdas, auxiliaram a construir este trabalho.

Aos amigos que compartilharam desta jornada, cujas participações de forma direta ou indireta, foram fundamentais para o resultado final.

Aos meus pais, Teresinha e Angelo, pela coragem para seguir em frente.

Aos meus filhos, Carolina e Felipe, pelo incentivo constante, pelo auxílio e compreensão com a minha distância.

Ao meu marido, Clóvis, por estar presente, sempre.

À Ana Maria Battaglin, por iluminar os difíceis trajetos desta jornada, com o seu carinho e sua competência profissional.

Ao CNPQ pelo apoio financeiro a esta pesquisa

RESUMO

A tendência à banalização da morte e do morrer tem crescido muito. O mundo secularizado trouxe grandes avanços para a humanidade mas, como consequência, uma dura realidade se revela: não há lugar para as expressões de sofrimento, dor e morte. Esta realidade já é visível nos grandes centros urbanos, onde os ritos e espaços que possibilitam a integração e a reflexão sobre a morte, são pouco valorizados. Entrar em contato com a morte nos obriga a encontrar um outro sentido para a vida, mas também nos leva a buscar o da morte.

Partindo da compreensão sobre morte e luto no desenvolvimento humano, baseada em autores como Carl Gustav Jung, John Bowlby, Colin Parkes, foi possível perceber que o tema pedia uma ampliação para abordá-lo. A sociologia do conhecimento de Peter Berger e Thomas Luckmann, a antropologia da morte de Edgar Morin, as contribuições do historiador Phillipe Àries auxiliaram em uma visão mais completa deste ser humano diante da consciência de sua mortalidade.

O objetivo desta dissertação é demonstrar a importância do espaço religioso, especificamente o espiritismo, como continente à elaboração do luto e às questões sobre a finitude humana. O espiritismo, por acreditar em uma vida após a morte, entende que é possível comunicar-se com os espíritos dos mortos. A prática da psicografia, analisada neste trabalho, acaba sendo um meio facilitador nesta elaboração e acaba por criar um espaço de acolhimento deste enlutado e de suas questões.

Finalizando, foram escutados 17 enlutados que contam sobre sua experiência de perda, fundamentando a importância de nos abirmos para questão, do sentido de ser humano. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão da religiosidade como pertencente a psique humana e como a existência do indivíduo é permeada por crenças, símbolos e atitudes religiosas que permitem integrar a morte em sua história mas, principalmente, resgatar e valorizar a vida.

ABSTRACT

The tendency to deal with death and dying as commonplace facts has grown a lot. The secularized world has brought great progress to the humanity. However, a hard reality is revealed: there is no place to expressions such as suffering, pain and death. This reality is already perceptible in the big cities, where the rites and spaces that can integrate and arise reflections on death are of little value. Not only does the contact with death oblige us to find another meaning in life, but it also makes us seek for the one of the death.

Starting with the comprehension of death and mourning in the human development, based on authors such as Carl Gustav Jung, John Bowlby and Colin Parkes, it has been possible to realize that some ampliation was needed. Peter Berger and Thomas Luckmann's sociology of the knowledge, Edgar Morin's death anthropology and the historian Philippe Aries' contributions helped to build a more complete vision of that human being towards his mortality consciousness.

This dissertation's objective is to demonstrate the importance of the religious space, specifically the spiritism, to keep in the contents of mourning elaboration and questions about being finite as human beings. In spiritism and its belief in life after death, it is understood that it is possible to communicate with the spirits of the dead. The practice of psychography, analyzed in this work, ends up making this elaboration easier and creating a warm environment for the mourner and his questions.

To finish, 17 mourners talking about their loss experience were heard, supporting the importance of opening ourselves to the question of the sense of being human. This work intends to contribute to the religiosity comprehension as part of the human psychism. The individual existence is full of beliefs, symbols and religious attitudes that allow to integrate death in its history, mainly to rescue and value life.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo I - O LUTO.....	15
I.1 A MORTE COMO TEMA CENTRAL	16
I.1.1 A consciência da morte	17
I.1.2 O medo da morte	19
I.1.3 A realidade social da morte	23
I.1.4 Uma história da morte	25
I.1.5 O lugar da morte hoje	30
I.2 O LUTO: UM DIÁLOGO NÃO PERMITIDO	34
I.2.1 Do que falam os ritos	35
I.2.2 O luto sem voz	37
I.2.3 Escutando o enlutado: fases do Luto.....	39
Capítulo II – MORTE E LUTO NO KARDECISMO	45
II.1 A CRENÇA ESPÍRITA	46
II.1.1 O espiritismo com codificação kardecista	47
II.1.2 A doutrina	50
II.2 ASSISTÊNCIA ESPÍRITA	55
II.2.1 A prática espírita	56
II.2.2 A psicografia na pesquisa de campo: o Grupo Noel	65
Capítulo III – A PSICOGRAFIA: A REDESCOBERTA DO SENTIDO	
DA VIDA PERANTE A MORTE E O LUTO	75
III.1 O CONTATO COM A MORTE	81
III.1.1 Perda de filhos	82
III.1.2 Perdas de irmãos e sobrinho	87
III.1.3 Perda de cônjuges	89
III.1.4 Perda de pais.....	91

III.2 O DIFÍCIL CAMINHO DO ENLUTADO	94
III.2.1 As conquistas imediatas da prática da psicografia	98
III.2.2 Sinais que alimentam a prática	103
III.2.3 O resgate do simbolismo cristão.....	109
III.3 A RETOMADA DA VIDA.....	113
III.3.1 Negação da morte?	114
III.3.2 A saudade	117
III.3.3 O luto complicado	118
III.3.4 Um novo caminho	121
Conclusão	127
Apêndice	134
1. Mensagens recebidas no Grupo Noel	
Bibliografia.....	143

INTRODUÇÃO

Como psicoterapeuta tenho observado um crescimento significativo da ansiedade em relação ao medo da morte, ou muitas vezes um medo que aparece sem causa, uma sensação de vazio, de perda de um sentido para a vida. Em geral, essas queixas surgem diante da notícia de uma grave doença, ou na experiência de perda, ou simplesmente pela constatação da finitude.

É, porém, no luto que a morte se faz presente na vida. A dor, a perda, o pesar, o desamparo são expressões fiéis deste contato com o limite humano, onde experimentamos toda a nossa impotência diante da vida. A morte se torna concreta, algo visível e palpável, que insiste em dialogar com a vida.

Paradoxalmente, estas emoções são desvalorizadas pelo enlutado e pelo meio onde ele está inserido. Solitário e assustado, sentindo-se emocionalmente afetado, o sobrevivente busca no aconselhamento, ou mesmo no auxílio psicoterápico, uma solução. O pedido de ajuda nos chega de diferentes formas. Basicamente, o enlutado não entende o tamanho de seu sofrimento, acredita ser este exagerado, isto é, o enlutado entende-se doente por não reconhecer que esta vivendo um momento natural e doloroso na existência humana, que é o limite da morte.

A morte e o que acontece depois dela fazem parte das chamadas questões existenciais e, como tais, foram amplamente refletidas e debatidas por pensadores, filósofos e teóricos, por diferentes olhares e em diferentes momentos históricos.

No Ocidente tem predominado a idéia de morte como algo absurdo, insensato e como forma de punição. Fruto da secularização, o enfrentamento da dor, do sofrimento e da morte tem se transformado intensamente, caminhando para um distanciamento e para uma negação a tudo que se opõe à felicidade, à realização e à eficiência.

Sensível a essas questões, Elisabeth Kübler-Ross¹ pode ser considerada uma das pioneiras no assunto. A partir de seus relatos sobre o trabalho que realiza com pacientes

¹ Cf. KÜBLER-ROSS, Elisabeth, *Sobre a morte e o morrer*, São Paulo, Martins Fontes, 1969.

terminais, muito tem acrescentado ao nosso aprendizado sobre os estágios finais da vida e ampliado a nossa consciência para a importância do enfrentamento da morte.

Na Universidade de São Paulo, temos a importante contribuição de Maria Júlia Kóvacs² que trabalha com o tema morte com uma grande preocupação de abordá-lo dentro da formação do psicólogo. Em um de seus livros, apresenta um estudo sobre a questão do luto, embora estude a questão da morte em seus mais diferentes aspectos.

Decretada a necessidade de reagir e ser forte, o homem e a mulher que experimentam a perda não encontram espaço para manifestar suas emoções, o que dificulta a criação de um espaço interno para a elaboração deste luto. Não há quem já não tenha enfrentado em algum momento da vida a perda de um parente ou amigo e, independente da intensidade desta experiência, não tenha sentido a estranheza ou incômodo que acaba por provocar a questão: qual o sentido da vida?

Especificamente sobre o luto, temos a importante contribuição de Collin Parkes³ que dedica-se a pesquisas e ao estudo sobre o luto e sua elaboração, muito influenciado pelos estudos de John Bowlby⁴ sobre a importância e o significado do vínculo e das figuras de apego para o ser humano e, conseqüentemente, dos efeitos das separações e perdas destas figuras.

Maria Helena Bromberg, cuja tese defendida em 1992 na PUC-SP no Programa de Psicologia Clínica com o título de *Luto como crise familiar*, apresenta um importante aspecto do luto ao focalizar a perda como pertencente a toda uma dinâmica familiar e não restrita a um único membro. Bromberg representa também o Laboratório de Estudos sobre o Luto, que funciona na clínica de Psicologia da PUC-SP, oferecendo atendimento aos enlutados, assistência aos profissionais que lidam diretamente com a morte nas mais diferentes áreas, publicações, estudos e pesquisas com o objetivo de aprofundar o tema nos seus mais diferentes aspectos.

Entrar em contato com a morte nos obriga a encontrar um outro significado para a vida, mas também nos leva a buscar o da morte. Na verdade o ser humano inconscientemente, respeitando a natureza, se prepara para a morte. E, conscientemente,

² Cf. KOVÁCS, Maria Júlia, (org), *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.

³ Cf. PARKES, Collin M., *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998.

⁴ Cf. BOWLBY, John, *Apego e perda*, vol. 1,2 e 3, São Paulo, Martins Fontes, 1990.

este preparo pode se expressar através da religião. Encontrar-se em uma religião é acreditar em uma concepção de morte que originará uma específica concepção de vida.

A religião, para muitos autores, é um caminho compensador para todos aqueles que não conseguem enfrentar a dura realidade da morte. Para Freud⁵, a morte está na origem da religião e, neste sentido, pensava a religião como ilusão, fruto da imaginação humana que possibilita negar que a vida é uma luta entre Thánatos (instinto de morte) e Eros (instinto de vida) e que, no final, a morte sempre vencerá. Impotente frente às forças da natureza, o ser humano, para lidar com tal conflito, tenderia a humanizá-las e transformar estas forças em uma identidade e, através da memória da impotência de nossa infância e da infância da raça humana, cria a idéia de um pai e o transforma em deus.

John Bowker discute a morte como origem da religião, criticando principalmente a visão de fuga que ele afirma ter encontrado em Marx e a visão de compensação vista na abordagem de Freud. Segundo sua análise, os antropólogos não apresentam material que demonstre o ponto de vista que a consciência humana da morte levou ao invento da religião, como compensação pelo medo que essa consciência provoca.

Como exemplo, Bowker⁶ apresenta a crença em visões que parece ser considerada natural nos seres humanos após pesquisa que demonstram sua unanimidade. Para compreender o que leva o indivíduo a crer em fantasmas, os autores da pesquisa analisam que isto acontece devido aos seguintes fatores de coações: “deixas ambientais”, através das quais as visões, sons ou odores associados ao falecido provocam o sentido da presença; a presença de sonhos; a teoria da autopercepção que fala que as pessoas, sob forte emoção ou sofrimento, tendem a concluir uma manifestação da pessoa falecida como busca de alívio e também a necessidade de interagir com o falecido na busca de resolver pendências. Para Bowker, porém, existem relatos que enfraquecem nosso entendimento e demonstram que a relação com os mortos é muito realista para determinadas comunidades.

⁵ Cf. FREUD, Sigmund, Além do princípio do prazer, *In: Obras Completas*, vol.18, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1972.

⁶ Cf. BOWKER, John, *Os sentidos da morte*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 37. O autor cita a obra de ROSENBALTT, WALSH e JACKSON, *Grief and Mourning in Cross-Cultural Perspective*, New York, Hraf Press, 1976, que pesquisaram sobre as crenças em visões. Mais informações sobre o assunto pode ser encontrado em PARKES, Colin, *op. cit.*

A idéia de que a religião compensa nosso medo frente o morrer é real, porém esta não é a única explicação. Pensar que algo sobrevive para além da vida é uma observação do mundo real. Algo realmente sobrevive quando algum traço do morto permanece: “Os mortos continuam, acima de tudo, na memória e nos filhos; *como* eles continuam é outra questão.”⁷ Para Bowker, a indagação religiosa é muito mais profunda; é uma afirmação de valor da vida humana reconhecer que a vida leva à vida, que o ser humano entra na vida, a ganha e também ganha a morte.

Aqui percorreremos o mesmo caminho de Bowker para compreender o espírita religioso. Para Kardec, nascer, viver e morrer é uma lei natural⁸. Toda doutrina e seus ensinamentos colocam, o tempo todo, o indivíduo discutindo a idéia de morte, para compreender a sua vida. Reformar a sua vida pede um trabalho intenso de revisão de valores que, como consequência, o preparam para enfrentar a realidade da morte, que em seu imaginário trata-se da vida espiritual e da busca da perfeição para aproximar-se de Deus.

O espiritismo, como o próprio nome expressa, é uma doutrina baseada na crença em espíritos, o que faz da morte um elemento obrigatório de reflexão em qualquer aproximação que se faça do tema. É da crença do espírita que a morte não é um fim e sim uma passagem. Neste sentido, o espírita é convicto de que há vida após a morte e que informações sobre o mundo espiritual nos é dada por espíritos que se comunicam com os encarnados através dos médiuns.

No Programa de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-SP encontramos importantes trabalhos envolvendo o espiritismo. O primeiro a ser citado, não por ordem de valor, mas por ser a cura um dos motivos que mais impulsiona a busca de um Centro Espírita, é o trabalho de Cleide Canhadas, intitulado *Cura espiritual, uma visão integradora corpo-mente-espírito*, tese de mestrado defendida em 1999. Outra importante contribuição, buscando uma integração entre psicologia e espiritualidade é a tese de mestrado de Ercília Zilli Tolesano, intitulada *Hereditariedade, destino e fé: um estudo comparativo entre a teoria gênica das pulsões (Leopold Szondi) e a doutrina espírita*.

⁷ BOWKER, John, *Os sentidos da morte*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 47.

⁸ A lei natural, para o espiritismo, é a lei de Deus e, portanto, é eterna e imutável quanto o próprio Deus. Caso queira aprofundar ver KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, pp.256-355.

Das diversas facetas que o espiritismo apresenta no Brasil, Glória Maria de Almeida ressalta o aspecto intimista que o Grupo Espírita Familiar recupera da vivência dos indivíduos em grupos, em sua dissertação de mestrado *Grupo Espírita Familiar- a religião da intimidade*, defendida em 1993. Somados a estes trabalhos, encontramos a contribuição de importantes estudiosos sobre o espiritismo como Cândido Procópio Ferreira de Camargo, David Hess, Emerson Giumbelli, entre outros. Entretanto, sobre o tema do luto, no espiritismo, não há bibliografia disponível. Daí a importância de se focalizar esse aspecto do campo religioso.

Não raro encontramos em um enlutado o desejo de se comunicar com o falecido. A busca de um Centro Espírita possibilita esta comunicação a partir de sua crença e este será o foco desta pesquisa: trabalhar com pessoas que perderam alguém, a qual estavam ligadas afetivamente e, por sentir dificuldade na elaboração de seu luto, buscaram o espiritismo, especificamente a prática da psicografia⁹, como alívio para sua dor.

Assim, o objeto desta pesquisa é a compreensão do processo de luto na prática espírita da psicografia, tendo como objetivo a demonstração da importância do espaço religioso para a integração e a reflexão da finitude na existência humana.

O “locus” da pesquisa será o Centro Espírita conhecido pelo nome de Grupo Noel, onde a médium Vó Martha recebe mensagens psicografadas de diversos falecidos a pedido de parentes e amigos. Além das mensagens, Martha diz receber o espírito de Noel Rosa, cantor e compositor que, tendo evoluído muito no mundo espiritual, é mentor e orientador de todos os trabalhos lá realizados, juntamente com o grupo que fundou o Centro.

Como não sabemos o que é a morte ou o que acontece depois, uma forma de lidar com o limite e o sofrimento que esta provoca seria através de uma linguagem simbólica. A existência do indivíduo é permeada por crenças, símbolos e atitudes religiosas que permitem integrar a morte em sua história mas, principalmente, resgatar e valorizar a vida. A crença nos espíritos leva a uma percepção de um mundo invisível

⁹ Psicografia é a manifestação do espírito através de um médium que se utiliza da escrita para a transmissão de sua mensagem. Esta prática foi muito divulgada através do médium Francisco Cândido Xavier, cujas psicografias são muito conhecidas e, de certa forma, legitimadas por seu grande reconhecimento popular.

que, segundo Jung¹⁰, leva a uma percepção de uma realidade espiritual que possibilita o ser humano a não permanecer preso somente no mundo sensível e material.

A partir destas reflexões, as seguintes hipóteses são levantadas:

- a) O luto, compreendido como uma reação natural à perda, encontra-se reprimido em uma sociedade em que tudo é feito para manter a morte escondida. Resistente, o luto emerge sob diferentes formas e em diferentes espaços, onde sua manifestação torna-se possível. O espiritismo, utilizando uma linguagem mais aceita e assimilada por uma sociedade que prioriza o pensamento científico e racional, mergulha na questão da morte e busca uma resposta que possa dar sentido à existência de cada ser humano, tornando-se espaço continente ao sofrimento, à dor e à perda.
- b) A prática da psicografia, procedimento espírita muito valorizado, oferece, através da fé, um contato com o mundo espiritual que vai além do consolo inicial, possibilitando, através de sua experiência, redescobrir um sentido para a vida perante a morte e o luto. A prática espírita parece possibilitar um meio de enfrentar a realidade da finitude, pois a base de sua crença é uma vida após a morte, onde vida e morte fazem parte de um processo que tem como objetivo maior a evolução do espírito. Na encarnação, o espírito com muita dificuldade se “aprisiona” no corpo físico para cumprir sua missão de crescimento moral. Ao final, a morte surge como uma libertação, que só não será percebida desta forma se o apego ao material for maior que o desprendimento espiritual necessário para a transcendência.

Não é objetivo desta pesquisa buscar a veracidade dos fatos e fenômenos espíritas, nem questionar o que estes entendem como após morte pois, na realidade, não temos como saber. Entendo que falamos de vários níveis de realidade e tratarei a realidade do espírita como aquela a qual ele busca o referencial para a sua vida.

Esta dissertação divide-se em três capítulos. No Capítulo I, *O Luto*, busca-se compreender melhor o processo vivido por aquele que enfrenta a morte do outro. A Morte torna-se, então, tema central. Abordá-la por diferentes referenciais tornou-se

¹⁰ Cf. JUNG, Carl Gustav, A natureza da psique, *In: Obras completas*, vol.8, Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

fundamental para explicitar a visão de morte hoje, principalmente nos grandes centros urbanos, palco de nossa pesquisa. Uma compreensão mais aprofundada do luto será trabalhada na segunda parte deste capítulo que, ao ser compreendido como uma reação natural à perda, acaba por denunciar a forma com estamos lidando com a morte.

No Capítulo II, *Morte e Luto no espiritismo kardecista*, a intenção é compreender a doutrina e a prática espírita, com o foco voltado, principalmente, para o tema da morte e do luto. Por essa razão, o final do capítulo debruça-se sobre a prática da psicografia, buscando dados do próprio campo empírico para fundamentar e ampliar o conhecimento desta prática.

No Capítulo III, *A redescoberta do sentido da vida perante a morte e o luto*, caracteriza-se pela apresentação e análise dos dados obtidos com as entrevistas da pesquisa de campo, buscando responder às questões que impulsionaram este trabalho.

Este trabalho pretende contribuir para uma compreensão maior da doutrina espírita. E, a partir de sua atitude perante a morte e o luto, buscar a inspiração necessária para o reconhecimento da dimensão espiritual do ser humano, onde o sofrimento e a dor não precisam ser vividos na solidão e no abandono, que podem ser envolvidos por uma atitude de humanidade. Se este trabalho possibilitar este olhar para dentro de nós mesmos, para o questionamento de nossos próprios medos, já terá sido um ganho.

CAPÍTULO I – O LUTO

“É que a morte também é uma terrível brutalidade - nenhum engodo é possível! - não apenas enquanto acontecimento físico, mas ainda mais como um acontecimento psíquico: um ser humano é arrancado da vida e o que permanece é um silêncio mortal e gelado. Não há mais esperança de estabelecer qualquer relação: todas as pontes estão cortadas.”¹¹

O sofrimento e a dor experimentados quando “todas as pontes estão cortadas” são motivos de um crescente número de estudos e pesquisas, buscando compreender este estado tão especial enfrentado pelo ser humano frente à situação de finitude.

O luto é um processo que, automaticamente, se inicia após a perda, um conjunto de sentimentos de pesar ou dor que experimentamos na presença da morte do outro. É no momento da perda que a inevitabilidade da morte é experimentada. *A Morte como tema Central*, primeira parte deste capítulo, tem por objetivo compreender a presença da finitude da vida na experiência humana. Descobrimo-nos mortais e na busca de um sentido para o viver, o imaginário humano cria diferentes sentidos e formas de lidar com a morte, que pressupõe uma compreensão da morte também como realidade social. Hoje, na sociedade Ocidental, principalmente nos grandes centros urbanos, a morte tem sido negada. Há uma tendência a evitar o assunto, buscando apagar qualquer sinal de dor e sofrimento.

Sem lugar para a morte, a experiência do Luto também tende a ser negada. Assim, reconhecer e compreender os sentimentos e os sintomas de um processo de enlutamento tornou-se algo bastante complexo. Em *O Luto: um diálogo não permitido*, explora-se justamente a falta de uma escuta mais apurada para aquele que está enfrentando a dor de uma separação. Considerado no passado como um ritual necessário, o Luto, hoje, perdeu muito de seu valor, impedindo o enlutado de prantear seu morto, como se esta fosse uma dor passível de ser evitada e controlada.

¹¹ JUNG, Carl Gustav, *Memória, Sonhos e Reflexões*, São Paulo, Nova Fronteira, 1982, p. 282.

I.1 A MORTE COMO TEMA CENTRAL

Encontro em Samarra

“Um criado topou com a Morte, uma velha encarquilhada de vestido preto, na praça do mercado, e viu-a fazer o que lhe pareceu um gesto de ameaça. Aterrado, o criado toma emprestado o cavalo do amo e foge para Samarra. Na mesma tarde, topando com a velha na praça do mercado, o amo pergunta-lhe: ‘Por que fez um gesto de ameaça para o meu criado hoje cedo?’ E a Morte replica: ‘Não foi um gesto de ameaça: foi apenas um movimento de surpresa. Fiquei espantada ao ver o seu criado em Bagdá, visto que eu tinha um encontro com ele, hoje à noite, em Samarra.’”¹²

Vivemos fugindo da morte, tentando inutilmente adiar este encontro inevitável. Todos os seres vivos são mortais. Tudo que está vivo um dia morrerá. Este é o fato que devemos enfrentar e que, muito dificilmente, conseguimos aceitar. Causa de muito sofrimento, a consciência de nossa finitude é o que nos diferencia de outros animais.

No luto, a experiência de perder o outro remete à realidade da finitude da vida; a certeza de que o existir tem um tempo limitado e para além dele nada sabemos de fato. Este desconhecimento gera angústia, sofrimento e indagações.

Neste trabalho é fundamental que nos debruçemos sobre o tema da morte, pois é neste drama humano que se pretende capturar a experiência do luto e da religião, que aqui será abordada pelo olhar da prática espírita Kardecista.

O fato é que a morte é inevitável, sendo nosso maior limite. Contudo, geralmente não a consideramos como um dado da existência. Inevitável, também, é a condição de termos que continuar a vida sem o outro, colocando-nos frente a frente com a polarização vida e morte.

¹² NICHOLS, Sallie, *Jung e o tarô*, São Paulo, Cultrix, 1995, p. 232.

I.1.1 A consciência da morte

“Que é o homem dentro da natureza , afinal? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos; tanto o fim das coisas como o seu princípio mantêm-se ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.

Que poderá fazer, portanto, senão perceber (alguma) aparência das coisas, num eterno desespero por não poder conhecer nem seu princípio, nem seu fim? Todas as coisas saíram do nada e ao infinito foram conduzidas; quem seguirá esses assombrosos caminhos? O autor de tantas maravilhas conhece-as; e ninguém mais.”¹³

Na presença da morte, a vida, e tudo o que é finito, se dissolve no infinito. É como um segundo na eternidade, o quão insignificante é a nossa vida frente a esse poder absoluto que não tem compreensão na nossa consciência. Pascal revela um homem a quem “o silêncio eterno dos espaços infinitos apavora”. Esta sensação de aniquilamento do Eu causa enorme desconforto, angústia e total dependência e, como consequência, um sentimento de rendição.

É natural que busquemos nos proteger da morte, o que é vivo refuta a morte para manter a vida. Negamos a realidade da morte, afastando-a da consciência o que, de certa forma, prioriza a vida, com seus hábitos, com o trabalho e a energia humana que a cria e recria, continuamente. Temos um instinto de preservação, tal como os animais ou qualquer ser vivo.

A experiência real da morte é individual e solitária. O ser humano é o único que pode antever a morte e filosofar sobre ela. É o único que tem consciência da morte e, por isso, segundo Edgar Morin¹⁴, teme a morte por medo da desintegração de sua

¹³ PASCAL, Pensamentos, in: *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999, p. 45.

¹⁴ Cf. MORIN, Edgar, *O Homem e a morte*, Lisboa, Publicações Europa América, 1970.

individualidade. Nesta individualidade encontramos os nossos desejos, a afirmação do nosso Eu, quem somos, o que queremos, o que fizemos, quem amamos, tudo aquilo que acreditamos que nos pertence e, portanto, constrói e legitima a nossa existência. Vivemos em conflito entre a constatação que somos seres mortais e o desejo da imortalidade. Este conflito, segundo Morin, gera uma tensão que resulta em angústia.

“A idéia da morte surge a partir de uma emoção, de um sentimento, de uma consciência da perda da individualidade.”¹⁵ Morin denominará esta consciência de traumatismo da morte que, somado à consciência de que a morte é um fato e à crença na imortalidade, formam um triplo dado antropológico na questão da morte. Para o autor, é a afirmação da individualidade que rege de uma forma global e dialética esse triplo dado antropológico. Dialética, pela relação interligadas dos três elementos, e global porque os três elementos estão associados na consciência arcaica, e é o que o autor chama de consciência humana da morte que tem como unidade a afirmação da individualidade.

Vida e morte são duas fases de uma totalidade, duas formas de representar uma existência. Acostumados a privilegiar a vida, esquecemos que esta é cíclica e que para todo começo há um fim, em toda renovação é preciso que a morte leve o velho, abrindo espaço para o novo surgir. Aceitar a morte é aceitar que não temos controle, é um total desprendimento do Eu. Implica em aceitarmos uma dimensão que transcende a consciência. Aqui se faz necessária uma atitude de confronto com o inconsciente¹⁶, pois surge de forma emergente, a questão do sentido da vida.

A partir das análises de sonhos, Carl Gustav Jung nos mostra que a psique inconsciente ignora a morte como sendo um fim, pois os sonhos costumam ocorrer como sempre, tendo como meta o processo de individuação¹⁷.

¹⁵ MORIN, Edgar, *O Homem e a morte*, Lisboa, Publicações Europa América, 1970, p.32.

¹⁶ Para Jung, o inconsciente deve ser compreendido como inconsciente pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal contém material reconhecível de origem pessoal que são as aquisições do indivíduo que complementam a personalidade e os conteúdos esquecidos ou reprimidos. O inconsciente coletivo corresponde aos fundamentos estruturais da psique comum a todos os seres humanos que aparecem sob a forma de imagens universais, como aquelas que encontramos na mitologia e nas religiões existentes no mundo. Estas imagens são as imagens arquetípicas. Assim, na busca de um sentido para a vida, se aceitarmos a dimensão que transcende a consciência, estaremos aceitando os recursos do inconsciente que podem auxiliar na integração da finitude em nossa existência. Cf. JUNG, Carl Gustav, *Obras Completas*, vol.8, Rio de Janeiro, Vozes, 1984 e/ou EDINGER, Edward, *Ego e arquétipo*, São Paulo, Cultrix, 1995.

¹⁷ Ao nascer, o ego encontra-se identificado com o inconsciente. Na primeira fase do desenvolvimento humano o ego deverá se fortalecer, estruturar-se, diferenciando-se do inconsciente, ampliando assim a consciência. Posteriormente após a maturidade surge uma relação dialética entre ego e inconsciente, isto

Marie Luise von Franz,¹⁸ acrescenta que a única situação em que o inconsciente não ignora a morte é quando o sonhador resiste à possibilidade do fim iminente, forjando situações ilusórias para si mesmo. Esta última colocação somente confirma o fato que o inconsciente ignora a morte pois, ao respeitar o processo de individuação, a vida deve ser expressa em sua totalidade.

Do conhecimento da morte, do sofrimento adquirido a partir da consciência de que somos mortais, às atitudes diferenciadas frente à realidade da morte durante a história, construímos e reconstruímos mitos e crenças que nos auxiliam na integração da realidade e do desejo. E mais, constantemente criamos e recriamos um sentido para a existência individual e social do ser humano.

I.1.2 O medo da morte

“Medo é o estado psicológico mais comumente citado quando médicos ou pesquisadores discutem respostas ou atitudes para com a morte. Possivelmente o medo é a mais típica ou mais importante resposta psicológica à morte.”¹⁹

O medo está presente em todos nós, muitas vezes não o admitimos, mas ele está lá, representando a consciência de nossa mortalidade. Disfarçadamente, presente na nossa insegurança frente ao perigo ou ao desconhecido, na depressão, no medo do esquecimento, nos sentimentos de rejeição, abandono, vingança, entre outros. Um medo que não admitimos, porque não devíamos temer a morte. É sinal de amadurecimento superar o medo da morte. Sabemos que esta superação não é a prática experimentada frente a situações-limites, porém vivemos acreditando e afirmando que este medo não

é, após o ego ter se diferenciado do inconsciente, estando mais forte, passa a reconsiderar o valor criativo deste, e busca aspectos que ainda lhe faltam desenvolver. Há uma inversão de valores e o ego busca o si mesmo na procura de uma nova orientação. Este estado, Jung denominou de individuação: uma tendência instintiva de realizar plenamente potencialidades inatas. O desenvolvimento destas potencialidades no ser humano é impulsionado por forças instintivas inconscientes, que podem ser conscientizadas para que o indivíduo possa influenciar no processo. Ver JUNG, Carl Gustav, *Obras Completas*, vol.8, Rio de Janeiro, Vozes, 1984 e/ou EDINGER, Edward, *Ego e arquétipo*, São Paulo, Cultrix, 1995.

¹⁸ Cf. FRANZ, Marie Luise von, *Experiências arquetípicas na proximidade da morte*, In JAFFÉ, FREY-ROHN, FRANZ, *A morte à luz da psicologia*, 1995, p. 80.

¹⁹ KASTENBAUM, Robert e AINSERBERG, Ruth, *A Psicologia da morte*, São Paulo, Pioneira, 1983, p.42.

deve existir. Esta é uma outra ilusão que alimentamos em relação à morte. Só conseguimos não ter medo dela enquanto negamos a sua realidade.

Alguns autores têm estudado a origem do medo da morte e muitas variáveis influenciam sua expressão. Primeiramente, temos dificuldade em diferenciar ansiedade e medo na questão da morte, pois este último evoca ansiedade naturalmente. São várias as expressões deste medo e nem todas são conscientes, como por exemplo: medo de morrer, dos mortos, da aniquilação, do desconhecido, da decomposição do corpo, de perder pessoas significativas, entre outros.

O medo é uma resposta natural e universal à morte, uma defesa contra a destruição e a forma como este medo irá se expressar é variável de pessoa para pessoa, mas também de acordo com a faixa etária, o momento de vida e as diferentes formas de apreender a realidade da morte. Neste sentido, é possível estabelecer uma correlação entre o medo da morte e o desenvolvimento humano. Para a síntese abaixo, a referência foram os trabalhos de autores como Aberastury²⁰, Erikson²¹, Bowlby²², Kovács²³ e Jung²⁴.

A criança e a morte

O mundo da criança é o mundo da mãe, que garante sua sobrevivência. Onipotente, a criança vê o mundo em sua função; narcisicamente, e com o auxílio de seu pensamento mágico, entende que tudo o que precisa será satisfeito por sua mãe. A criança, em seu desenvolvimento, precisa se libertar da mãe, que é fonte de satisfação e prazer, pois sua experiência começa a mostrar a realidade do paraíso perdido e percebe que nem todo desejo seu será atendido.

As primeiras perdas começam a ser experimentadas. Surgem os impulsos agressivos que se manifestam frente às frustrações e com eles o sentimento de raiva, que pode vir acrescido do desejo de morte do outro (pais) e, conseqüentemente, de culpa. Na

²⁰Cf. ABERASTURY, Arminda, *A percepção da morte na criança e outros estudos*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

²¹ Cf. ERIKSON, Erik, *Identidade, juventude e crise*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976

²² Cf. BOWLBY, John, *Apego e perda*, Vol. I, II e III, São Paulo, Martins Fontes, 1990.

²³ Cf. KOVÁCS, Maria Júlia (org.), *Morte e desenvolvimento humano*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.

²⁴ Cf. JUNG, Carl Gustav, *A Natureza da psique*, In *Obras Completas*, Rio de Janeiro, 1984.

verdade, “desejar a morte do outro” é mais uma forma de expressar a raiva, que surge quando a criança experimenta uma frustração, desejando que a fonte provocadora de sua emoção seja destruída. A criança tem medo da morte mas acredita na sua reversibilidade e no seu poder de desfazê-la e, à medida que compreende que a morte é irreversível, passa a temer ainda mais os seus impulsos destrutivos, principalmente em relação às pessoas mais próximas.

A adolescência e a morte

A adolescência é o momento de consolidação da identidade. O mundo infantil é deixado para trás e um novo mundo começa a ser experimentado. O adolescente vive um luto, pois está perdendo o corpo de infância, deixando de ser a criança e passando para uma nova fase, com um corpo mais desenvolvido, mais forte, mais potente sexualmente, com inteligência para a argumentação e criação de novas idéias. Vive uma fase de escolhas, que envolve perdas e ganhos. Mortes simbólicas são vivenciadas e muitas vezes expressam-se em riscos de mortes concretas, que podem ser claramente observadas, hoje, na vivência da sexualidade sem proteção, com riscos de doenças e gravidez precoce, em acidentes de trânsito, overdose ou assassinatos por exposição às ruas ou ao tráfico de drogas.

O adolescente está vivendo a vida rompendo limites e buscando a própria identidade. Ao experimentar todas as suas possibilidades, ele encontra-se tal como um herói, forte, onipotente, senhor de todas as coisas. Reconhece a morte, sabe que é definitiva, porém acredita que ela acontece por uma incompetência, que ele mesmo pode estar protegido de tal mal, como se fosse imortal, bastando, para isso, ser capaz de evitá-la. A morte só acontece no outro, pois a construção da identidade pede uma diminuição do medo da morte para um aumento do desejo de vida.

A morte no adulto

A fase adulta é marcada pela construção da própria vida. Na família, na profissão, na sociedade, a energia está voltada para o crescimento e expansão, com responsabilidade e abandono de alguns sonhos da adolescência. A morte não faz parte desta história, ela não pertence à construção e por isso, quando ocorre nesta fase, seu

verdadeiro significado de destruição aparece de forma mais intensa, rompendo com os projetos de uma vida.

A segunda metade da vida

A segunda metade da vida, denominada por Jung de metanóia, tem início no momento em que, construído tudo que havia idealizado, o indivíduo passa a considerar a morte como algo concreto em sua vida e que pode acontecer em qualquer momento. A realidade da morte nos mostra que não temos mais todo o tempo do mundo, muito já foi construído, mas precisamos estabelecer prioridades, buscando um melhor aproveitamento de nossa vida.

Para Jung²⁵, a vida, em seu processo natural, pode ser equiparada ao percurso do sol. Em seu surgimento, ele cresce no horizonte e chega no seu pico ao meio-dia, passando a uma curva descendente até o final da tarde, quando morre. A vida humana teria este mesmo caminho: crescimento, expansão e amadurecimento. Na metade da vida, obrigatoriamente, estaríamos nos dirigindo ao fim. A morte deveria ser nossa meta a partir desta fase e, por tal motivo, Jung coloca que só permanece realmente vivo quem estiver disposto a morrer com vida.

Normalmente, nesta fase a busca de um sentido para vida é uma das prioridades, valores são re-significados e o limite passa a ser algo que deve ser conhecido e aceito por nós. Neste momento, a procura de uma religião, ou mesmo o acender de uma religiosidade, é muito comum. Mas, por outro lado, o ser humano, ao negar a morte, tem nesta atitude um meio de colocá-la distante e, para tal, busca a eterna juventude em ações muito comuns e facilmente observáveis hoje: preocupação exagerada com a saúde, com o físico, importância para as técnicas de rejuvenescimento, entre outras.

A velhice

O medo de morrer e o medo de envelhecer são aproximados devido às associações negativas que fazemos com a velhice: proximidade da morte, aposentadoria, improdutividade, corpo sem vitalidade, desvalorização na sociedade, vivência de

²⁵ Cf. JUNG, Carl Gustav, *A natureza da Psique, In Obras Completas*, Rio de Janeiro, Vozes, 1984, v.8.

perdas freqüentes ou mesmo doenças. A solidão e o abandono passam a ser uma marca da velhice, justamente os sentimentos mais temidos frente à morte e ao morrer.

A consciência da finitude da vida carrega o medo da finitude do Eu, expressos em diversas formas durante o desenvolvimento humano, mas todas acabam por traduzir a impotência e a fragilidade humana diante de seu destino.

I.1.3 A realidade social da morte

“A imagem da morte, essa antecipação sociocultural de um acontecimento certo chamado a sobrevir em data incerta, é modelada pelas estruturas institucionais, pelos mitos profundamente enraizados, pela textura social.”²⁶

Adquirimos consciência da morte por meio do conhecimento, isto é, da experimentação da realidade de sua existência. Fala-se, inclusive, que a constatação da morte se dá por um teste de realidade, isto é, o conhecimento real que o outro está morto, sem vida.

Reconhecemos a morte mesmo com a dificuldade inerente que temos em aceitá-la. Compreender seu significado e aceitar sua presença na vida dependerão do contexto em que estamos inseridos, de que realidade estamos falando.

Baseando-se na sociologia do conhecimento, realidade será definida aqui como algo construído socialmente.

“Uma ‘sociologia do conhecimento’ terá de tratar não somente da multiciência empírica do ‘conhecimento’ nas sociedades humanas, mas também nos processos pelos quais qualquer corpo de ‘conhecimento’ chega a ser socialmente estabelecido como ‘realidade’.”²⁷

²⁶ ILICH, Ivan, *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975, p.159.

²⁷ BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas, *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes, 1978, p.13.

A sociologia vê diferentes realidades em diferentes sociedades. Todo o conhecimento humano se desenvolve, se transmite e se mantém em situações sociais. Portanto, é por meio da sociologia do conhecimento que buscaremos compreender o processo pelo qual se dá esta realização.

O conhecimento do senso comum implica em uma atitude do ser humano, denominada por Berger e Lucckmann como atitude natural. É o conhecimento partilhado com os outros nas atividades rotineiras e evidentes da vida cotidiana.

Ao nascermos, recebemos e apreendemos o mundo tal como é, apresentado a nós por uma realidade cotidiana que está estruturada espacial, temporal e socialmente. A temporalidade é um fator de grande importância que influencia e atua na nossa consciência. A estrutura temporal da vida cotidiana é contínua e finita, determina a historicidade que nos coloca dentro da vida, nos auxilia a nos localizar no tempo, impondo sequência em nossa rotina e nos coloca dentro da realidade. Esta temporalidade ordena a nossa consciência e nos apresenta a realidade da finitude, que nos conta que temos um tempo, criando uma atitude de ansiedade frente à realização dos nossos projetos.

O senso comum tem inúmeras interpretações pré-científicas e quase científicas sobre a realidade cotidiana que são admitidas como certas. Descrever essa realidade é referir-se a essas interpretações. Frente à morte, várias interpretações aceitas como fatos reais acabam por possibilitar, nas diferentes culturas, a integração do acontecimento da morte. A crença na reencarnação, por exemplo, é uma crença que encontramos em um grande número de pessoas, independente de sua tradição religiosa.

A morte causa uma ruptura na atitude natural, pois a vida cotidiana tende a negar a realidade da finitude. Contudo, o ser humano percebe as transformações no próprio corpo e, assim, observa a temporalidade da existência. Esta temporalidade é percebida também por meio do luto, quando a morte do outro legitima a realidade da finitude. Concluindo, a realidade social acaba contextualizando a consciência da morte.

I.1.4 Uma história da morte

“O ser humano não mudou, a morte constitui um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, o que mudou foi o nosso modo de lidar e conviver com a morte.”²⁸

A atitude frente à morte sofre a influência do momento social, da necessidade de sobrevivência do grupo ou da espécie. Morin²⁹, entende que o grupo influencia aniquilando, repelindo, inibindo ou adormecendo a consciência e o horror da morte.

A morte tem uma história e nem sempre o ser humano manteve a mesma atitude perante este fato de sua existência. O historiador Phillipe Ariès³⁰, em seu trabalho sobre as diferentes significações da morte desde a Idade Média, demonstra claramente as diferentes atitudes do ser humano perante a morte e o morrer. A síntese apresentada aqui, percorre as mudanças de atitudes, demonstrando o quanto o imaginário humano sobre a morte inclui a idéia de um além da vida. Lidar com este *além* é uma forma de lidar com a presença da morte na existência. Finalmente, observa-se o início do distanciamento da morte, justamente pela chegada de uma percepção da finitude, iluminada pela razão, como algo cada vez mais concreto.

Idade Média: familiaridade entre mortos e vivos

A morte na era medieval era tratada com uma atitude familiar e próxima, onde os homens morriam na guerra e de doenças e conheciam bem a trajetória de sua morte. Era a morte domada, como muito bem denominou Phillip Ariès³¹. A morte era esperada no leito, sempre com o moribundo cercado de parentes e amigos, em uma cerimônia onde as emoções não só podiam como deviam ser expressas. É importante ressaltar que se tratava de uma familiaridade e não de uma mistura de vida e morte, portanto o temor para com as almas dos mortos era grande, mais até do que a própria morte e, para

²⁸ KÜBLER-ROSS, Elisabeth, *Sobre a morte e o morrer*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

²⁹ Cf. MORIN, Edgar, *O Homem e a morte*, Lisboa, Publicações Europa América, 1970, p.36.

³⁰ Cf. ARIÈS, Philippe, *O homem perante a morte I*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1977.

³¹ *Ibid.*, p.14-40.

tal, se cumpria uma série de rituais adequados para que os vivos e mortos permanecessem tranquilos em seus mundos. A morte é um transpasse e os mortos repousam, suas almas repousam, uma imagem antiga e popular que até hoje esta presente.

O culto cristão favorecia a familiaridade entre vivos e mortos, auxiliando com o temor para com as almas dos falecidos. O defunto precisava ficar sob a guarda de um santo para garantir o repouso até o juízo final. Surge o enterro *ad sanctos* e o cadáver passa a ser enterrado primeiro, ao lado da igreja e, depois, dentro dela, prática que diminui muito a repulsa pelos mortos. O direito eclesiástico proibia enterrar dentro da igreja mas, na prática a igreja se tornou um cemitério por ser considerado um lugar sagrado, o local em que devia ocorrer o sepultamento, em território conhecido, em ambiente familiar. É a morte sendo entendida como continuidade e não ruptura, segundo Reis.³²

Com o surgimento dos carneiros (forma de covas longitudinais que formavam uma parede), o espaço de enterro dos mortos foi redefinido, deixando de ser abaixo dos frequentadores da igreja indicando uma separação, desejada por esta, do culto dos mortos e do divino, mistura que era comumente feita pelos fiéis. Fisicamente, porém, morte e vida encontravam-se próximas: cemitério e igreja eram o foco da vida social, tinham caráter público, lá os habitantes se encontravam, reuniam-se, passeavam, disponíveis tanto para os assuntos espirituais e temporais, como para seus jogos e amores, sem se preocuparem com as grandes fossas abertas para os enterros.

A Igreja aproximava mortos e vivos com a idéia de Purgatório, que surgiu no séc. XIII, local para onde se destinavam as almas que não tinham pureza suficiente para irem direto ao Paraíso, mas estavam salvas do Inferno. Era um local de julgamento individual, onde o tempo de estadas das almas poderia ser abreviado com missas, orações e pelas intervenções diretas de santos e de boas almas junto a Deus, durante e após o julgamento da alma do morto.

³² Cf. REIS, João José, *A morte é uma festa*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.

O lugar da morte: início da separação

A partir do Renascimento até o séc. XVII, Ariès³³ observa uma mudança sutil: a hora da morte parece já não ser tão valorizada, sendo substituída pela crença da necessidade de refletir sobre a morte durante toda a vida.

Paralelamente, aos primeiros sinais de separação entre morte e vida, que surgiram, temos a presença do que Ariès denominou, no séc. XIX, de morte romântica. Considerada bela, um repouso eterno e um reencontro com os que se amam, a morte passa a ser desejada. É a aproximação entre Eros e Thánatos: a morte é libertação mas é, também, ruptura e separação. Acreditava-se muito na vida futura e esta idéia de um além surge da própria escatologia católica, da crença de uma alma imortal.

Na França, uma mudança de atitude tem início já no séc. XVIII, no rastro do Iluminismo que, com o avanço do pensamento racional, os ritos se simplificam e diminuem. A morte passa, pouco a pouco, a ser algo privado; os mortos passam a ser encarados como tabu público. O perigo e a pureza não se definem mais pelos ritos religiosos mas, por critérios médicos. A ciência chega dando razão para esta separação, mas com uma força e grandeza que leva ao total afastamento da morte. Por motivos de saúde passa-se a afastar a morte da vida: os higienistas defendem que a decomposição dos mortos é fonte de infecção do ar e pode afetar o vivo.

Na Inglaterra, as mudanças e o declínio dos funerais elaborados, do cuidado com o cadáver, surgem a partir do séc. XVI, por influência do protestantismo, que criticava a crença no Purgatório, dizendo que esta só servia para “engordar” os padres. Calvino propõe rituais fúnebres simples e a reforma da fé. Apesar das críticas, católicos e alguns protestantes resistiam, mantendo as tradições de seus enterros; embora não enterrassem seus mortos em igrejas, não aceitavam o distanciamento entre vivos e mortos. A reforma cemiterial na Inglaterra só viria definitivamente após as reformas francesas. A partir daí, inicia-se a criação de cemitérios fora do convívio da população e, assim, foram criados novos rituais e novos locais de enterro. Os cemitérios foram se tornando grandes, arborizados, com túmulos vistosos e eram visitados como locais solenes.

³³ Cf. ARIÈS, Philippe, *O homem perante a morte II*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1977.

A idéia de um espaço urbano civilizado pedia que a morte fosse higienizada e , para tal, era importante separar os mortos dos vivos, colocá-los em cemitérios distantes e longe dos centros, para que fossem evitadas possíveis contaminações que causariam doenças físicas e morais. Era chegado o racionalismo iluminista e o poder da razão dominava e tinha a medicina como seu aliado. Surge a influência de uma nova visão da morte: a visão médica.

As reações no imaginário popular

A Igreja era o centro da vida e da morte, lá eram celebradas todas as grandes passagens do processo da existência - batismo, casamento e morte - sinal de início e fim de um ciclo. O preparo para a morte, além de auxiliar com o medo, era visto como forma de salvação.

A Igreja era limitada nos ritos funerários. Não há sinais de interceção dos vivos pelos mortos em nenhum escrito bíblico e alguns autores, segundo Ariès³⁴, sugerem que é da prática pagã que surge a prática cristã. A primeira expressão desta prática é a oração pelos mortos, que surge da necessidade dos vivos de interceder pelos mortos, para que estes possam alcançar a salvação. Provavelmente, esta seja a principal razão nas mudanças verificadas no séc. IX na estrutura da missa, quando novos ritos começam a surgir transformando o papel do clero: missas de corpo presente, de enterro, ritos de absolvição como orações aos mortos, donativos e testamentos.

João José dos Reis³⁵ afirma que testar era considerado um dever de consciência, era necessário um plano para morrer e, para muitos, o testamento e sua preparação facilitava o processo e aliviava o medo, além de ser um auto-exame para a salvação. A salvação pedia que se deixasse a vida em ordem, as dívidas deviam ser pagas ou reconhecidas; as questões familiares resolvidas, como reconhecimento de filhos, relações ilícitas, nomeações de tutores, recomendações às esposas; as promessas cumpridas e o perdão era visto como uma atitude louvável.

Um profundo exame de consciência levava a um acerto de contas com tudo que o indivíduo julgava que deveria ser reparado. Assim, ele administrava seu fim, fazendo

³⁴ Cf. ARIÈS, Philippe, *O homem perante a morte II*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1977.

³⁵ Cf. REIS, João José, *A morte é uma festa*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

valer suas palavras. Morrer bem exigia um esforço de todos, desde o acompanhamento das necessidades do doente, das rezas e velas, até conversas entre as pessoas que se reuniam para falar da doença e da morte.

Neste contexto, surgiram as irmandades e confrarias com um papel de fundamental importância tanto na vida quanto na morte. O objetivo eram as obras de caridade voltadas para seus membros ou para pessoas carentes. Eram formadas por leigos, porém deveriam ser acolhidas por uma igreja ou ter um estatuto aprovado por ela. Através delas se fazia a vida e se preparava para a morte pois, muitas vezes, eram elas que auxiliavam na elaboração e realização dos ritos fúnebres.

A crença no Purgatório acrescentava um valor maior aos ritos fúnebres e também a ação da irmandade. A fé popular acreditava que orações e missas, confissões e boa sepultura eram o que desejavam estas almas perturbadas e, para a Igreja, o sacrifício da missa tinha como objetivo resgatar as almas do purgatório. Existia uma certa economia religiosa, segundo Reis³⁶, de troca, onde as almas tinham vontade e poder, zangadas poderiam prejudicar e, satisfeitas, poderiam ajudar. Surgia assim, um relacionamento entre vivos e mortos, sendo que estes últimos poderiam transitar entre os dois mundos, caso não fossem atendidos em seus pedidos.

No Renascimento a imagem da morte perde sua representação do moribundo no leito e passa a ser a separação da alma e do corpo, separação de dois pólos, no momento em que o dualismo penetra na sensibilidade coletiva. Busca-se o preparo para a morte durante a vida e é neste momento que aparecem as técnicas para o alcance deste preparo como, por exemplo, os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio.

Na verdade, observamos neste momento a presença de uma inquietação com a morte, onde a saída é diluir o pensamento sobre a morte durante toda a vida, mantendo-a mais distante. É o início do afastamento da morte que terá como momento aparentemente contrário, a morte “romântica” do séc. XIX. Mas em comum teremos o enfrentamento da morte sendo adiado ou romanceado por uma percepção de finitude que surge cada vez mais concreta.

³⁶ Cf. REIS, João José, *A morte é uma festa*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991,p.214.

I.1.5 O lugar da morte hoje

*“Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!...E devo então dormir com ela?
Se ela ao menos dormisse mascarada!”³⁷*

Em nossa cultura não há espaço para pensar sobre a morte. Encontramos, principalmente nos grandes centros urbanos, uma realidade que se caracteriza por silenciar qualquer sinal de dor ou sofrimento. Mascarada, a morte hoje só é percebida quando está ligada à perda de uma figura de afeto³⁸. No restante, ela se encontra banalizada, fruto de uma impotência que não condiz com a idéia de conquista de felicidade e sucesso difundida em todos os meios de comunicação.

Estamos preocupados com perfeição e nada pode sair do nosso controle. A realização, a felicidade e o progresso são pré-requisitos para a nossa aceitação. Hoje, em um momento cada vez maior de detenção de conhecimento e controle dos efeitos prejudiciais que nosso organismo possa sofrer, a fragilidade vivida diante da perda de uma pessoa ou da morte anunciada por uma doença é contrária à onipotência do nosso saber.

No séc. XX, segundo Nuland³⁹, a sociedade expulsou a morte para proteger a vida. Não há sinais que uma morte ocorreu, ela não pertence à pessoa, esta perde a responsabilidade e a consciência do morrer. O importante hoje é que a morte passe despercebida. Considerada suja, feia, a morte deve ficar escondida. Surge vitoriosa a medicalização que pode “limpar” o indivíduo desta sujeira (a morte), salvando-o. E a mentira justifica-se para poupar aquele que amamos da realidade da morte. A morte é um fracasso, expressa impotência ou imperícia, valores não admitidos em nossa

³⁷ AZEVEDO, Álvares de, *Noite na Taverna e Poemas Escolhidos de Lira dos Vinte Anos*, São Paulo, Moderna, 1994.

³⁸ É importante observar que, embora este assunto não será aprofundado nesta pesquisa, que perdas de figuras públicas são observadas e os ritos fúnebres são estimulados e contam com a participação de um grande número de pessoas.

³⁹ Cf. NULAND, Sherwind, *Como morremos: reflexões sobre o último capítulo da vida*, Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

sociedade hoje. Kovács afirma: “O triunfo da medicalização está, justamente em manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio.”⁴⁰

Perto da morte, o paciente é um incômodo para o vivo, que deverá ser cuidado por um hospital, pois a própria vida hoje dificulta o cuidado com o doente. A doença, a dor, o processo de morte são ocultados da sociedade que não os suporta, há uma exigência de controle das emoções. É a morte estéril, aquela que não contamina o vivo. O quarto do moribundo passa a ser um quarto de hospital, onde a solidão é maior, pois regras precisas, ditadas pelo corpo médico, devem ser seguidas para a suposta recuperação do doente, que necessita de repouso. A morte não é mais um evento público. O momento da morte não é mais natural, é uma decisão médica, o moribundo não pode mais administrar seu fim. A morte é retirada da sociedade, aumentando a nossa dificuldade em lidar com ela, distanciando-a da vida.

“Hoje, o homem melhor protegido contra a possibilidade de fixar a hora da morte é o paciente atacado por moléstia grave. A sociedade, agindo por intermédio do sistema médico, decide quando e após quais indignidades e quais mutilações ele morrerá. A medicalização da sociedade pôs fim à era da morte natural. O homem ocidental perdeu o direito de presidir o ato de morrer. A saúde, ou o poder de enfrentar os acontecimentos, foi expropriada até o último suspiro. A morte técnica saiu vitoriosa sobre o trespasse. A morte mecânica conquistou e aniquilou todas as outras mortes.”⁴¹

Esta morte, que não sabemos se ocorreu ou não, é uma tendência nos grandes centros urbanos. A cidade de São Paulo, local de origem do Centro Espírita que será o objeto desta pesquisa, é considerada como uma das maiores cidades da América Latina e acaba por se aproximar bastante da realidade descrita acima.

⁴⁰ KÓVACS, Maria Júlia, (org.), *Atitudes diante da morte, visão histórica, social e cultural*, In: *O desenvolvimento humano e a morte*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992, p.38.

⁴¹ ILICH, Ivan, *A expropiação da saúde: Nêmesis da medicina*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975, p.187.

Oficialmente católico desde seu descobrimento, é o pluralismo religioso que mais caracteriza o Brasil. Pierucci⁴² afirma que, hoje, mais que um país católico, o Brasil é um país cristão. Há um número crescente de igrejas cristãs, como as protestantes, pentecostais e neopentecostais. No entanto, as religiões de transe (ou de possessão), como o espiritismo Kardecista⁴³ e as religiões afro-brasileiras, exercem grande influência cultural, embora sejam numericamente minoritárias quanto aos seus seguidores.

Considerado como um povo religioso, o brasileiro está imerso em uma diversidade cultural e religiosa, característica específica de sua formação. Somado a este fato, há grandes diferenças sócio-econômicas no país e até mesmo nos próprios estados, que revelam realidades muito diferentes entre si. Como resultado, é possível encontrar em algumas cidades, principalmente no interior dos estados, regiões que estão sob forte influência da religião católica, onde cultos e ritos ainda encontram-se preservados e, nos casos de morte, ainda funcionam como um meio de integrar o ocorrido.

Por outro lado, nos grandes centros urbanos, o poder médico e o predomínio da razão trouxeram ao nosso imaginário a crua realidade do fim, a dessacralizando a morte e, como consequência, os antigos ritos foram perdendo o sentido. Nosso século é marcado pela negação da morte e de tudo que a cerca. O mistério não é mais só do além morte, mas também dos acontecimentos que antecedem e que rodeiam o momento da morte. Tudo é feito para que nos mantenhamos afastados deste que é considerado um terrível momento. As crianças são poupadas e distanciadas do fato, os velórios devem ser curtos, os enterros são evitados e a morte ocorre oculta, na maioria das vezes, dentro de um hospital ou de uma instituição de saúde que julgamos estarem mais preparados para enfrentar a situação.

A realidade social de um grande centro, como São Paulo, contribui para o ocultamento do morrer. Os enterros são providenciados rapidamente, devido a questões pertinentes, tais como: não é recomendável, frente à real violência da cidade, que se

⁴² Cf. PIERUCCI, Antônio Flávio, Apêndice: As religiões no Brasil, In: GAARDER, Jostein, HELLEM, Victor, NOTAKER, Henry, *O livro das religiões*, São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p.281.

⁴³ Segundo dados do Censo Demográfico, ano:1991, fonte IBGE, o número de pessoas declaradas espíritas foram 1.644.354 em todo Brasil, sendo que a maior parte, 1.585.119, encontram-se na zona urbana e, 59.235 na zona rural. Em São Paulo estão 560.548 espíritas, sendo que 547.830 nas zonas urbanas.

passa a noite em um velório; os compromissos de trabalho são priorizados; existem grandes dificuldades com o trânsito; os custos; a burocracia; a moradia em apartamento que dificulta o velório em casa (um caixão não passa pelo elevador, sem falar no tamanho dos apartamentos), entre outros.

Para nós, pertencentes ao século XX, momento em que os cultos e ritos que nos auxiliavam frente à morte perderam o sentido, basta entregarmos o nosso terror aos médicos e hospitais, em quem projetamos nosso desejo interno de onipotência e controle da morte e, ao mesmo tempo, onde vivemos toda a nossa impotência e falta de controle sobre a vida.

Estamos negando a morte, mas sabemos que culturalmente somos impelidos a integrá-la de alguma forma mediante o universo simbólico (rituais, mitos, símbolos, entre outros). A morte é assimilada como um fracasso, algo que precisa ser banido de nossa história. Mas, o sofrimento mobiliza a ação do inconsciente, possibilitando a reorganização da personalidade. Negamos a morte e algo dentro de nós parece nos empurrar para uma busca de sentido cada vez maior.

Cada vez mais, não há lugar para a morte nos grandes centros, não há sinais da sua presença na vida cotidiana. A morte encontra-se na sombra, reprimida no inconsciente como uma “mãe terrível”.⁴⁴ Podemos passar a vida inteira acreditando na nossa imortalidade e sermos surpreendidos pela morte quando esta chegar, mas podemos ser incomodados pela angústia, por um vazio interior, que cobra a reflexão sobre este outro lado da vida, pela busca de um sentido para estarmos aqui. A perda de alguém que amamos, cujo vínculo dava sentido a nossa vida e cuja ausência provoca uma intensa dor, retira a morte da sombra, torna concreto o limite da vida, reclama um lugar para a morte.

⁴⁴ A “mãe terrível”, também chamada de *dragão-mãe*, *mãe-sarcófago*, a devoradora de carne humana, ou *Matuta*, mãe dos mortos, a deusa da morte. É um tema, segundo Jung, muito encontrado na mitologia pelo mundo todo. É um monstro que absorve a criança novamente, a suga para dentro depois de tê-la feito nascer, vive a espera, de boca escancarada, nos Mares do Ocidente e quando um homem se aproxima ela se fecha sobre ele, e é o fim. Cf. JUNG, Carl Gustav: *A vida simbólica*, Obras Completas, vol.18/1, Rio de Janeiro, Vozes, 1997, p.104.

I.2 O LUTO: UM DIÁLOGO NÃO PERMITIDO

“Diz-se que a experiência do luto nos humaniza. Isso é verdade, ela deita-nos abaixo do nosso pedestal narcísico. Machuca-nos, humilha-nos, lembra que não somos onipotentes, que tudo passa, que tudo muda, que nem sempre teremos ao nosso lado aquele que amamos. E toda essa dor do luto, contra qual nos defendemos de todas as maneiras possíveis, acaba por abrir um espaço dentro de nós. Um espaço de pobreza e de fecundidade. Um espaço para amar.”⁴⁵

O luto para Morin⁴⁶ é uma forma de expressar uma inadaptação individual à morte, mas também uma forma do social adaptar a morte com o intuito de aliviar o sofrimento do indivíduo, um sofrimento ao reconhecer no outro um cadáver que apodrece. A transitoriedade da vida torna-se concreta, assustadora e de tal “impureza” que é necessário que uma quarentena seja estabelecida com o objetivo de proteção.

O psiquiatra britânico Colin M. Parkes que, desde 1950, se dedica a estudar o tema luto, afirma que: “O luto não é um conjunto de sintomas que começam após uma perda e, então, gradualmente desaparecem. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se repõem uns aos outros.”⁴⁷

Bromberg⁴⁸ afirma que o luto só existe quando um vínculo é rompido. Para fundamentar esta afirmação, a psicóloga cita os estudos de Bowlby que demonstram que o vínculo tem valor de sobrevivência para as espécies e o luto seria uma resposta à separação. O sofrimento seria uma reação universal à separação de uma figura de vínculo. O processo de luto é, então, uma forma de ansiedade de separação.

⁴⁵ HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves: *A arte de morrer: tradições religiosa e humanista diante da morte na atualidade*, Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p. 68.

⁴⁶ Cf. MORIN, Edgard, *O Homem e a morte*, Lisboa, Publicações Europa América, 1970.

⁴⁷ PARKES, Colin M., *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.28.

⁴⁸ Cf. BROMBERG, Maria Helena, *Luto como crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*, Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1992.

Socialmente, o luto sinaliza que a pessoa está vivendo em um estado fora do normal, fora do cotidiano esperado, em uma sensação de ruptura que nos é trazida pela morte. Os ritos fúnebres são considerados ritos de passagem, são necessários para auxiliar na localização da morte e na integração simbólica deste acontecimento em nossa vida cotidiana. Todo o ritual tem essa função e auxilia o enlutado a elaborar as emoções experimentadas frente à morte do outro.

O luto é uma forma de viver a morte em vida, de constatar o limite humano. No luto, a morte torna-se presente e real, partilhamos com os outros o fim de um semelhante e toda a emoção que o fato desperta no humano. Mas partilhamos, também, a realidade da vida com outros, estabelecemos vínculos que possibilitam o conhecimento entre as pessoas.

I. 2.1 Do que falam os ritos

“Um mito é uma história que geralmente acompanha um rito.

O rito com frequência reitera um ato em que o mito se baseia.”⁴⁹

O preparo do defunto na hora da morte nos conta muito da pessoa em si e também de seus costumes, crenças e modos de vida. Na verdade, de toda a sociedade em que ela está inserida. Através dos cultos aos mortos observamos a cultura de um povo.

O luto é uma forma de manifestação da tristeza sentida pela morte. Kovács⁵⁰ cita em seu livro que o uso do preto data do paganismo e era uma maneira de expressar medo e de enganar o demônio que buscava outras almas, pois este se confundiria e não reconheceria o vivo. Algumas culturas utilizavam maquiagem branca na face auxiliando esta caracterização. A autora lembra que o preto é o símbolo da noite e da ausência de cor, expressando o abandono e a tristeza, assim como uma forma de resguardar a paz e a serenidade interior dos que estavam sofrendo com a perda. Em outras culturas encontraremos o uso de outras cores.

⁴⁹ GAARDER, Jostein, HELLEM, Victor, NOTAKER, Heenry, *O livro das religiões*, São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p.19.

⁵⁰ Cf. KOVÁCS, Maria Júlia (org.), *Atitudes diante da morte, visão histórica, social e cultural*, In: *Morte e desenvolvimento humano*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992, p.34.

No Brasil, os ritos de luto, segundo Reis⁵¹, ditavam que o nome do defunto não devia ser pronunciado, nem mesmo pela viúva, que devia se referir a ele como “meu defunto”, pois temia-se que pronunciando seu nome este pudesse voltar. Ao sair o enterro, tudo que se referia ao morto deveria ser destruído ou jogado fora e diferentes atitudes deveriam ser tomadas, como: mudar a casa; fechar portas e janelas e varrer no sentido da frente da casa. Estes gestos expressavam a crença que os mortos poderiam voltar e permanecer com os vivos. Os vivos também mudavam todo o vestuário para a fase de luto, o guarda-roupa deveria ser preto, tanto as vestes como os acessórios. A percussão de sinos era também uma expressão muito comum e importante dos ritos funerários; o seu som marcava uma mudança temporal irreversível entre vida e morte e servia também para lembrar a presença da morte e de estarmos atento aos nossos pecados.

Os funerais brasileiros eram verdadeiras festas, nos quais toda pompa servia para expressar um feliz destino que era imaginado para o morto, mas para os vivos não deixava de ser uma forma de trabalhar com sua angústia, o medo e a dor que esta traz. Reis define muito bem esta questão na frase : “Morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano.”⁵² Acrescenta, ainda, que a festa tem este mesmo atributo. Contudo, em ambas a ordem é resgatada ao seu final. Na morte, este resgate se dá através do espetáculo fúnebre, ajudando os vivos a reconstruir a vida sem o morto. Todo o rito serve mais para auxiliar o vivo, ajudando este com a dor e, assim, juntos, os vivos resgatam o equilíbrio perdido com a morte e atestam a continuidade da vida.

Ainda hoje, em algumas cidades do interior do Brasil, é possível encontrar ritos fúnebres, bastante elaborados e próximos do descrito acima. Mas, na maioria das cidades, inclusive nos grandes centros urbanos, há muito os ritos vêm se simplificando e perdendo o sentido que, anteriormente, assegurava para o indivíduo um parâmetro para a elaboração de suas emoções, advindas do contato com a perda e a morte.

A falta de ritos e de preparo para a morte, juntamente com o fato desta ser ignorada pela comunidade, resultaram em um aumento da solidão e do isolamento. Negando a morte, negamos a existência, isto é, estamos condenados a uma morte social

⁵¹ Cf. REIS, João José, *A morte é uma festa*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991, p.132.

⁵² *Ibid.*, p.138.

que decreta que nosso ente querido, além de morto deve ser esquecido; o que provavelmente acontecerá, também, após a nossa própria morte.

I.3.2 O luto sem voz

“O tabu da morte é um tabu da intimidade... E é essa interioridade que nossa sociedade evita e dissimula tanto quanto pode.”⁵³

Vivemos sob este luto que não deve e não pode ser expresso. Nas grandes cidades, tornou-se difícil perceber sinais de luto e para o enlutado somente é permitido a reação de dor inicial, pois reconhece-se o aspecto terrível da morte. No entanto, logo exige-se uma reação do indivíduo e se este não o faz, é condenado a uma quarentena interminável, isto é, o enlutado acaba por ficar só com a sua dor, entendendo-se fraco e doente por não conseguir superar a perda.

A psicologia tem buscado diferenciar o chamado luto normal do luto patológico. As diferenças entre eles têm sido muito, freqüentemente, motivo de discussões. Muitos autores têm dificuldade em discriminar o momento que poderíamos considerar patológica a depressão causada por uma perda. O meio social auxilia neste processo, pois não aceita a expressão da dor com naturalidade e tende a excluir o enlutado, ou mesmo, a fazer exigência quanto às atitudes de reação contra a tristeza. Estabelece-se que o diálogo não será permitido; o enlutado deve ficar só com a sua dor.

O fato é que, ao negarmos a morte e não havendo espaço para o enlutado chorar sua dor, a patologia no luto vem crescendo. Parkes apresenta com muita clareza o momento em que o luto começa a ser visto como doença e, para tal, compara-o a uma ferida física que precisa de cuidados:

“A perda pode ser vista como ‘um choque’. Assim como no caso do machucado físico, o ‘ferimento’ aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, pode ocorrer complicações, a cura é

⁵³ HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves, *A arte de morrer: tradições religiosa e humanista diante da morte na atualidade*, Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p. 45.

mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. Nesses casos surgem as condições anormais, que podem ser ainda mais complicadas com o aparecimento de outros tipos de doenças. Muitas vezes parece que o resultado será fatal.”⁵⁴

A psicóloga Maria Helena Bromberg, observa:

“Luto é uma ferida que precisa atenção para ser curada. Este processo de cura é basicamente composto por duas mudanças psicológicas a serem realizadas durante o processo de luto. A primeira é reconhecer e aceitar a verdade: a morte ocorreu e a relação agora está acabada. A segunda é experimentar e lidar com todas as emoções e problemas que a perda cria para o enlutado. Estas mudanças se mesclam e levam tempo.”⁵⁵

O luto pode ser considerado como um estresse, conceito cuja definição é tão complexa como o próprio luto. As conseqüências fisiológicas e psíquicas, como forte emoção, estado de alerta, inquietude, tensão, pânico, crises de ansiedade, são sintomas encontrados tanto em um como no outro. Parkes, ao pensar no estresse experimentado no luto, apresenta-o como uma situação de crise, entendida como:

“(…) situações importantes de estresse na vida, de duração limitada, que colocam em risco a saúde mental. Essas crises alteram os modos habituais de comportamento das pessoas envolvidas, alteram circunstâncias e planos, e levam a necessidade de um trabalho psicológico que requer tempo e energia. Oferecem ao indivíduo a oportunidade e a obrigação de abandonar velhas concepções sobre o mundo e, assim, descobrir novas. Constituem, portanto, um desafio.”⁵⁶

⁵⁴ PARKES, Colin M., *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.22.

⁵⁵ BROMBERG, Maria Helena, *Luto como crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*, Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1992, p.7.

⁵⁶ PARKES, Colin M. , *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.57.

Este desafio pede o abandono do velho para abrir espaço para a chegada do novo. O sofrimento convida o enlutado a entrar em um processo de transformação e criação. Isto é possível porque é no momento de crise que mobilizamos energia psíquica e, desta forma, possibilitamos a manifestação do inconsciente. É o momento que a experiência da perda provoca no indivíduo uma desorganização interna, suscitando diferentes emoções e também no externo, onde, com a ausência do outro, provoca inevitáveis transformações no cotidiano.

No momento de crise surgem imagens, que, segundo a psicologia analítica, podem servir como apoio na reestruturação do enlutado. A vivência do limite nos obriga a dialogar com o inconsciente, o que proporciona uma saída criativa para a crise. Na elaboração do luto, atentos à força simbólica da perda, podemos aproveitar a oportunidade de enterrar (ou deixar morrer) os velhos hábitos, possibilitando o surgimento de um novo Eu.

I.2.3 Escutando o enlutado: fases do luto

“Com certeza aprender a viver é aprender a amar e, portanto, aprender a perder. (...) Aprender a amar é aceitar nossos limites, assumir nossa impotência e somente estar presente na aceitação do desenrolar das coisas, do que é. A vida é essa aprendizagem: a aceitação do real.”⁵⁷

Aceitar o real nem sempre é fácil, principalmente quando a realidade pede que se aceite a perda daquele que amamos. Em um processo complexo, o luto pede esta aceitação da realidade para viabilizar sua elaboração, resignificando o conceito de amor. Uma intensa jornada se inicia, é necessário o desapego daquele que a morte retirou do convívio. Parkes⁵⁸ define como traços característicos dos processos de luto a *procura*, o *alívio*, a *raiva* e a *culpa*.

⁵⁷ HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves, *A arte de morrer: tradições religiosa e humanista diante da morte na atualidade*, Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p. 69.

⁵⁸ Cf. PARKES, Colin M., *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998.

A procura

O traço mais característico do luto são os episódios agudos de dor, com muita ansiedade. Para Parkes, esta dor provoca a urgência em procurar o objeto perdido, como um chamado, que é expresso na maioria das vezes pelo ato de chorar. A procura, mesmo quando há a consciência de que é uma procura sem sentido, pois o outro está morto, é um impulso forte após uma perda. E acrescenta:

“Os que procuram têm em sua mente um retrato do objeto perdido. À medida que se aproximam de um possível local para encontrar, as sensações advindas desse local combinam-se com o retrato. Quando se ajustam, mesmo que só por aproximação, o objeto visto é ‘reconhecido’, a atenção é colocada nele, e maiores evidências são buscadas para confirmar a impressão inicial.”⁵⁹

E como componentes desta procura, Parkes define sete tipos de comportamento:

1. alarme, tensão e estado de vigília
2. movimentação inquieta
3. preocupação com pensamentos sobre a pessoa perdida
4. desenvolvimento de um conjunto perceptivo para aquela pessoa
5. perda de interesse na aparência pessoal e em outros assuntos que ocupariam sua atenção
6. direção da atenção para aquelas partes do ambiente nas quais a pessoa perdida poderia estar
7. chamar pela pessoa perdida

No comportamento de procura é importante ressaltar a clareza na percepção e como é forte a imagem do morto na mente do enlutado. Estas imagens são tão nítidas

⁵⁹ PARKES, Colin M. , *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.69.

que, embora sejam consideradas reações normais de luto, é necessário muitas vezes assegurar ao indivíduo que ele está dentro de uma normalidade.

Na procura são evocados os comportamentos de apego, mas também os hábitos cotidianos, aqueles comportamentos do dia-a-dia que existiam a partir da relação como, por exemplo: arrumar a mesa para dois, ou mesmo atividades que eram feitas em conjunto com o falecido.

O Alívio

A procura continua intensa mesmo que tenha resultados frustrantes. Neste momento, a dor é intensa e, compensatoriamente, são evocados mecanismos de defesa. A sensação, ou a impressão de que a pessoa perdida está por perto, é reconfortante para o enlutado e costuma ocorrer muito durante o processo de luto. Mas, logo a realidade se faz presente e o comportamento de procura continua. Neste sentido, procurar e encontrar andam juntos, não simultaneamente, mas alternadamente.

Outra forma de alívio da dor do luto é a descrença do ocorrido, não acreditando que a morte aconteceu de fato. Esta negação da morte é muito comum logo após a perda e neste momento recebe o nome de entorpecimento, sendo que este é normalmente considerado como a primeira fase do luto. Em geral, este entorpecimento só tem fim com a visão do corpo ou algo que concretize a morte ocorrida.

Evitar pensar na perda também é uma forma de amenizar a dor vivenciada. É uma defesa, como todas as outras citadas acima, mas defesas importantes, pois a negação da perda oferece a oportunidade de se preparar para ela, com todas as transformações que serão necessárias para a passagem do processo.

Raiva e culpa

A raiva é uma reação encontrada no processo de luto que varia muito de pessoa para pessoa. Na verdade o que mais é encontrado é uma irritação generalizada e amargura, como os comportamentos encontrados em situação de estresse. É como se o

enlutado estivesse reagindo a uma situação de perigo iminente que, na verdade, é o perigo da perda de si mesmo, que poderá ocorrer se for real a perda do outro. A inevitabilidade da morte carrega a inevitabilidade de continuar a vida sem o outro e o enlutado vive em uma situação limiar, que é uma fase de transição onde, no final, ele precisará se reconhecer vivo sem o outro a quem estava vinculado.

A culpa surge porque a morte, em nosso entendimento inconsciente, só pode ser causada e a reação natural é que busquemos um responsável pelo sofrimento e que, portanto, será o culpado. O enlutado culpa a si mesmo, ao morto, ao médico; a variação é imensa de pessoa para pessoa e do momento do luto que está sendo vivido.

A morte é um fato importante e para o qual não temos controle, somos impotentes frente à ela e, portanto, é natural que busquemos um sentido ou, até mesmo, uma explicação para o seu acontecimento. Buscar um culpado, acusar-se a si mesmo, brigar com Deus ou com o destino são formas de retomar um mínimo de controle na situação.

A partir deste traços característicos, e baseado no trabalho da psicóloga Maria Helena Bromberg⁶⁰, podemos definir as seguintes fases que devem ser consideradas como referências na compreensão de um luto normal. A inibição, o adiamento, o retardamento em uma destas fases pode sugerir uma possível complicação na evolução adequada do processo.

- a) A primeira fase caracteriza-se pelo choque, entorpecimento e descrença, pode durar poucas horas ou dias e pode ser interrompida por crises de raiva e desespero. O enlutado se sente perdido, desamparado, atordoado, imobilizado. Há uma resistência a aceitar a perda, como uma defesa psíquica frente à perda e uma tentativa de continuar a viver como antes.
- b) Anseio e protesto é uma fase com emoções fortes, com muito sofrimento psicológico e agitação física que surgem a partir do desenvolvimento da consciência da perda. Anseio em reencontrar a pessoa morta, com crises de profunda dor e de choro. Tudo aquilo que não tiver relação com o morto tem pouca importância. É o momento em que aparece a raiva e a culpa.

⁶⁰ Fases trabalhadas por BROMBERG, Maria Helena, *Luto como crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*, Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1992.

c) Com a passagem do primeiro ano de luto, o enlutado deixa de procurar pela pessoa perdida e reconhece a imutabilidade da perda. Esta é a fase do desespero, mais difícil que as anteriores, pois a crença é que nada vale a pena, surge a apatia e a depressão e a superação é lenta e dolorosa. É comum o afastamento das pessoas e a falta de interesse e concentração nas mais diversas atividades.

d) Recuperação e restituição. É o momento em que começam a surgir sentimentos mais positivos, inicia-se uma aceitação de mudanças em si mesmo e na situação, com maior facilidade e eficácia em lidar com o novo. Uma pessoa renovada que permite a si mesmo desistir da procura da pessoa morta. É o retorno da independência e da iniciativa. É comum a chamada “reação de aniversário”, que é o reavivamento dos sintomas nas datas significativas, como aniversários de nascimento, morte, casamento.

Bromberg⁶¹ acrescenta que a base do trabalho de elaboração de luto está na necessidade de, simultaneamente, desligar-se do objeto perdido e manter internalizados seus traços, isto visto do processo pessoal. É muito ameaçador a tentativa dos familiares de resolver o luto pelo “esquecimento do morto”. O enlutado, no início do processo de luto, precisa manter viva a imagem do morto, pois o esquecimento, segundo a autora, tem o significado de esvaziamento antes dele estar apto a estabelecer novas relações.

Várias pesquisas demonstram um alto índice de mortalidade em pessoas enlutadas. O número maior parece ocorrer nos primeiros seis meses após a perda diminuindo, gradualmente, depois deste período. Os problemas cardíacos são os que lideram a causa de morte, seguido por cirrose de fígado, doenças infecciosas, acidentes e suicídio. Estes dados são trabalhados por Parkes a partir da análise de diversas pesquisas. Comenta que é impossível afirmar que estas doenças tenham como causa o luto, uma vez que podem fazer parte da história do enlutado e terem sido potencializadas com a vivência da perda. Sobre este dados, o autor conclui:

“Acredito que podemos afirmar, com adequação, que muitos viúvos e viúvas buscam ajuda durante os meses após a morte do cônjuge e que os profissionais mais procurados por eles são da

⁶¹ Cf. BROMBERG, Maria Helena, *Luto como crise familiar, uma abordagem terapêutica e preventiva*, Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1992.

área médica e religiosa. Aceito a evidência de que o luto pode afetar a saúde física, mas parece-me que a maior parte das queixas que leva as pessoas aos médicos reflete ansiedade e tensão, mais do que a doença orgânica. Nesses casos, o papel mais importante para o médico é o de reassegurar às pessoas que elas não estão doentes, em vez de rotulá-las como doentes.”⁶²

Resumindo, podemos compreender o luto como um processo de reações frente à perda de uma figura de vínculo. A reação à perda é tão inevitável quanto a morte. Ao negarmos a morte, negamos também todos os sinais de sofrimento e dor que esta acarreta: negamos o luto. Na realidade, negamos a possibilidade desse luto se manifestar, levando o enlutado a estranhar seus sentimentos. O enlutado acredita-se doente por não perceber que o luto é uma reação natural à perda. Dar voz ao luto é possibilitar o enfrentamento da morte, abrindo um espaço para dialogar com a dor, com o sofrimento, integrar a perda, dar um novo sentido à vida.

⁶² PARKES, Colin, *Luto, estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.41

Capítulo II – Morte e Luto no Kardecismo

“A aparição da Vida é, para o homem religioso, o mistério central do Mundo. Esta vida ‘vem’ de qualquer parte que não é este mundo, e finalmente retira-se daqui de baixo e ‘vai-se’ para o além, prolongando-se de maneira misteriosa num lugar desconhecido, inacessível a maior parte dos vivos. A vida humana não é sentida como uma breve aparição no Tempo, entre dois Nadas; é precedida de uma preexistência e prolonga-se numa pós-existência. Muito pouco se conhece acerca desses dois estágios extraterrestres da Vida humana, mas sabe-se pelo menos que eles existem. Para o homem religioso, portanto, a morte não põe um termo definitivo à vida: a morte não é mais do que uma outra modalidade de existência humana.”⁶²

A idéia de imortalidade, de uma vida após a morte, proporciona um alívio imediato, um conforto para o enlutado que, imerso em sua dor, alterna-se entre a procura e a ilusão de encontrar aquele a quem amou, conviveu e que agora não existe mais. O teste de realidade apresenta-se cruelmente ao sobrevivente, mostrando que aquela vida não está mais aqui. Estaria em algum lugar? Onde? Morte e vida apresentam-se ao sobrevivente carentes de sentido e razão.

Este capítulo tem como tarefa apresentar a doutrina espírita de codificação Kardecista e sua prática, sendo fiel aos textos de origem compilados e comentados por Allan Kardec, como *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho segundo o espiritismo*, *A Gênese e o Livro dos Médiuns*. Especificamente, o foco será a morte e o luto, tendo o auxílio de autores espíritas e estudiosos do espiritismo para uma compreensão mais aprofundada sobre o tema, somado às experiências e às informações coletadas na pesquisa de campo.

⁶² ELIADE, Mircéia, *O Sagrado e o Profano*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, p.123.

A primeira parte deste capítulo, intitulada *A crença espírita*, subdivide-se em duas partes: *O espiritismo Kardecista*, que tem por objetivo uma caracterização geral sobre o espiritismo, sua origem e um pequeno histórico e *A doutrina*, que trata dos princípios básicos do espiritismo.

A segunda parte, intitulada *Assistência Espírita*, descreve, sob o título de *Prática Espírita*, as diversas práticas da doutrina e sua importância enfocando, principalmente, a psicografia. Esta mesma prática será detalhada recorrendo aos dados da pesquisa de campo, sob o título de *A prática da psicografia na pesquisa de campo: O Grupo Noel*.

II. 1 A CRENÇA ESPÍRITA

*“A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas, basta esse instante para revelar-nos o sentido grave e profundo da vida.”*⁶³

A compreensão da morte no espiritismo encoraja os fiéis espíritas a enfrentá-la. Na verdade, tanto a doutrina como a prática espírita estão em íntima relação com a idéia de morte como uma passagem para o mundo espiritual.

Vida e morte são resignificadas para o espírita a partir de sua crença na reencarnação. Acreditar em um além morte pede que o preparo para a vida espiritual comece na vida terrena:

*“É a nossa vida inteira que responde por nossa vida futura; uma e outra se ligam estreitamente; formam uma série de causas e efeitos que a morte não interrompe.”*⁶⁴

A preocupação com a evolução do espírito implica na preocupação com o enriquecimento moral do indivíduo. Abrir espaço para ajudar o outro é viver em fraternidade, respeitando um princípio básico do Kardecismo: a caridade.

⁶³ DENIS, Léon, *O Problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB, 1998, p.129.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 145.

O capítulo I, a partir de uma breve caracterização histórica e de um apanhado sobre as diferentes formas de pensar a morte e o luto, procurou-se demonstrar o distanciamento da morte, da dor e do sofrimento, como tendência de comportamento na modernidade. Esta atitude tem dificultado a expressão dos processos de luto nas grandes cidades, aumentando, significativamente, a solidão e o individualismo, provocando um crescimento de queixas psicossomáticas.

Ao entrar em um Centro Espírita, encontraremos vida e morte aproximadas, contrário a tendência moderna, colocando as sessões de psicografia como um novo espaço de acolhimento do enlutado que está sofrendo a dor de sua perda.

II.1.1 O espiritismo com codificação kardecista

“Nascer, morrer, renascer ainda, e progredir sem cessar, tal é a lei.”⁶⁵

Pierucci afirma, ao descrever o espiritismo Kardecista, que sua crença é baseada na doutrina hinduísta de transmigração das almas, apoiando-se “em dois pilares básicos: a concepção hinduísta de *carma* e a possibilidade de *comunicação com os mortos*.”⁶⁶

O Espiritismo kardecista surge no séc. XIX, na França. Toda a doutrina é baseada em ensinamentos dados por espíritos, através de vários médiuns⁶⁷, que foi compilada por Allan Kardec, pseudônimo utilizado por Hippolite Léon Denizard Rivail, nascido em 03 de outubro de 1804, em Lion, na França.

Allan Kardec, após o contato com uma série de diferentes fenômenos⁶⁸, decide investigar a causa. Através desta pesquisa, Kardec se convence da existência de um

⁶⁵ Frase bastante conhecida de Allan Kardec que está inscrita em seu túmulo no cemitério Père Lachaise, em Paris.

⁶⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio, As religiões no Brasil, In: *O Livro das Religiões*, São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p.289.

⁶⁷ Médiuns são pessoas que podem servir de intermediários entre os seres encarnados (vivos) e os espíritos.

⁶⁸ Para maiores informações a respeito do surgimento da doutrina, o caráter científico atribuído por Kardec às suas descobertas, os principais acontecimentos e conclusões sobre a descoberta de um mundo

mundo invisível, onde seres invisíveis (os espíritos) comunicavam-se e respondiam às

questões dirigidas a eles. Kardec inicia um trabalho de compilação de todas as respostas, organizando-as em tópicos e assuntos que “...constituem toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica sob o nome de *Espiritismo*. *O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos.*”⁶⁹

Os espíritas consideram sua doutrina como:

- a) científica, pois entendem que a origem da doutrina está na ciência e na razão, o que dá sentido e valor aos acontecimentos da vida.
- b) filosófica, aspecto encontrado nas interpretações dos ensinamentos e nas reflexões por eles provocadas.
- c) religiosa, pois baseia-se no fato de que a evolução moral indica a evolução do espírito e é no cristianismo, e na sua prática, que Kardec reconhece a pureza moral.

O espiritismo concorda que as idéias sobre uma vida além da morte não são novas, sempre estiveram presentes na humanidade. Entende, porém, que a doutrina, através do minucioso trabalho de Kardec, pode considerar os ensinamentos recebidos dos espíritos como a terceira Revelação - Consolador, que é a certeza de uma vida após a morte, que nos é trazida pelos espíritos. A primeira Revelação seria o decálogo de Moisés e a segunda, os ensinamentos de Cristo.

Este aspecto consolador da doutrina é reconhecido por todos os espíritas e encontra-se aprofundado em uma das obras que fundamentam a doutrina, *A Gênese*, onde se pode ler no primeiro capítulo a seguinte passagem:

“ 42. – Demais, se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida,

espiritual, recomenda-se a leitura de KARDEC, Allan, *O livro dos espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, pp.9-41.

⁶⁹ KARDEC, Allan, *O que é o Espiritismo*, São Paulo, IDE, 1994, p. 186.

por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de tudo o que se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até a última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas de Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*.”⁷⁰

Jesus, considerado na doutrina um espírito iluminado, eleva o cristianismo e o evangelho à categoria de verdade. Compreender e automatizar o comportamento evangélico passa a ser a meta rumo ao crescimento moral. É este aspecto religioso que marcará o espiritismo no Brasil. Ao contrário do que acontece no mundo, é no Brasil que a doutrina expandiu-se e se fortaleceu, encontrando um espaço propício, espalhando-se rapidamente e sendo facilmente aceita por um povo culturalmente acostumado com idéias de entidades espirituais, de um mundo invisível que atua neste mundo terreno.

A cultura brasileira parece conseguir acomodar uma doutrina que caminha entre a religião e a ciência sem muitas dificuldades. Emerson Giumbelli⁷¹, mediante uma análise histórica do espiritismo, nos mostra que, por ser um país de liberdades religiosas, o Brasil possibilitou este trânsito do espiritismo por diferentes aspectos, possibilitando inclusive escapar das perseguições do Código Penal de 1890 (onde o curandeirismo, a homeopatia, os médiuns receitistas, praticar o espiritismo e a magia, entre outras coisas, foram considerados crimes contra a saúde pública), assumindo a característica religiosa como principal.

⁷⁰ KARDEC, Allan, *A Gênese*, Rio de Janeiro, FEB, 1944, p.34.

⁷¹ Cf. GIUMBELLI, Emerson, *O cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

Ceres C. Medina⁷² em sua tese de doutoramento elabora um profundo estudo sobre o pensamento de Kardec, retomando, inclusive, as questões metodológicas sobre seu objeto (os espíritos). Analisa a forma como ele se tornou um prisioneiro do paradigma de ciência da época e finaliza com um estudos sobre obras psicografadas. A autora afirma que a doutrina espírita foi elaborada dentro de um contexto histórico favorável, uma separação entre vida e morte já estava iniciada, reforçada pelo predomínio da razão e da ciência que buscava melhores condições de vida e um maior controle sobre a morte. Paralelamente, crescia o medo da morte e dos espíritos provocado por um distanciamento da finitude, onde ritos perdiam o sentido juntamente com a atitude de resignação e familiaridade para com a agonia e o morrer.

Medina conclui que os elementos básicos da época foram reinterpretados pelo espiritismo e por Kardec e, entendendo a morte como uma passagem, romanticamente a doutrina oferece um além reconfortante com a possibilidade de encontros e reencontros em algum tempo e/ou em algum lugar:

“(...) busca recuperar a representação de naturalidade e familiaridade que a havia envolvido anteriormente, mas substitui a idéia de resignação pela de aceitação racional, uma vez que a morte analisada e compreendida como parte de um processo evolutivo do espírito, adquire sentido.”⁷³

II.1.2 A doutrina

“A esperança e a caridade são uma consequência da fé. Essas três virtudes formam uma trindade inseparável. Não é a fé que nos sustenta a esperança de vermos cumpridas as promessas do Senhor? Porque, se não tivermos fé, que esperaremos? Não é a fé que nos dá o amor? Pois, se não tiverdes fé, que reconhecimento tereis, e, por conseguinte, que amor?”⁷⁴

⁷² Cf. MEDINA, Ceres, *Determinismo e utopia: um estudo sobre o pensamento de Allan Kardec*, São Paulo, tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 1998.

⁷³ MEDINA, Ceres, *Determinismo e utopia: um estudo sobre o pensamento de Allan Kardec*, São Paulo, tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 1998, p.151.

⁷⁴ KARDEC, Allan, *O Evangelho segundo o espiritismo*, São Paulo, Ed. FEESP, 1996, p.361.

O espiritismo acredita em Deus, considerado o Todo-Poderoso, eterno, único, imutável, soberano, justo, bom, a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Acredita em espíritos, seres inteligentes, criados por Deus e encarregados de administrar os mundos materiais. Pressupõe que a aproximação de Deus se dá pela evolução espiritual, conseguida com o aperfeiçoamento moral de cada espírito, fruto do trabalho em suas sucessivas existências.

“10- O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

- *Não; é um sentido que lhe falta*

11- Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade?

- *Quando seu espírito não estiver mais obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver próximo dele, então, ele o verá e o compreenderá.”⁷⁵*

Kardec parte do princípio que o sobrenatural não existe, que tudo se passa de acordo com as leis da natureza e que a manifestação dos espíritos é uma lei natural. E acrescenta que os espíritos:

“Quanto ao estado, podem ser: *encarnados*, quer dizer, unidos ao corpo; *errantes*, isto é, livres do corpo material e esperando uma nova encarnação para se melhorarem; *Espíritos puros*, perfeitos, e não tendo mais necessidade de encarnação.”⁷⁶

A existência de espíritos implica na crença da sobrevivência da alma após a morte. Alma, inclusive para a doutrina, é o espírito encarnado que, com a morte, desencarna tornando-se um espírito.

O espiritismo acredita na existência de outros mundos habitados que oferecem diferentes possibilidades de evolução e aprendizado para os espíritos. Um destes mundos é a Terra, um planeta de prova e expiação que, no novo milênio, deverá passar

⁷⁵ Idem, *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, p.47. A maioria dos ensinamentos da doutrina é apresentada em forma de perguntas e respostas: as questões são feitas em letras normais e as resposta do plano espiritual, estão em itálico.

⁷⁶ KARDEC, Allan, *O livro dos espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, p.132.

por uma transformação, onde haverá um predomínio do bem, tornando-se um planeta de regeneração.

Para o espírita, a morte é a exaustão dos órgãos. O fim do princípio vital, que junto com o corpo físico e mais o espírito caracterizam a vida. Este princípio vital é retirado do fluido cósmico universal, uma energia que está em todo o universo e é um intermediário entre a matéria e o espírito.

A morte é uma mudança de estado, mas é também uma destruição do corpo, que liberta o espírito, “é o estado de exteriorização total e de libertação do ‘eu’ sensível e consciente.”⁷⁷ A passagem para o mundo espiritual só é possível àquele que desencarnou, àquele cujo corpo pereceu e a alma (nome dado ao espírito encarnado) desencarna, deixa de pertencer ao mundo dos vivos e passa ao mundo dos espíritos. Este mundo passa a ser a parte “invisível” oposta à parte “visível” que seria esta vida terrena.⁷⁸

Aceitar esta realidade espiritual, através das manifestações dos espíritos, possibilita ao fiel começar a compreender os fatos que a vida lhe apresenta. Antes de entrar na vida terrena o espírito planeja as possibilidades, as dificuldades, as provas a serem enfrentadas. Os caminhos a seguir dependerão de sua escolha enquanto ser encarnado e sem lembrança das vida espiritual e de outras encarnações.

Para o espírita, esquecer as vidas anteriores é considerado uma bênção divina, que garante o livre-arbítrio, possibilitando a cada um construir seu próprio destino e ser responsável por seus próprios atos. Cada nova existência torna-se um ponto de partida, onde o ser humano deve aproveitar a oportunidade de corrigir as imperfeições presentes sem as influências das lembranças passadas.

O espírito passa por um período de recuperação, pois encontra-se ainda confuso de seu estado. Denis⁷⁹ nos conta que esta confusão poderá ser maior ou menor dependendo da preparação de cada um para a sua morte. Quanto mais conscientes da realidade da morte, mais preparados estaremos no momento da passagem. Neste estado liminar o espírito fica em repouso, adormecido e inconsciente a maior parte do tempo, recuperando as energias e tomando consciência de sua condição de desencarnado.

⁷⁷ DENIS, Léon, *O Problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB,1998, p.149.

⁷⁸ Denis utiliza os termos *visível* e *invisível* para definir os dois mundos aos quais o ser humano pertence.

⁷⁹ Cf. DENIS, Léon, *O Problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB,1998.

Mais estável, e dependendo de seu grau de evolução, o espírito terá uma consciência ampliada, que irá auxiliá-lo na lembrança de suas vidas passadas, possibilitando um resgate do sentido de toda sua jornada, colocando-o à frente de seu maior inquisidor, que é o seu próprio ser. Todas as lembranças têm como sentido o aprendizado e a contínua evolução do espírito.

Neste sentido, a morte não é uma vingança de Deus, nem algo que pede sua proteção. Muito menos, não é algo de que se possa fugir. Morreremos todos, no momento que chegar a nossa hora. A fatalidade para o espírito tem um sentido diferente, são escolhas que ele fez para a sua vida terrena. São os fatos que surgem e pedem que sua consciência se amplie, tentando dele retirar o máximo de significado para que mais uma prova de sua jornada nesta terra seja vencida. Viver requer uma atitude de entrega às questões que a vida propõe, entre elas, a própria morte:

“- Não há de fatal, no verdadeiro sentido da palavra, senão o instante da morte. Quando esse momento chega, seja por um meio ou por outro, não podeis dele vos livrar.

- Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora não é chegada?

-Não , tu não perecerás, e disso tens milhares de exemplos. Mas, quando é chegada a tua hora de partir, nada pode subtrair-te dela. Deus sabe, antecipadamente, de qual gênero de morte partirás daqui e, freqüentemente, teu Espírito o sabe também, porque isso lhe é revelado quando faz a escolha de tal ou tal existência.”⁸⁰

O intervalo das existências corpóreas é chamado de *erraticidade*, que não tem duração determinada e é quando o espírito errante refletirá sobre as causas que influenciaram sua evolução, decidirá como será sua próxima encarnação e escolherá as provas necessárias para o seu progresso. As aflições do mundo terreno, portanto, podem ser consideradas tanto uma expiação do passado, resultante de faltas praticadas em outras existências (infrações das leis de Deus), quanto uma prova para o futuro.

⁸⁰ KARDEC, Allan, *O livro dos espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, p.327.

Nesta perspectiva evolucionista, teremos a existência de espíritos considerados como protetores que têm como função auxiliar os encarnados, mas também espíritos sofredores. A fraternidade e a compaixão são sentimentos que devem existir entre as criaturas, não importando para seu exercício se o ser encontra-se encarnado ou não. A mesma intenção encontraremos nos chamados espíritos superiores, que encarnam na terra de tempos em tempos com a missão de clarear os caminhos da humanidade, possibilitando avanços para esta. Moisés, Cristo, entre outros, seriam exemplos destas encarnações.

Todos os seres humanos seriam espíritos encarnados, porém é na vida espiritual que se encontra a verdadeira vida. A vida corpórea é passageira, tendo a função apenas de contribuir para a evolução:

“Os espíritos, quando encarnados, trazem com eles aquilo que foi adquirido nas existências anteriores, o que implica na expressão, aparentemente inata, de aptidões especiais e em inclinações boas ou más. Os espíritos evoluem tanto no aspecto intelectual quanto no moral. A reencarnação cessa quando o espírito fica puro, isto é, quando o comportamento evangélico ficar automatizado. A meta do espírito é a perfeição, é a transcendência; é passar do ser biológico ao ser psíquico.”⁸¹

A vida eterna é compreendida como a vida do espírito, sua individualidade é mantida, como podemos observar através das manifestações do mundo espiritual, onde as características individuais é que fazem reconhecer o ser que está se comunicando. Mas há um além, um mundo desconhecido que ainda não podemos compreender:

“17- É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?

-Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, neste mundo.

18- Um dia o homem penetrará o mistério das coisas que lhe são ocultas?

⁸¹ GUARNIERI, Maria Cristina M. , Uma reflexão sobre o Kardecismo ,*Último Andar, cadernos de pesquisas em ciências da religião*, ano 3, nº 3, 2000, p.126.

- *O véu se levanta para ele à medida que se depura; contudo, para compreender certas coisas, precisa de faculdades, que ainda não possui.*⁸²

II.2 ASSISTÊNCIA ESPÍRITA

*“A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.”*⁸³

Kardec considerava o mandamento cristão de *amar ao próximo* um meio de evolução do espírito. A caridade torna-se, então, um dever a ser seguido tanto pelos vivos quanto pelos mortos. Assim, a prática da caridade, expressa nas diversas atividades assistenciais de um Centro Espírita, e o auxílio recebido do Plano Espiritual⁸⁴ são as características principais encontradas no exercício de ser Espírita.

A importância da Assistência Espírita, principalmente a psicografia e sua relação com a morte e o luto, será aqui aprofundada. Dado que toda prática, por mais padronizada que seja, acaba por assumir características próprias do grupo que a realiza, buscou-se enriquecer esta descrição com dados da própria pesquisa de campo.

Os dados aqui apresentados, além de ampliar o conhecimento sobre a prática da psicografia, serviram como fonte para uma caracterização da população que buscava as mensagens no Centro, após uma perda.

⁸² KARDEC, Allan: *O livro dos espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, p.50.

⁸³ KARDEC, Allan (org), *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos - 1968*, São Paulo, EDICEL, s/d, p. 358.

⁸⁴ O espírita chama de Plano Espiritual a dimensão onde vivem os espíritos. Este plano, assim como o mundo material, contém espaços diferenciados onde habitam diferentes comunidades, de acordo com a evolução moral, incluindo o grupo de espíritos que orientam as atividades desenvolvidas. As orientações são transmitidas mediunicamente.

II.2.1 A prática espírita

“Fora da caridade, não há salvação.”⁸⁵

Seguindo a lei suprema ensinada por Cristo: “Amai-vos uns aos outros como irmãos; amai-vos vosso próximo como a vós mesmos e a Deus sobre todas as coisas”, o espírita faz da caridade sua prática fundamental, um meio de conquistar a salvação, nos aproximando de Deus e da perfeição, combatendo o sofrimento, o egoísmo, o orgulho, o ódio e todas as atitudes que nos fazem imperfeitos.

Nesta *reforma íntima*, nome dado pelo espírita para sua transformação psíquica e consequente ampliação da consciência para a evolução de seu ser, a *prece* acaba sendo também um ato de caridade, além de ser um instrumento de cura e de adoração a Deus. A prática da doutrina deve acontecer desde o lar, onde cada espírita é incentivado a escolher, semanalmente, um dia e uma hora, momento em que junto com os seus familiares é feita uma prece, uma leitura do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, que poderão ser complementadas com uma outra leitura ligada à doutrina, e uma reflexão sobre os ensinamentos apreendidos. Após a leitura são feitas vibrações, pela implantação do Evangelho em todos os lares, pela paz, pelas crianças, jovens e idosos, pelos enfermos do corpo e da alma, pelos desencarnados carentes, por aqueles a quem não nos afeiçoamos, pelo incentivo e proteção dos trabalhos do bem e da verdade, por si próprio e pelos familiares. Finaliza-se o trabalho com uma prece de agradecimento.

A frequência e o horário devem ser sempre respeitados, pois é um encontro entre vivos (encarnados) e mortos (desencarnados) que buscam, ambos, a ampliação da consciência para a evolução. Recomenda-se não transformar este encontro em uma reunião mediúnica, deixando para a casa espírita os trabalhos mediúnicos e de assistência espiritual. Esse trabalho é chamado de *Evangelho no Lar* e é geralmente recomendado a todos os participantes. Conta com a colaboração de voluntários, que orientam àqueles que querem implantar essa prática no lar e, também, com a distribuição gratuita de folhetos explicativos nos Centros Espíritas.

⁸⁵ KARDEC, Allan, *O Evangelho segundo o espiritismo*, São Paulo, FEESP, 1996, p.287.

O objetivo do *Evangelho no Lar* é promover uma reunião fraterna, sob o amparo de Jesus, para compreender e sentir seus ensinamentos, promover reuniões evangélicas, para a proteção do lar pela influência de espíritos do bem, para obtenção de amparo para superar dificuldades materiais e espirituais, para união dos familiares.

A conseqüência destes princípios básicos da doutrina acaba fazendo do Centro Espírita um local de assistência e atendimento à população carente. Um espaço caracterizado por relações de amizade, solidariedade, afeto como muito bem explora e aprofunda a questão Florice Raposo em sua tese de mestrado. A autora utiliza o espaço como categoria de análise e o compreende como: “ limite físico, concreto, real ou imaginário, onde os indivíduos se situam e se percebem como seres vivos, personagens ou mesmo como seres espirituais.”⁸⁶ Em sua análise sobre o espaço urbano, ela o entende como um “ambiente propício ao isolamento, à solidão e ao anonimato.”⁸⁷ E acrescenta:

“ As transformações na realidade sócio-espacial são sempre acompanhadas de mutações nos valores, no comportamento e nas relações sociais. Estas nem sempre são satisfatórias e compatíveis com as necessidades psicossociais, individuais e/ou grupais. Na busca desta satisfação, a sociedade desenvolve soluções para as carências que ela mesma cria. Entre aquelas, pode-se incluir a religiosidade em suas diferentes expressões.”⁸⁸

A prática da caridade torna-se uma missão para o espírita pois este entende que ao estar trabalhando no plano material recebe no plano espiritual. Para o espírita ser bom é uma atitude interna e fazer o bem é uma atitude externa. Essencialmente cristão, o espírita busca ser bom, entendendo que fazer o bem torna-se um exercício necessário para ser bom. Esta compreensão atinge também os enlutados que reconhecem na caridade uma forma de evolução do seu espírito mas, também, um auxílio na evolução do espírito de seu falecido. Assim, é comum encontrar nos Centros Espíritas diversos trabalhos de assistência em desenvolvimento, tais como a criação de creches, escolas,

⁸⁶PEREIRA, Florice R., *A razão de tantas vidas: racionalidade mística na religiosidade espírita*, São Paulo, Annablume; Fortaleza, Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceara, 2000, p. 15.

⁸⁷ Ibid., p. 24.

⁸⁸ Ibid., p. 25.

auxílios diversos a favelas ou à população carente, ensino de serviços profissionalizantes, auxílio médico, psicológico, fonoaudiológico, odontológico, jurídico, distribuição de alimentos e a chamada assistência espiritual.

Como uma marca registrada da religiosidade espírita ao longo de sua existência está a assistência espiritual, sendo os *grupos de cura* e a administração de *passes* os mais procurados pela população. Camargo⁸⁹, um dos pioneiros no estudo do Kardecismo no Brasil, principalmente nos aspectos de religião mediúcnica, ressalta a função terapêutica oferecida pelos Centros Espíritas.

Sem rituais preestabelecidos, há um momento de preparação e de finalização de qualquer atividade, os locais são preparados para os diferentes tipos de trabalho, o silêncio é sempre recomendado e a prece estimulada. O espírita afirma que a qualidade moral não depende da mediunidade. Por este motivo, a Evangelização se torna a principal tarefa espírita, pois este entende que os espíritos são atraídos pela sintonia, isto é, o bem atrai o bem, o mal atrai o mal. Através da moral cristã, o espírita vai formando a moral mediúcnica e é esta que vai garantir a idoneidade do médium, estimulando uma atitude de humildade pela consciência que seu trabalho seja apenas um instrumento “entre os dois pólos da vida: física e espiritual.”⁹⁰

A mediunidade para o espiritismo se encontra em quase todos os seres encarnados e desencarnados, sendo mais conhecida por intermediar o mundo dos vivos com o mundo dos mortos. As manifestações dos espíritos podem ser físicas ou inteligentes. As *manifestações físicas* são os ruídos, barulhos, efeitos sensíveis captados por nossos sentidos transmitidos por vontade do espírito. As *manifestações inteligentes* dizem respeito ao diálogo estabelecido com a espiritualidade, através dos pensamentos com a ajuda de imagens, das palavras e da escrita.

Dos diversos tipos de mediunidade e de médiuns, um dos mais conhecidos e procurados são os *médiuns curadores*. Nos Centros Espíritas é possível encontrar um atendimento espiritual para os mais diversos tipo de queixas, tanto emocionais quanto físicas e/ou espirituais. Geralmente, de acordo com o caso, é programado um certo

⁸⁹ Cf. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de, *Kardecismo e Umbanda*, São Paulo, Pioneira, 1961.

⁹⁰ FRANCO, Divaldo Pereira, *Estudos Espíritas*, (obra mediúcnica ditada pelo Espírito Joanna de Ângelis), Rio de Janeiro, FEB, 1982, p.137.

número de sessões, onde serão dados passes específicos⁹¹. As preces sempre iniciam todo e qualquer tipo de trabalho, seguidas por uma leitura e um comentário sobre o Evangelho, que é assistido por todos aqueles que ficam esperando por seu atendimento. Com um resultado muito positivo, esta assistência acaba sendo um dos principais motivos de conversão ou de simpatia pela doutrina.⁹²

Uma prática comum, muito conhecida por todos aqueles que, de alguma forma, tenham seu imaginário envolvido por espíritos e acreditam em uma vida no além, é a *desobsessão*. Nesta prática, o médium recebe um espírito perdido ou perturbado e, uma outra pessoa trabalhadora do centro (pois precisa ser alguém preparado para este trabalho), fala com ele, buscando conscientizá-lo de suas atitudes, tendo como base os ensinamentos do Evangelho. Algumas vezes, estes espíritos estão perturbando uma pessoa encarnada, que procura o Centro para livrar-se da obsessão que lhe causa muito mal, geralmente transtornos psicossomáticos.

Muitos trabalhos nos Centros surgem a partir da necessidade observada no próprio grupo ou mesmo na comunidade em que o Centro está inserido, o que resulta em uma grande variedade. Como exemplo, esta pesquisa encontrou no Centro Espírita Seara Bendita, um *grupo de orações aos mortos*, cujos participantes reúnem-se toda semana com o único objetivo de auxiliar aqueles que faleceram em sua evolução espiritual.

Observa-se que toda a produção dos ensinamentos espíritas e dos fundamentos da doutrina baseia-se na comunicação entre vivos e mortos. Basicamente, estas informações do mundo espiritual são obtidas através da *psicofonia*, quando um espírito utiliza-se da voz do médium para se expressar, e da *psicografia*, onde um médium recebe as mensagens dos espíritos por escrito.⁹³

⁹¹ Doação de fluído vital ou energia espiritual de um médium para um paciente. Existem três tipos de passes: o magnético, que é a energia doada pelo médium; o espiritual, que é a energia doada pelo espírito; e o que contém ambos. Na prática, os espíritas dizem que o mais utilizado é o último.

⁹² Sobre Cura espiritual na doutrina Kardecista consultar CANHADAS, Cleide, *Cura espiritual: uma visão integradora corpo-mente-espírito*, tese de mestrado em Ciências da Religião PUC/SP, 1999.

⁹³ Há outras formas de mediunidade tais como: psicopictografia que é a mediunidade de pintura ou desenho, psicometria, quando um médium consegue ter visões através de objetos, entre outras. Para aprofundar o tema, ver KARDEC, Allan, *O Livro dos Médiuns*, São Paulo, IDE, 1994 ; XAVIER, Francisco Cândido, *Nos domínios da mediunidade*, (obra mediúnica ditada pelo espírito André Luiz), Rio de Janeiro, FEB, 1995. ARMOND, Edgard, *Mediunidade*, São Paulo, Editora Aliança, 1999.

A psicofonia está geralmente presente em palestras, nas reuniões espíritas, em situações onde uma mensagem possa servir como conforto ou enriquecimento moral. A psicografia, mais comumente encontrada, foi a forma utilizada para a construção dos ensinamentos básicos da doutrina, das mais diferentes produções sobre o tema incluindo romances, poemas, aprofundamento das reflexões espíritas, mensagens, entre outras.

Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier, possui um vasto trabalho psicográfico. Em geral, suas obras possuem um cunho religioso muito forte, bastante influenciado pelo Cristianismo e baseia-se na leitura espírita dos evangelhos. O reconhecimento público de Chico Xavier, como uma pessoa digna de confiança e admiração, trouxe para o espiritismo, assim como para a prática da psicografia, uma seriedade que valida previamente a prática e estimula a sua busca.

Na prática espírita, porém, a psicografia possui também o sentido de caridade, principalmente por atender aqueles que se encontram desamparados em sua dor e pesar pela perda de um ente querido. Este amparo deu origem à investigação desta pesquisa e por este motivo é necessário um aprofundamento um pouco maior sobre esta prática.

No mundo dos mortos não temos autorização de penetrar. Neste mundo espiritual, os médiuns só têm acesso quando os espíritos se manifestam, o que deve ser feito de acordo com várias recomendações para um melhor aproveitamento desta comunicação:

41- As comunicações com os Espíritos devem sempre ser feitas com a calma e o recolhimento; não se deve jamais perder de vista que os Espíritos são as almas dos homens e que seria inconveniente deles fazer um jogo e um objeto de divertimento. Se deve respeito aos despojos mortais, deve-se muito mais ainda ao Espírito. As reuniões frívolas e levianas faltam, pois, a um dever, e aqueles que dela fazem parte deveriam meditar que, de um momento para o outro, podem entrar no mundo dos Espíritos, e não veriam com prazer que os tratassem com tão pouca deferência.”⁹⁴

⁹⁴ KARDEC, Allan, *O que é o espiritismo*, São Paulo, IDE, 1994, p. 124.

Toda mensagem requer um médium apto para transmiti-la e também uma autorização do mundo espiritual.

“59 – Os médiuns não possuem senão a faculdade de comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se os Espíritos não querem se manifestar, o médium nada obtém, ficando como um instrumento sem músico.

Os Espíritos não se comunicam senão quando o querem, ou o podem, e não estão ao capricho de ninguém; *nenhum médium tem o poder de fazer virem quando deseje e contra a vontade.*”⁹⁵

Conforme o médium, a psicografia pode ser mecânica, semi-mecânica, intuitiva, de inspiração e de pressentimentos⁹⁶:

. mecânica - o espírito que se comunica atua sobre o médium que, sob esta influência, move braço e mão e não sabe o que está escrevendo.

. semi- mecânica – o espírito age sobre a mão do médium e se comunica mentalmente com este e, assim, à medida que este vai escrevendo também vai tendo uma noção do que está sendo feito.

. intuitiva – o espírito não atua sobre a mão do médium. Age por uma espécie de “telepatia”, do espírito para a mente do médium.

. inspiração – o espírito transmite uma idéia, inspirando o médium, que passa a fazer um relato próprio a partir desta inspiração.

. pressentimentos – os pressentimentos são idéias que surgem em relação aos acontecimentos futuros.

Sem rituais, sem preocupação com a religião de origem, afetivamente receptiva, a prática da psicografia cria um espaço para partilhar a dor e, conseqüentemente, a vida. Um exemplo é o relato emocionado de Vó Martha, sobre uma senhora que trouxe seu sobrinho para ela “dar um jeito”, pois ele só chorava, de dia e de noite:

⁹⁵ KARDEC, Allan, *O que é o espiritismo*, São Paulo, IDE, 1994, p. 130.

⁹⁶ Cf. KARDEC, Allan, *O Livro dos Médiuns*, São Paulo, IDE, 1994.

“(Vó Martha, para o menino)Vem cá, senta aqui com a vovó. (deixei a tia fora; estávamos em maio e as notas do meninos estavam terríveis) O que está acontecendo?”

(o menino) Olha D. Martha, nós fomos passar fora as férias em...Quando nós voltávamos das férias, um caminhão bateu no carro e morreu meu pai, minha mãe, minha Vó e minha irmãzinha. Fiquei só eu, com as duas pernas quebradas (fala sobre as imagens do acidente e diz que queria ajudar e não podia; fala que foi tirado do local, não viu mais ninguém e só acordou no hospital)

(Vó Martha, para o menino) Ah meu amor, deite a cabecinha aqui e chora. Olha a Vó está aqui sábado de manhã, terça à noite, sexta à noite, quando você estiver muito triste vem aqui, deita a cabecinha no ombro da Vó e chora, viu. Você tem que chorar até pôr essa dor toda para fora...você tem que lavar sua cabecinha das imagens que ficaram gravadas. Aí a mãe escreve um bilhetinho, o pai escreve outro...

(Vó Martha) Em três meses as notas do menino começaram a melhorar...É o tal negócio, a gente não pode dizer pára de chorar...como a gente vai mandar os outros estancar o pranto?”⁹⁷

O sofrimento do outro é respeitado por ato de caridade, mas também por reconhecer que a ignorância sobre a eternidade do espírito, a ligação mais forte com a matéria, o desconhecimento sobre as leis divinas causam intranquilidade ao ser. Todo auxílio possível é dado ao enlutado, desde passes, afeto e aconselhamento, apoio psicológico, além do trabalho de psicografia.

⁹⁷ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p. 9 .

Os cursos sobre a doutrina também são sugeridos ao enlutado como uma forma de compreender mais sobre o que está acontecendo. Conhecer a doutrina é o primeiro passo para a inclusão no grupo, após isso virão os trabalhos voluntários e, finalmente, a participação mais global como trabalhador da casa (dando cursos, passes, auxiliando nas atividades do Centro).

Os rituais fúnebres, o período de enlutamento, o ato de lembrar e respeitar o morto são atitudes recomendadas pelo espírita. Movidos por sentimentos de amor, lembranças, preces, pensamentos só podem auxiliar ao desencarnado. Nesta idéia está implícito que a dor da perda é compreensível, mas que a “dor irracional afeta penosamente o espírito, porque ele vê na dor excessiva uma falta de fé no futuro e confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e, talvez, ao reencontro.”⁹⁸

Denis reconhece na prece o melhor auxílio aos mortos e a recomenda àqueles que perderam um ente querido:

“No estado de perturbação, a alma tem consciência dos pensamentos que se lhe dirigem. Os pensamentos de amor e caridade, as vibrações dos corações afetuosos brilham para ela como raios na névoa que a envolve; ajudam-na a soltar-se dos últimos laços que a acorrentam à Terra, a sair da sombra que está imersa. É por isso que as preces inspiradas pelo coração, pronunciadas com o calor e convicção, principalmente as preces improvisadas, são salutares.

“É quase um escândalo ver a desatenção com que se assiste, em nossa época, uma cerimônia fúnebre. A atitude dos assistentes, a falta de recolhimento, as conversas banais trocadas durante o saimento, tudo causa penosa impressão. Bem poucos dos que formam o acompanhamento pensam no defunto e consideram como dever projetar para ele um pensamento afetuoso.

“As preces fervorosas dos amigos, dos parentes, são muito mais eficazes para o espírito do morto do que as manifestações do culto mais pomposo; não é, contudo, conveniente nos entregarmos desmedidamente à dor da separação. As saudades da partida são, decerto, legítimas, e as lágrimas sinceras são sagradas; mas, quando demasiado violentas, estas saudades entristecem e desanimam aquele que é objeto e, muitas vezes, testemunha delas. Em vez de lhe facilitarem o vôo para o Espaço, retêm-no nos lugares onde sofreu e onde ainda está sofrendo aqueles que lhe são caros.”⁹⁹

Interessante notar a crítica de Denis aos rituais fúnebres. O autor já observava a dificuldade de um espaço para a dor, para o respeito e para o sofrimento, que ele, dentro de seu imaginário espírita, diz ser necessário para o morto. Sabemos que este espaço, assim como os rituais, é importante também para os vivos, pois para este também há necessidade de recolhimento. Como um alerta, Denis demonstra como este momento requer atenção; a dor da separação pede “lágrimas sinceras”, que são “sagradas” e devem ser respeitadas. O “sofrimento excessivo”, este deve ser contido, pois não facilita o desapego necessário para a continuidade da jornada do morto. Desta forma, a prece torna-se um recurso que possibilita ao vivo, em qualquer situação e de qualquer forma, fazer algo pelo seu falecido. É como um novo rito, que se bem feito, “com o coração”, auxilia ao morto em sua nova morada e, paralelamente, auxilia ao vivo a aceitar a morte do outro, sustentando, desta forma, o trabalho de luto.

⁹⁸ KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, IDE, 1995, p.364.

⁹⁹ DENIS, Léon, *O Problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB, 1998, p.137.

II.2.2 A psicografia na pesquisa de campo: O Grupo Noel

Eu não morri para vocês morrerem, eu morri para vocês viverem...Esta é a finalidade da psicografia, não é só para dizer 'mamãe eu te amo'...Este é um momento para a reflexão, de amor ao próximo, para cuidar da vida na terra...A partir da reflexão da morte vamos cuidar do que estão vivos para que eles não sofram...¹⁰⁰

A psicografia é a própria origem do espiritismo. Depois de várias tentativas de comunicação com os espíritos, esta passou a ser a forma mais rápida e eficiente de se obter mensagens do mundo espiritual. É através destas mensagens que quase toda doutrina e a maior parte da produção espírita se viabiliza. Mas, como caridade, é na forma de assistência espiritual a quem sofreu uma perda que ela tem um grande valor: o de consolar.

Reconhecida a finalidade da psicografia como um meio de se comunicar com os mortos, com o objetivo de receber orientações, mensagens de entes queridos e possibilitar a reflexão sobre o viver e o morrer, esta pesquisa optou por descobrir esta prática e seus efeitos sobre o luto. Para tanto, era necessário escolher um Centro que realizasse a psicografia, aberta ao público, onde pessoas de diferentes credos, religiões e motivações tivessem acesso à prática.

O Grupo Noel foi escolhido por ser um Centro Espírita reconhecido por seu trabalho de psicografia, embora a maior procura esteja na busca do trabalho de cura espiritual que é oferecida na casa. Na verdade, tão importante quanto o próprio trabalho, encontramos a figura forte e agradável de Martha Gallego Thomaz, que prefere ser chamada de Vó Martha. Médium fundadora do Centro Espírita Grupo Noel, é reconhecida por sua mediunidade na psicografia, nos passes de cura e por incorporar e receber orientações mediúnicas do espírito de Noel Rosa (músico e compositor), que dá nome ao Centro e teria como missão espiritual auxiliar a dirigente nos trabalhos de caridade e amor ao próximo.

¹⁰⁰ Trecho de entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p.5-6, quando se refere à explicação do plano espiritual sobre o sentido da psicografia.

É a própria médium quem relata o início do Centro e comenta que, só após um ano de assistência a gestantes e um trabalho de ambulatório feito pelos idealizadores do grupo, é que foi autorizado pelo “plano superior”, na figura de Noel, o atendimento espiritual. Segundo seu relato, isto se justifica porque Jesus disse que para amar a Deus precisa amar ao próximo:

“Primeiro a gente precisa aprender a amar os da terra para depois entrar em contato com os espíritos. Porque se nós não amamos aquele que nós estamos vendo, como é que vamos amar a Deus, a Jesus, que nós não vemos?”¹⁰¹

Após este percurso, iniciou-se a assistência espiritual às pessoas doentes, além da continuidade do Evangelho e dos estudos de aprofundamento sobre a doutrina. É neste clima de preparo e prática que surge um novo e diferente pedido de ajuda:

“Até que um dia apareceu uma senhora, chorando muito...ela estava chorando e o filho dela me apareceu e pediu que eu transmitisse uma coisa para mãe. Aí nós começamos a transmitir...Atrás daquela veio outra, atrás daquela veio outra...”¹⁰²

Assim, deu-se o início às sessões de psicografia. A experiência deste atendimento trouxe a médium, a consciência do luto como um momento delicado e frágil na existência humana. Em seu relato, Vó Martha lembra que já foi entrevistada pela televisão e por uma revista e ambas perguntaram se ela queria fazer propaganda de seu trabalho (se queria deixar o endereço):

“Digo não. Eu fazendo propaganda vem muito curioso e isso é um atendimento a quem sofre, não é uma distração...”¹⁰³

E continua falando sobre a responsabilidade desta assistência:

“Os médiuns que trabalham aqui conosco tiveram 8 anos de curso. Eles não chegam e tem mediunidade e vão trabalhando,

¹⁰¹ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário p.1.

¹⁰² Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p. 1.

¹⁰³ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p. 2.

assim não...Tem que apurar a mediunidade para eles corresponderem ao plano espiritual...Porque é uma responsabilidade muito grande, às vezes os espíritos dizem coisas íntimas...Tanto, que no começo a gente lia, agora a gente não lê mais. Fica só entre o médium e o parente.”¹⁰⁴

Há um objetivo na psicografia que vai além do consolo. Estimular a reflexão sobre a vida, possibilitar uma experiência dolorosa que não se encerre na dor e na desistência. Vó Martha coloca que as mensagens trazem aos vivos pedidos para que estes voltem ao foco de sua existência. Acrescenta que, a partir de sua experiência, decidiu reunir 40 casais em 1986 para conscientizar o quanto era importante cuidar de quem estava vivo:

“A finalidade é despertar as pessoas ...a função disso é despertar para a vida...Quando há uma disfunção, um desequilíbrio, os espíritos são categóricos: Eu não morri para vocês morrerem. Eu morri para vocês viverem...Se não fosse isso não haveria finalidade...só para dizer ‘mamãe te amo’, todas as vezes”¹⁰⁵

A leitura das mensagens em voz alta é um procedimento conhecido em alguns Centros que praticam a psicografia abertamente ao público. Após atender a um pedido de mensagem, o próprio médium dá início a leitura, cujo conteúdo e autoria, muitas vezes, é reconhecido imediatamente pelo parente ou amigo que está assistindo à sessão. Este procedimento costuma gerar muita emoção na platéia. Carlos Bacelli, atualmente um médium bastante reconhecido por sua competência na psicografia, apontado por alguns seguidores do espiritismo como o provável sucessor de Chico Xavier, costuma ler suas mensagens publicamente. A justificativa para este procedimento baseia-se no fato de que, sob transe mediúnico, sua escrita acaba ficando de difícil leitura. O resultado desta prática é um fortalecimento maior da crença, pois o reconhecimento da autoria da mensagem se dá publicamente. Contudo, a preocupação com a privacidade que possui Vó Martha parece pertinente, pois encontramos em algumas mensagens a citação de detalhes íntimos dos envolvidos, ou mesmo orientações específicas, geralmente de conteúdo moral, que acaba levando o enlutado à uma exposição desnecessária.

¹⁰⁴ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p. 2.

As sessões de psicografia ocorrem todas as 3^{as} e 6^{as} feiras à noite, com início às 20h30. Os solicitantes devem possuir uma *senha*: um papel onde está escrito o nome do falecido, o nome daquele que está solicitando a mensagem, a data e o número do registro no Centro. Esta senha é feita todas as 2^{as} e 5^{as} feiras, durante o período da tarde, onde aquele que deseja pedir mensagens de seu falecido deve levar um atestado de óbito e um documento de identidade.

Nádia, uma médium e trabalhadora antiga da casa, é quem recebe estes pedidos de senha. Ela atende a todos individualmente e com o máximo de atenção. Geralmente ouve as histórias relatadas, mas não faz perguntas, nem prolonga a conversa, procurando ser objetiva e direta nas questões que precisa fazer. Este procedimento, assim como sempre pedir os documentos e não falar em “atestado de óbito” é proposital, pois sabe que não tem condições de lidar com tanta fragilidade em tão pouco tempo. Busca manter todos tranqüilos, em equilíbrio com suas emoções, mas sabe que muitas vezes essa não é uma tarefa fácil. Nestes casos, ela acolhe a pessoa e sua dor ou pede ajuda a outro trabalhador da casa.

Antes da abertura dos portões, Vó Martha e mais duas ou três médiuns se reúnem para a preparação do trabalho. Nesta preparação são feitas vibrações, o grupo se concentra e faz a leitura de um texto ligado à doutrina. Concentradas, deixam manifestar sentimentos, intuições, emoções, que são consideradas como mensagens do mundo espiritual e que fornecem ao grupo uma noção de quem estará com eles durante à noite. Após esta preparação, os portões são abertos (geralmente por volta das 19hs) e a casa começa a funcionar para a reunião da noite. Todos os trabalhadores da casa assumem seus lugares, da recepção à cantina, incluindo atendimentos diversos, como solicitação de mensagens. Aproximadamente 300 pessoas buscam semanalmente este trabalho.

A rotina do solicitante que possui a senha é, ao chegar, mostrar a senha para os atendentes que elaboram um pedido, baseado nos dados registrados nesta, para aquela noite. Em seguida, o solicitante entrega este pedido a médium Vó Martha que, em geral, o recebe com uma grande troca de afeto, através de abraços, beijos, risos e pequenas conversas.

Vó Martha pega este papel e coloca em uma mesa ao seu lado, que está na sala onde só pode ficar ela e uma médium auxiliar. “É sempre preciso trabalhar com um

¹⁰⁵ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p.5.

outro de apoio”, afirma a médium, pois é neste momento que uma equipe espiritual decide e determina quem mandará mensagens. Recebendo as decisões mediunicamente, Vó Martha separa os pedidos e sai para o salão onde ocorrerá a psicografia, sabendo quem dará a mensagem e qual o médium designado para recebê-la. Os médiuns só saberão sobre a mensagens que devem psicografar na hora: todos recebem um bolinho de papel, lêem o nome do falecido, concentram-se e iniciam a escrita.

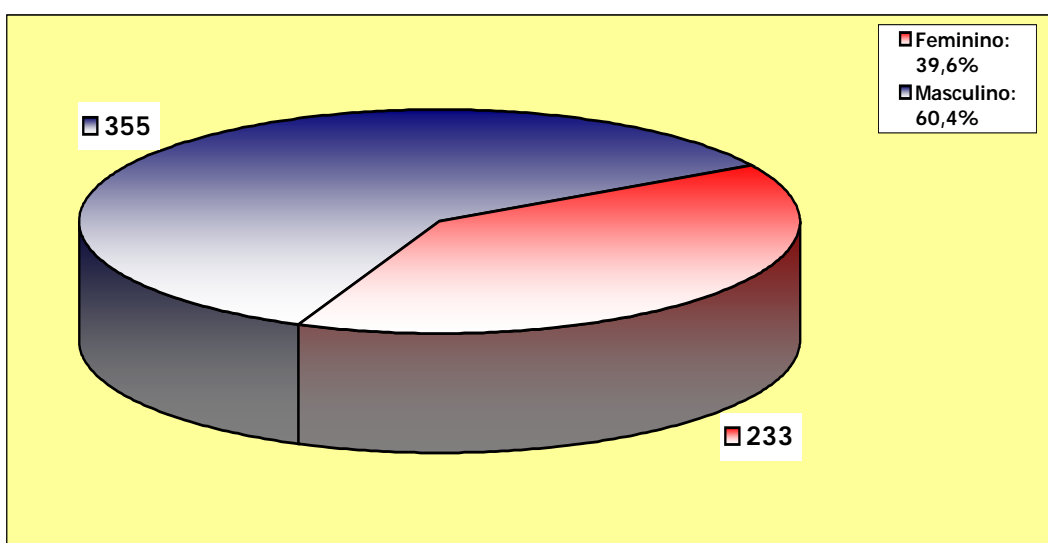
Durante todo o tempo que antecede o início da sessão, o enlutado percorre todo o Centro, conversando com os outros presentes, usufruindo da lanchonete e da livraria. Perto do horário de início, dirige-se para um salão maior para assistir o Evangelho que será lido e discutido por diferentes expositores. Esta Leitura é feita por um grupo sentado à uma mesa grande, com toalhas brancas, e que será totalmente preenchida quando os médiuns, que farão a psicografia, lá se sentarem para dar início aos trabalhos. Sobre a mesa encontram-se muitos papéis e canetas para a escrita, água que será fluidificada com os bons fluidos do mundo espiritual e que, todos aqueles que quiserem, poderão beber ao final dos trabalhos; além de pedidos de vibrações para pessoas adoentadas e com dificuldades várias.

Às 20h30 ela se dirige para a mesa, um dos participantes dá início aos trabalhos fazendo uma prece de abertura. O Evangelho continua a ser lido e discutido durante a elaboração da psicografia. Cada médium, ao terminar seu trabalho, faz comentários sobre a leitura do dia e, na parte final, as luzes se apagam, vibrações são feitas para os pedidos da mesa. Vó Martha e um ou outro médium recebem um espírito e transmitem sua mensagem finalizando, assim, a sessão. As psicografias recebidas são distribuídas e as mais diversas reações podem ser observadas: felicidade por ter recebido, choro de quem não recebeu, choro de saudade, alívio, troca de impressões com amigos e até com alguns médiuns.

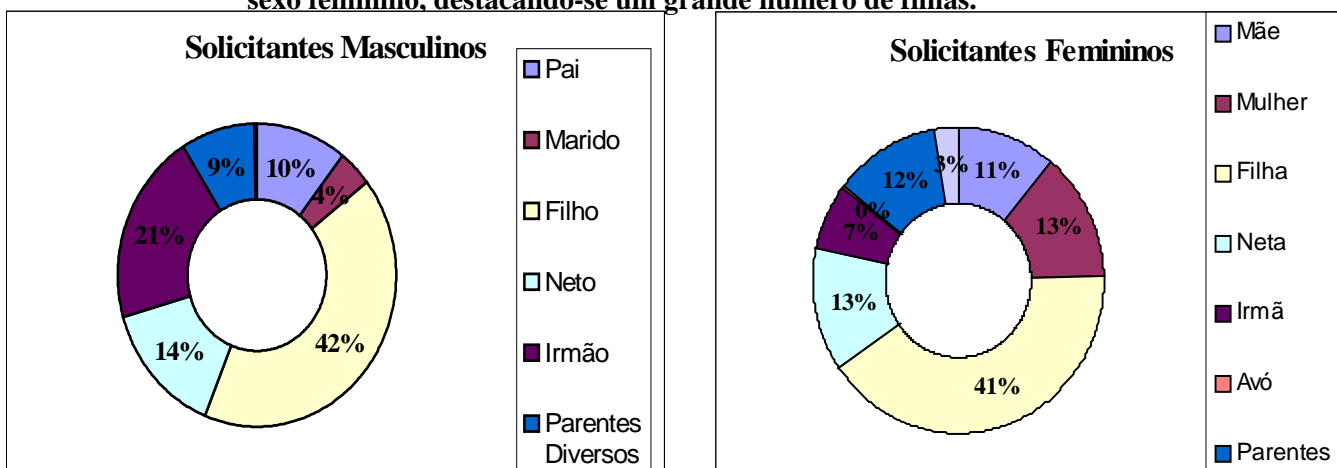
Após o término da sessão, Vó Martha é praticamente retirada do local por seus auxiliares, pois sempre há quem a procure para mais uma palavra, mais um beijo, um agradecimento ou uma queixa chorosa por não ter recebido sua mensagem. A médium recebe à todos, sempre com muito carinho, embora avise que não goste de conversar desta forma, pois sempre pode acabar tratando alguém de forma inadequada, com menos atenção do que estaria precisando. Assim, costuma marcar horários individuais com quem quer conversar com ela, seja qual for o pedido, garantindo um atendimento mais individualizado.

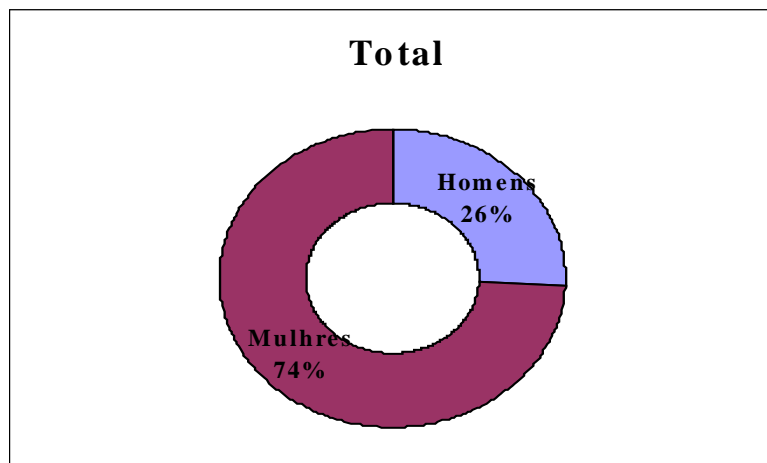
A psicografia acaba atendendo a um ser solitário, que sofre e chora uma perda cuja dor é tão grande que precisa de um auxílio para ser suportada. No ano de 1999, o banco de dados do Grupo Noel registrou 5867 *senhas* (pedidos de mensagens). Uma escolha aleatória de 588 senhas que representa, aproximadamente, 10% do registro total do ano, constatou os seguintes dados:

A maioria dos falecidos é do sexo masculino



Nos registros sempre aparece mais que um solicitante. A maioria dos solicitantes pertence ao sexo feminino, destacando-se um grande número de filhas.

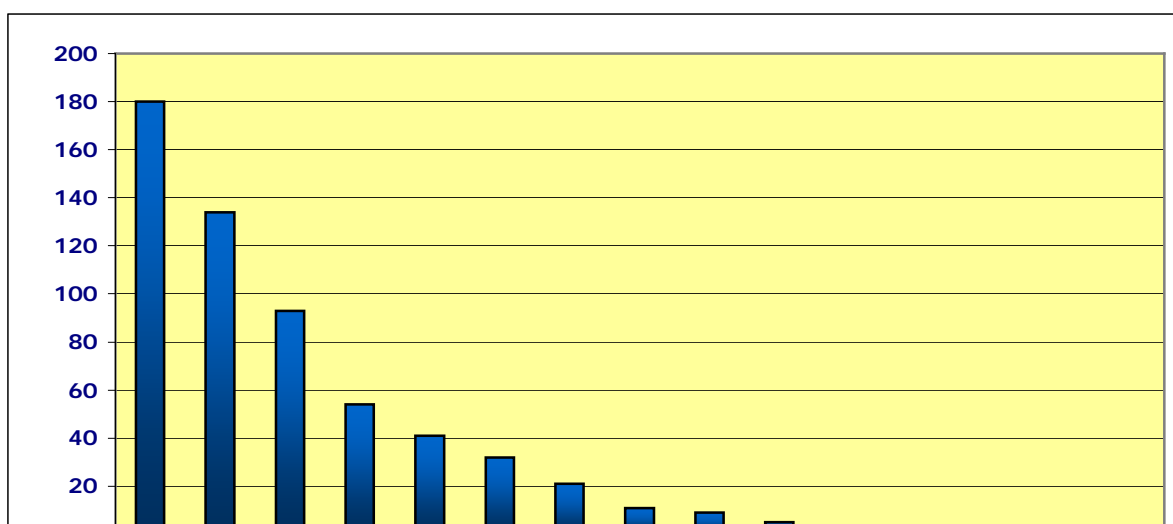




Estes dados revelam que a busca pelo Centro é principalmente feminina, o que pode explicar o número elevado de homens falecidos no primeiro gráfico. É comum encontrar mulheres que pedem mensagens de seus falecidos maridos, filhos, pais, irmãos, avôs e avós. Com relação aos homens, é muito raro encontrar aqueles que buscam mensagens isoladamente. Quando isso acontece, está reservado aos filhos. Normalmente, os pedidos masculinos acompanham outro membro da família, como filha ou esposa.

Em outras pesquisas também observa-se uma maior busca feminina na elaboração do próprio luto. A mulher parece reconhecer e expressar mais suas emoções, tornando-se assim um grande alvo de atendimento e, conseqüentemente, de maior sucesso na solução de seus problemas.

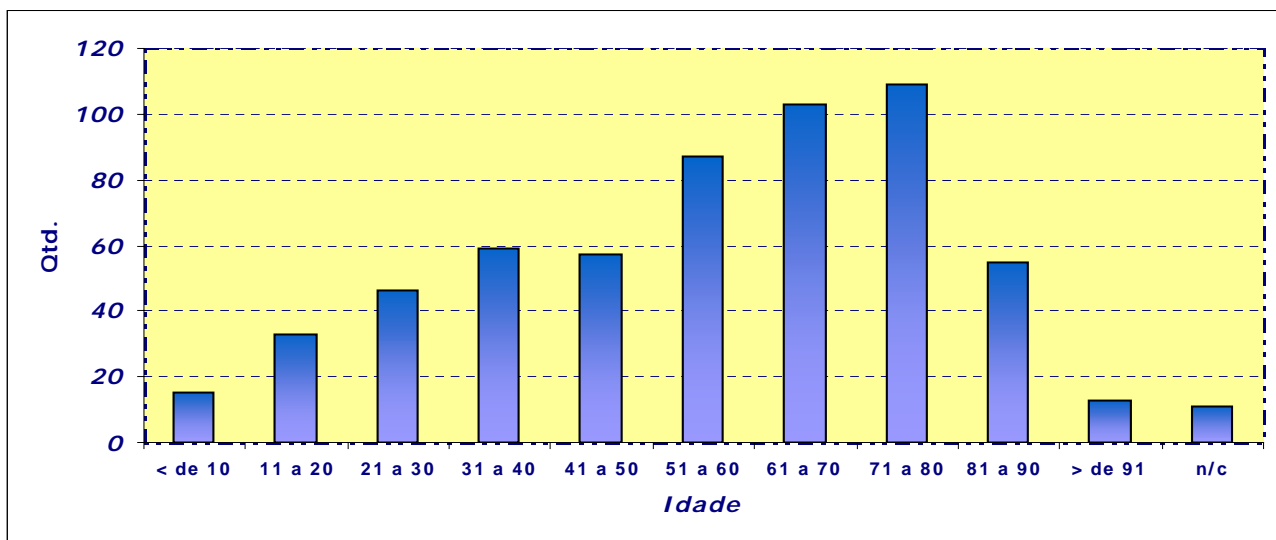
A procura de mensagens é maior nos primeiros cinco anos após a perda e, entra em uma curva decrescente nos anos seguintes, como é possível observar no gráfico acima.



Aqui encontra-se uma outra característica interessante: confirmando as pesquisas sobre o assunto, a busca parece ser maior justamente no período de luto considerado mais delicado. O decréscimo pode apontar outras possibilidades:

- a dor encontra-se, de certa forma, presente o que pode significar um luto mais complicado
- a busca somente por curiosidade, e neste caso seria preciso trabalhar com um falecido cuja a perda já tenha sido assimilada em algum nível.
- a saudade de outros falecidos, a partir de uma experiência bem sucedida de mensagem, a busca de outros membros da família que já faleceram.

A idade de falecimento observada é maior entre os 61 e 80 anos de idade; porém há um grande número de registros de falecimentos entre os 31 e 60 e 81 e 90 anos.



Ao observar a idade de falecimento ocorrendo entre 61 e 80 anos, pode-se explicar porque os filhos são o maior número de enlutados encontrados nos registros. Em oposição, encontra-se poucos avós como solicitantes. No entanto, o número

expressivo de falecimentos entre os 31 e 60 anos de idade, assim como os acima de 81 anos, explicariam um acréscimo de esposas, mães, pais, irmãos, irmãs, netas e netos, como solicitantes.

Quanto à idade de falecimento, pode-se observar que o luto, em sua maioria, refere-se à perda da geração anterior (pais). Contudo, os dados revelam um crescimento acentuado na faixa de 31 e 60 anos, as chamadas perdas fora da ordem normal da vida. Este atendimento acaba sendo uma característica do espiritismo: dar sentido a perdas precoces, como a perda de filhos, dificilmente aceita em nossa sociedade hoje.

Observa-se um significativo aumento nos pedidos de mensagens para os falecidos entre 81 e 90 anos. Estas perdas, no cotidiano do Centro, revelam parceiros que acabam solitários e sem sentido para a própria vida, destinando ao Centro Espírita um papel de cuidador desta velhice, faixa etária pouco valorizada e atendida pela nossa sociedade.

Estes registros mostram apenas a busca pela primeira mensagem, que é quando o indivíduo procura o Centro para fazer a senha. Portanto, estes dados fornecem uma visão panorâmica do público que procura a assistência espiritual da psicografia.

CAPÍTULO III

A PSICOGRAFIA: A REDESCOBERTA DO SENTIDO DA VIDA

PERANTE A MORTE E O LUTO

“Nas ilusões da vida...encontrei a morte!

Na realidade da morte...descobri a vida.”¹⁰⁶

O capítulo anterior, além de aprofundar o conhecimento da doutrina espírita, procurou, a partir dos dados coletados na pesquisa de campo, descrever a prática da psicografia no Grupo Noel: suas características, forma como as sessões de psicografia acontecem e breve caracterização da população que busca as mensagens.

No luto há sempre uma fase caracterizada pela procura daquele que faleceu. Em estado de tensão, sentindo uma dor muito grande, o enlutado deseja muitas vezes negar a realidade da morte. A ausência do outro ainda não foi assimilada, tornando a presença algo desejável e possível, o que faz da procura uma atitude viável para o sobrevivente. Ele entende que encontrará seu falecido em algum lugar e que tudo voltará a ser como era antes. O resultado é uma sucessão de esperanças e frustrações que acabam por expressar a dura realidade da perda.

O espiritismo e sua crença em uma vida após a morte, afirmando que esta é uma passagem e que é possível a comunicação com os mortos, tornam-se um contexto propício para esta fase do luto. Neste sentido, a fase de procura atingiria seu final com sucesso, pois o morto seria encontrado a partir das mensagens recebidas através da prática da psicografia e a realidade da morte seria negada, o que poderia ser compreendido como uma forma de não aceitar a perda.

Na prática, a doutrina espírita Kardecista através da sua compreensão sobre a morte, utilizando uma linguagem mais aceita e assimilada por uma sociedade que ainda prioriza o pensamento científico e racional e que se encontra carente de uma espiritualização do ser, redescobre o sentido da morte e do luto frente à banalização da

¹⁰⁶ Mensagem de um aluno, escrita no quadro negro de uma curso sobre a doutrina, no Centro Espírita Seara Bendita.

vida moderna, possibilitando um espaço continente ao sofrimento, à dor e à perda. Esta é a primeira hipótese que será tratada neste capítulo, a partir da pesquisa de campo realizada no Centro Espírita Grupo Noel.

O alvo desta pesquisa, a prática da psicografia, por ser uma forma de comunicação com os mortos, também possibilita averiguar a segunda hipótese, a saber: esta prática, além de consolar, abre horizontes de um novo sentido para vida.

Foram realizadas 15 entrevistas com 17 pessoas¹⁰⁷, 11 mulheres (5 casadas, 2 viúvas, 3 solteiras e 1 divorciada) e 6 homens (3 casados, 1 viúvo, 1 solteiro e 1 divorciado) que falaram de, no mínimo, 18 mortos: 8 filhos, 2 cônjuges, 2 irmãos, 3 mães, 2 pais e 1 sobrinho. A experiência bem sucedida com a prática da psicografia faz com que os enlutados a utilizem como recurso para se comunicar com outros falecidos, aumentando, em muitas vezes, o número de casos relatados.

O entrevistado era escolhido aleatoriamente na fila para o pedido de mensagem, bastando que a pessoa aceitasse falar sobre a sua perda . Como condição era necessário que já tivesse recebido alguma mensagem do falecido. Nesta escolha alguns fatores são importantes de serem citados: algumas pessoas, sabendo da pesquisa, se ofereciam para relatar sua experiência, outras eram sugeridas pelos próprios trabalhadores da casa e outras eram escolhidas na fila.

Todos os entrevistados buscaram o Centro no período de, no máximo, 5 anos após a perda. Muitos tornaram-se espíritas e estão freqüentando o Centro ainda hoje. As perdas tratadas aqui ocorreram entre 1977 e 1988.

Os entrevistados concentram-se numa faixa etária entre 30 e 90 anos de idade, o que nos remete a diferentes experiências e formas de encarar a morte. A perdas são sentidas por todos, porém em idades mais avançadas a comunicação com o falecido pode servir como uma forma de preparação para a morte; para os mais jovens, o foco principal poderia ser a retomada da própria vida. Isso poderá ser observado mais adiante, quando serão apresentados trechos de alguns relatos.

¹⁰⁷ Todas as entrevistas possuem dados pessoais completos e foram autorizadas para serem utilizadas neste trabalho. Contudo, por questão ética, foram utilizados nomes fictícios para a identificação dos entrevistados. No total são 5 fitas cassetes, contendo 15 entrevistas de enlutados e uma entrevista com a médium Martha, todas transcritas em fichário. Das 15 entrevistas realizadas, duas tiveram como depoentes dois casais.

ENTREVISTADOS	IDADE
Kátia, que perdeu a filha	66
Ana, que perdeu o filho	59
Érica, que perdeu a mãe	63
Roberto, que perdeu o pai	34
Lúcia, que perdeu o filho	65
Flávia, que perdeu o marido	56
Lauro, que perdeu a mulher	87
Carla / Ari, que perderam o filho	54 / 56
Neide, que perdeu o irmão	61
André, que perdeu a mãe	70
Maria / José, que perderam a filha	54 / 49
Antonio, que perdeu o filho	64
Júlia, que perdeu os pais	33
Fátima, que perdeu 2 filhos e 1 sobrinho	85
Lívia, que perdeu irmã	38

A variável idade é mais significativa, ainda, ao se analisar os dados referentes aos mortos. Nas entrevistas, eles são 11 homens e 7 mulheres, entre 17 e 96 anos de idade. A morte dos mais jovens ofende não somente o enlutado, como também a todos que estão próximos. Isto pode ser observado no relato do casal Maria e José, que aponta o grande choque sentido por toda a família e amigos, na ocasião da morte de seu filho de 17 anos. Em oposição, Érica, ao contar sobre a dor sentida na ocasião da perda da mãe, quase chega a se desculpar, pois afinal sua mãe já era bastante idosa quando faleceu.

SEXO	IDADE
Feminino	18-19-27-47-77-78-96
Masculino	17-17-24-31-36-55-59-66-72-74-idade indefinida

Com relação à ocupação dos entrevistados, surgem dados interessantes a serem destacados. Primeiramente observa-se que 47% (8 depoimentos) das pessoas entrevistadas são donas-de-casa e aposentados; os outros 53% (9 depoimentos) estão inseridos no mercado de trabalho, com profissões definidas. Para aquelas pessoas que trabalham fora de casa, o Centro serve como apoio à elaboração do luto, contribuindo para a retomada de suas atividades rotineiras. Já, para as donas-de-casa e para os aposentados, para quem o espaço doméstico intensifica a ausência do falecido, o Centro passa a ter também um caráter de sociabilidade. O local oferece a oportunidade destas pessoas se ocuparem com atividades cotidianas do Centro, como trabalhar na cantina, na recepção, no bazar, entre outros. Além disso, contribuem nas atividades junto à população carente atendida pelo Centro. Assim, torna-se um espaço propício para novas relações.¹⁰⁸

Uma das características da religião espírita Kardecista é o fato de todos os ensinamentos da doutrina serem difundidos, prioritariamente, a partir de material escrito. Isso pode explicar o fato dos frequentadores de um Centro terem, em grande parte, um nível maior de escolaridade, como pode exemplificar a tabela abaixo:

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Ensino Fundamental	6
Ensino Médio	2
Ensino Superior	9

¹⁰⁸ Entre as profissões declaradas estão: engenheiros, professores, bibliotecária, analista de sistemas e secretária.

Quando se debruça o olhar sobre a religião e a crença dos entrevistados, nota-se que 13 deles podem ser declarados espíritas, sendo que 2 combinam práticas do espiritismo com as do catolicismo; 4 deixaram de ser católicos e se converteram ao espiritismo; outros 4 afirmaram terem sido formados na doutrina espírita; e, finalmente, 3 pessoas tornaram-se espíritas após a experiência da perda. Encontra-se ainda, 4 freqüentadores deste Centro que admitem a crença em Deus e numa vida após a morte, sem, contudo, se reconhecerem como espíritas; procuram o Centro em busca da mensagem, por homenagem ao seu morto e pela leitura do Evangelho que consideram muito interessante. Estes últimos foram definidos como espiritualistas no quadro abaixo:

Religião/Crença	Quantidade
Católicos e Espíritas	2
Convertidos ao Espiritismo (ex-católicos)	4
Espíritas	7
Espiritualistas	4

Vale destacar que, observando o dia-a-dia do Grupo Noel, tanto para os ex-católicos, como para aqueles que combinam as práticas do espiritismo com as do catolicismo e também para os espiritualistas, a idéia de reencarnação é considerada mais fácil de ser aceita, pois “a certeza de uma vida eterna, a gente sabe que tem (...) você não pode dizer que acaba tudo, porque senão a vida não tinha sentido. O criador que criou esse universo maravilhoso, simplesmente não ia criar para as coisas terminarem assim, de uma hora para outra e deixarem de existir, tem um sentido e tem uma lógica.”¹⁰⁹. Além disso, o espiritismo se apresenta como menos rígido em seus valores, possibilitando a seus praticantes uma maior liberdade, não importando, por exemplo, sua condição social, sua opção sexual, ou a forma de participação no Centro.

Por outro lado, declarar-se ou não espírita está diretamente vinculado à prática da caridade e ao aprendizado dos ensinamentos evangélicos na própria vida. Portanto,

¹⁰⁹ Depoimento de Ari, na entrevista nº 11, fita nº 4, transcrita em fichário, p. 89.

um espírita é alguém em evolução e esta característica é a própria identidade de ser espírita, influenciando a sua resposta quanto à religião que professa.

Partindo das hipóteses colocadas acima, o objetivo deste capítulo está em se debruçar nestas entrevistas, buscando compreender como se dá o processo de luto naqueles que buscaram a doutrina para conforto e qual o valor da psicografia perante a morte e o luto.

Foram realizadas 15 entrevistas semi-dirigidas, feitas durante o 2º semestre do ano de 2000, que tinham como roteiro básico as seguintes questões:

- 1) Circunstâncias do falecimento.
- 2) Breve relato dos sentimentos e transformações percebidas após a perda.
- 3) O que levou a buscar um Centro Espírita?
- 4) Já recebeu uma mensagem psicografada do falecido? Breve relato desta experiência.
- 5) A percepção do sujeito sobre seu estado emocional hoje.
- 6) De que forma percebe a ajuda do Centro (ou do espiritismo) com a perda.

Estas questões não eram necessariamente formuladas aos entrevistados, pois tentava-se deixar o ritmo da entrevista fluir e muitas vezes o depoente, no seu próprio relato, já acabava respondendo muitas destas questões.

As entrevistas foram realizadas no próprio espaço do Centro, durante a espera para o início da sessão. Geralmente o local escolhido era a cantina devido ao conforto oferecido pelas cadeiras e mesas lá existentes. Embora os relatos tratasse das mensagens recebidas, estas não foram necessariamente utilizadas durante as entrevistas. Algumas pessoas, gentilmente, durante o período de duração da pesquisa, acabaram por mostrar suas mensagens e forneceram alguns exemplares que estão relacionados no apêndice deste volume.

As mensagens são simples e curtas, relatam as relações afetivas existentes entre as pessoas, expressam sentimentos, orientam e são bastante doutrinárias, citando Deus, Jesus e lições do Evangelho. Algumas relatam o momento da morte, refletem sobre o

sentido do acontecimento, contam sobre o mundo espiritual, mandam recados a outros membros da família. A linguagem é bastante simples, sem muita preocupação com estilo (embora sejam, na maioria das vezes, reconhecidas como o estilo do falecido).

Assim, este capítulo segue um roteiro para melhor aproveitamento dos dados obtidos, a partir das entrevistas e da forma como os enlutados abordaram a perda. No primeiro momento, o *Contato com a morte*, onde são relatados a forma como se deu a perda e o choque sofrido com o enfrentamento da morte. Todo o processo de luto vivido sob a prática da psicografia está aprofundada em *O difícil caminho do enlutado*. Em, *A retomada da Vida*, descobre-se na prática da psicografia um conforto que possibilita a aceitação da morte e da perda, possibilitando a conquista de um novo sentido para a vida. Finalizando, *Um novo caminho* aponta o destino do sobrevivente, que após a perda se percebe vivo, independente do outro.

III.1 O CONTATO COM A MORTE

“E quantos sonhos na ilusão da vida,

Quanta esperança no futuro ainda!

Tudo calou-se pela noite eterna...

E eu vago errante e só na treva infinda...”¹¹⁰

O luto inicia-se após a perda de alguém com a qual nos vinculamos. É a partir desta perda que se experimenta toda uma gama de sentimentos de pesar e privação. Parkes¹¹¹ diferencia pesar como uma reação à perda, e a privação como a ausência que provoca solidão. A privação revela a falta deixada pelo falecido. Compreender esta privação e o pesar experimentados pelos enlutados só é possível após o conhecimento de quem morreu, como morreu, das circunstâncias que envolveram a morte e do tipo de vínculo que unia o sobrevivente ao falecido.

¹¹⁰ AZEVEDO, Álvarez de, *Lira dos vinte anos*, Porto Alegre, L&PM, 1998,p.78

¹¹¹ Cf. PARKES, Colin, *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998.

Bowbly¹¹² cita que tanto a morte acontecida de forma abrupta, de repente, pode ser causadora de um grande choque para o sobrevivente, como aquela onde ele precisou acompanhar um tempo de agonia muito grande, geralmente causado por enfermidades prolongadas que exigiram um período de assistência intenso e difícil.

O choque recebido pela notícia da morte do outro está presente em todas as entrevistas, de forma diferenciada, devido às variáveis externas e internas que podem intensificar ou amortizar a emoção provocada pela perda. Estas variáveis vão desde a idade dos envolvidos até o contexto em que se deu a morte.

Esta primeira parte tentará caracterizar o modo como se deu a perda, de que morte estamos falando. O objetivo é uma aproximação das emoções experimentadas pelo enlutado. Para falar de sua perda era necessário que o entrevistado retomasse o ponto inicial do processo de luto. Assim, todas as entrevistas começaram pelo relato da morte, resgatando o momento em que o fim da vida do outro surpreende: “foi aquela loucura para gente”, “foi um baque”, “foi duro”, “foi tudo muito rápido.”¹¹³

As entrevistas contemplam diferentes tipos de perdas que serão analisadas abaixo. São elas: perda de filhos, perdas de irmão e sobrinho, perdas de cônjuges e perda de pais.

III.1.1 Perda de filhos

Uma característica conhecida da doutrina é o acolhimento de pais que estão sofrendo pela perda de um filho. Na entrevista que foi feita com a médium Vó Martha, fica claro que a psicografia é muito procurada por pais inconformados com esta perda, tanto que tornou-se uma preocupação do Centro um atendimento mais especializado em determinada época:

“Tem um outro casal que eles mudaram agora para o outro estado, mas eles vieram aqui, quem nos procurou foi a irmã do rapaz desencarnado. Ela disse assim: ‘minha mãe e meu pai choram sem parar por causa de meu irmão, eles não dão atenção

¹¹² Cf. BOWBLY, John, *Apego e perda*, v.3, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

para mim, acho que eu vou me suicidar para ver se eles gostam de mim como gostam do meu irmão.’ Aí nós reunimos estes casais, e isso foi em 1946, nós reunimos 40 casais para orientar durante algum tempo sobre a necessidade de cuidar de quem estava vivo, né?”¹¹⁴

Considerada por muitos como uma das maiores dores, foi somente neste século que a morte de um filho passou a ser um acontecimento raro. Antes a mortalidade infantil era alta, fato que não indicava menor sofrimento, mas possibilitava uma maior aceitação da perda. Parkes ao analisar esta questão conclui que “em uma sociedade na qual a expectativa de morte de crianças é menor, tendemos a estar menos preparados para ela.”¹¹⁵

Para Gorer, em qualquer idade a perda de um filho pode ser descrita como um “luto mais duradouro e que causa mais sofrimento” ¹¹⁶. Do total de entrevistas realizadas, 8 relatos são sobre perdas de filhos que estavam entre a adolescência e a idade adulta, tendo como causa de morte: doenças graves (3), acidentes (3) e sem diagnóstico claro (2).

As perdas por doença caracterizam-se por uma luta pela vida no momento em que antecede a morte. Estes pais estavam convencidos de uma possível cura, intensamente envolvidos nos papéis de curadores, priorizaram a vida e lutaram pela salvação do filho até que a morte os surpreendeu, interrompendo a batalha. A dor da perda atinge um sobrevivente cansado que não contava com a possibilidade da morte e que não compreende o que está acontecendo.

Antonio (64), pai de um rapaz que morreu de leucemia com 28 anos, reconhece a grande dificuldade em aceitar a morte do filho “pelo tempo de sofrimento, de trabalho, de esperança de salvação”¹¹⁷.

Um outro exemplo é o relato de Kátia (66), mãe de uma jovem de 19 anos, relata que, durante cinco anos, sua filha sofreu de diversos sintomas até ser diagnosticado um

¹¹³ Expressões citadas por diferentes entrevistados ao falar da morte de seu ente querido.

¹¹⁴ Entrevista com Vó Martha, Fita nº 1, transcrita em fichário, p.4.

¹¹⁵ PARKES, Colin, *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.150.

¹¹⁶ GORER, G. Apud PARKES, Colin, *op. cit.*, São Paulo, Summus, 1998, p.149.

¹¹⁷ Entrevista nº 12, Fita nº5, transcrita em fichário, p 93.

tumor na cabeça como causa. Após uma semana da cirurgia para a retirada do tumor, a filha morreu de insuficiência respiratória:

“Rapidinho. Uma semana, ela operou e ela ia sair, como se fosse assim, nós estamos conversando agora, como se fosse amanhã que ela saía. Ela morreu na véspera, conversando comigo e com o pai...nós nem percebemos que ela estava morrendo.

Foi muito duro. Nós estávamos vendo a recuperação dela, estava conversando comigo e com o pai. Ela tinha alta para ir o dia seguinte para a casa. De repente, ela teve essa insuficiência e meu cunhado que é médico entrou lá, os outros entraram fizeram massagem, fizeram tudo, mas não teve mais jeito.”¹¹⁸

Kátia conta que foi muito difícil aceitar a morte da filha e que, após 5 anos de luto, uma amiga indicou o Grupo Noel e a psicografia porque ela sofria muito e não estava conformada:

“Não dava para me conformar. Foi uma morte muito repentina, a gente não esperava, não, viu, nem o médico achava que ela ia morrer.”¹¹⁹

Fica claro o quanto a cura era compreendida como certa e a morte negada enquanto possibilidade. A busca do Centro e da psicografia a tranquilizam e acabam por criar recursos para que esta mulher enfrente uma sucessão de perdas, que acabaram acontecendo após a morte da filha, inclusive a mais recente que é a do próprio marido. Entre estes recursos está o conforto da crença, mas principalmente o acolhimento do grupo e o estímulo para que ela continue trabalhando no Centro, que acaba gerando um enriquecimento maior do seu tempo, que estaremos vendo mais adiante.

Quando a morte chega por acidente, ou como no caso das duas entrevistas que o diagnóstico não é claro, o choque é sentido justamente pelo incontrolável da situação. Os pais relatam os detalhes do momento da morte do seu filho, tentando expressar a impotência frente à realidade da finitude. São vidas caracterizadas pela juventude, por planos de casamento, pelas festas de aniversário onde não havia espaço para a morte.

¹¹⁸ Entrevista nº 1, Fita nº2, transcrita em fichário, p.11.

Surpreendidos, Maria (54) e José (49), pais de uma jovem de 18 anos, descrevem o atropelamento da filha que estava na calçada e que morreu na hora. Reconhecem que o choque sofrido foi grande com o seguinte comentário :

“Ela tinha feito 18 anos em março, tinha feito uma festa para os amigos no dia 18 de abril, os amigos de fora, vieram todos. E no dia 20 ela foi chupar um sorvete com as amigas na Vila Mariana e aconteceu...”¹²⁰

Em uma outra entrevista, Ana (59) relata detalhadamente os últimos momentos vividos por seu filho que acabara de festejar seu aniversário de 17 anos e que, aparentemente, não tinha nada. Ela descreve a festa de aniversário, a saída dele com os amigos, o retorno dele em casa, a suposta indisposição alimentar sentida por ele durante a noite até o ressonar diferente que chamou a atenção de ambos os pais:

“Meu marido levantou correndo, foi lá no quarto, na porta dele, começou a chamar, chamar e ele não respondia. Aí ele acendeu a luz, chegou lá perto dele e chamou: ‘ Carlos, Carlos!’ ele olhou e virou os olhinhos e...Dali foi aquela paulada, né...bati a cabeça na parede, aí veio todos os vizinhos, aquela coisa agitada... às 7hs chamou o vizinho, ele correu, levou o Carlos pro hospital...mas quando chegou no hospital, não adiantava mesmo...Daí fiquei, né...foi aquela loucura para gente, para mim e pra ele (o pai), né, porque foi uma cacetada tão forte, que nós nos perdemos, ele não tinha nada, né.”¹²¹

A realidade torna-se cruel e o desespero intensifica a busca. Das cinco entrevistas que se caracterizam pelo rompimento trágico e inesperado de uma vida, duas são de mães que, a partir da perda, buscam, na psicografia, alívio, conforto e sentido para o ocorrido. A indicação é feita por amigos que, de alguma forma, conhecem a prática e, como resultado, ocorre a conversão à doutrina. Mas, um dado interessante é que nas outras 3 entrevistas, as perdas ocorreram com pais que já eram espíritas e que

¹¹⁹ Entrevista nº 1, Fita nº 2, transcrita em fichário, p.12.

¹²⁰ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p.83.

¹²¹ Entrevista nº2, Fita nº2, transcrita em fichário, p.18.

confessaram em seus relatos que a dor experimentada é enorme e inevitável, porém creditam à doutrina a força para suportá-la.

Lúcia (65), espírita há 30 anos, cujo relato é da perda de seu filho com 31 anos, de causa desconhecida. Ela acredita que recebe muita força espiritual:

“Mas, eu acho que me deram muita sustentação porque eu, eu tava vendo o que estava acontecendo, mas eu não estava acreditando sabe, no que estava acontecendo. Então, eu não via a hora que passava, eu queria ir para a minha casa, só queria dormir, eu estava cansada...eu pensei que eu estava sonhando, agora que eu estou acordando, agora que eu estou acordando e eles me dão muita sustentação. (chora) Eu estou recebendo muita sustentação, demais, então quando vem na cabeça aquelas coisas, de repente a minha mente já passa para outros pensamentos, eles¹²² tiram da minha cabeça, estou sendo muita ajudada....”¹²³

Em um outro relato, Carla (54) espírita e que era trabalhadora em um outro Centro, reconhece o enorme choque enfrentado na perda de seu único filho, de 17 anos, em um acidente com a bicicleta:

“E realmente, entendeu, havia acontecido um acidente com ele, depois logo o carro chegou também, e os bombeiros, mostrou o corpo pra gente, foi triste...é muito duro...é uma hora que você não acredita, entendeu, você fica assim...eu estava na doutrina mas a dor é muito grande, imensa, sabe...depois com o tempo você vai recebendo sustentação e você não sabe nem como, nem como você é capaz de...de ter a coragem, é uma dor grande.”¹²⁴

¹²² Grifo nosso. A palavra *eles*, refere-se tanto aos encarnados, quanto aos espíritos mentores que a protegem.

¹²³ Entrevista nº5, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 38.

¹²⁴ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p. 59.

III.1.2 Perdas de irmãos e sobrinho

Outra inversão da sequência natural da vida são as mortes de irmãos e de sobrinho, representando 3 relatos do grupo pesquisado. Uma parada cardíaca, Lupus e AIDS são as responsáveis por estas mortes, chocando os sobreviventes surpreendidos com a rapidez com que seus amados foram tirados da vida, deixando, além de um vazio, uma série de reflexões. Lívia (38) exemplifica estas perdas, ao contar sobre a perda da irmã com 27 anos:

“Bom no nosso caso foi tudo muito rápido. Ela sempre foi saudável, nunca teve nenhum problema de saúde e de uma hora para outra começou a apresentar alguns sintomas, foi até médicos, fez exames, não era constatado nada de muito concreto no físico, fez tratamento, ela estava estudando, tinha se formado em Ciências Contábeis pela USP, em dezembro de 92, estava prestando concurso, passou inclusive nos concursos, nós ficamos sabendo após o desencarne dela e foi tudo muito rápido.”¹²⁵

Lívia descreve detalhadamente a doença sofrida pela irmã e continua:

“Em alguns casos tem controle, no caso dela não teve, ela foi internada num sábado e faleceu, senão me engano agora, numa 4ª feira, foi 3ª ou 4ª, alguma coisa assim. Então foi um quadro muito, muito rápido. Aí dá desespero, ela nunca teve nenhuma internação, nunca teve problema de saúde, não houve circunstância trágica, acidente, nada envolvendo. Ela era uma pessoa comedida, não cometia excessos, extravagâncias, então a conformação é dura, muita dura mesmo.”¹²⁶

¹²⁵ Entrevista nº15, Fita nº5, transcrita em fichário, p.112.

¹²⁶ Entrevista nº15, Fita nº5, transcrita em fichário, p.113.

O choque experimentado com a perda abre imediatamente espaço para as reflexões:

“Ela era a caçulinha...foi assim um desligamento...a tua vida muda completamente, tudo, muita coisa que você acreditava, achava correto, não fica nem importante, fica pequeno, muita coisa que você dava importância, compromisso, não que a gente seja irresponsável, mas fica...olha, muda muito, mas muito mesmo, viu.

P - *O que você acha que mais mudou depois disso?*

Lívia - Olha, a gente amadurece rápido demais, não sei se...eu, quando vi a minha irmã, depois já prontinha no velório, já arrumadinha no caixão, a impressão que eu tive, ela tinha uma carinha de menina, você via como se ela tivesse assim, de repente amadurecido anos, amadurecido anos, né, assim em pouquíssimo tempo, né, de um dia para o outro, você tinha visto ela no hospital um dia e no outro...então acho que esse amadurecimento passou por todos também. Se a gente não tivesse um conforto aqui, ou num outro lugar que nos desse uma base melhor, eu acredito que nós íamos continuar nessa tristeza, ia ficar uma coisa muito triste, aí entra a depressão, entra todas essas formas que a gente vê por aí, porque é difícil a gente suportar, é muito difícil mesmo.”¹²⁷

III.1.3 Perda de cônjuges

Parkes afirma que “em nossa sociedade, os parceiros, sejam eles casados ou não, tendem a formar pequenas unidades familiares fortemente vinculadas com seus filhos e a ter um grau menor de envolvimento com seus pais e irmãos do que tinham no passado.”¹²⁸ E fornece alguns dados importantes, afirmando que das 171 pessoas que

¹²⁷ Entrevista nº15, Fita nº5, transcrita em fichário, p.113 -115. A inicial **P**, aponta a fala da pesquisadora, que será transcrita aqui em itálico para diferenciar da fala do depoente.

¹²⁸ PARKES, Colin, *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.148.

lhes haviam sido encaminhadas nos últimos anos para tratamento, 45% tinham perdido o cônjuge, sendo 35%, o marido e 10% a esposa.

Dois viúvos contam sua história nesta pesquisa e demonstram o quanto o envolvimento que se tinha com o falecido é fator determinante no processo de luto. Flávia (56), que perdeu o marido que era mais velho que ela (72), embora muito saudável, surpreende-se com sua morte, mas principalmente com a solidão que seu “marido-pai” deixa em sua vida. Já Lauro (87), um viúvo apaixonado por sua falecida esposa (falecida aos 78 anos), tendo compartilhado a maior parte da sua vida com ela, encontra no luto a experiência da saudade e da necessidade de seguir o restante de sua vida só, preparando-se para o encontro com a sua própria morte que a idade traz como realidade próxima.

Flávia procurou o Centro por causa do falecimento do marido, mas no dia da entrevista pedia um mensagem dele com notícias sobre sua mãe que acabara de falecer. Após relato da doença e dos cuidados com o marido, que levaram cerca de um ano entre diagnóstico e falecimento, conta como foi difícil enfrentar a perda:

“Pra mim foi uma perda, assim, terrível. Está com quase 4 anos e 5 meses que ele faleceu e eu agora que comecei a aceitar...Não. Porque a gente não chega a aceitar, comecei a...apesar de ter o conhecimento espírita, que a gente sabe que mudou para outro plano, mas é difícil a gente assimilar isso,né? E depois eu... bom, aí eu fiquei...agora que eu estou começando a entrar nos eixos, né, aí morre minha mãe, falece minha mãe agora , mas com 85 anos. Se bem que ela já tinha 85 anos, mas é mãe da gente a gente acha que nunca deve morrer, então...vai fazer 2 meses ”¹²⁹

Lauro, em seu relato apresenta uma conformidade maior com o acontecimento da morte, mas a solidão ficou grande após a perda da sua esposa, gerando uma imensa saudade, que só é controlada com as mensagens que busca no Centro, de três em três meses.

¹²⁹ Entrevista nº6, Fita nº2, transcrita em fichário, p.47.

Lauro já era de família espírita, portanto a crença de uma vida após a morte faz parte da sua realidade, levando-o a acreditar que deve ir se preparando para que, no momento de sua morte, possa se encontrar com ela. Observa-se no trecho abaixo, extraído de sua entrevista, o quanto a morte era uma consequência natural de seu estado, o que não deixa de ser triste, mas hoje *ela está muito bem*:

“Olha, ela foi operada da ponte de safena. Três pontes. Foi um período, assim, duro. Depois que opera isso aí é, a pessoa fica até meio...(faz uma careta), viu, mas graças a Deus eu cuidei dela e ela ficou boa, tá, viveu 10 anos e meio com a ponte. Chegou uma segunda-feira cedo, ela levantou, fez café, depois ela falou pra mim: “olha, eu estou me sentindo mal, eu vou no banheiro” Eu: “vai”. Morava nós dois só. Ela foi no banheiro, mas nesse ínterim já logo eu fui atrás dela. Quando cheguei lá, ela já estava desmaiada no banheiro. Aí chamei meu filho. Eu telefonei para meu filho, tinha o telefone ainda comigo, telefonei para ele levar para o Pronto Socorro, mas falou: ‘Ela já foi’...(emociona-se) Não sofreu nada... Eu tenho recebido a mensagem dela; muito importante pra mim. Hoje também vim buscar. Hoje faz três meses que não venho buscar, e ela me conforta muito, compreende, porque ela dá umas lições boas, me encoraja, tudo. Ela está muito bem, graças a Deus está muito bem.”¹³⁰

Neste primeiro parágrafo ele já introduz que *morava nós dois só*, mostrando a importância da esposa em sua vida, o que no decorrer de seu relato vai ficando mais claro chegando no final com a seguinte afirmação:

“Ela foi uma esposa, ela foi uma esposa, foi mãe, foi enfermeira, foi tudo para mim. Ela que me trouxe alegria, até eu a conhecer eu não era alegre, eu me criei órfão de mãe. Eu sofri muito, então quando eu conheci ela então, aí que eu comecei a ter alegria na vida. E ela me preencheu a minha vida em tudo, em

¹³⁰ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p.53.

tudo, por isso eu adoro ela, eu amo ela tanto que ela fala que: ‘dois corações que se amam jamais vão se separar’, na mensagem. Ela fala muitas coisas boas, que me animam muito. E hoje eu vim buscar mais uma mensagem dela.”¹³¹

III.1.4 Perda de pais

É comum enterrarmos os nossos antepassados, costuma ser mais freqüente enfrentarmos a morte de nossos pais, mas Parkes¹³² nos fala que mesmo assim “problemas psiquiátricos podem ser provocados em adultos pela morte de um dos pais e são a segunda razão mais freqüente para as pessoas procurarem ajuda no Cruse – Bereavement Care.”¹³³

Na realidade, a dificuldade de aceitarmos a separação provocada pela mortalidade de pais e mães surge pela intensidade do vínculo construído acrescido, muitas vezes, de um grande sentimento de dependência, envolvido nesta relação, além de, obrigatoriamente, provocar uma profunda reflexão sobre o próprio limite. Na amostra desta pesquisa, 5 são os depoimentos sobre a morte de pais. Érica(63) e André (60) relatam a morte da mãe, onde se observa que o choque é sentido justamente pela força do apego existente entre os envolvidos.

Érica cuidou da mãe, que faleceu aos 77 anos. Durante todo o período de sua doença, contou apenas com ajuda de uma irmã e afirma que sua morte foi muito feia e que sua mãe sofreu muito no final da vida. Mesmo acreditando que ela precisava descansar de tanto sofrimento E. relata a dor da perda:

“Mamãe tinha leucemia, infelizmente... Quando a doença apareceu, ela durou 12 anos... até durou bastante porque fazia os exames, obedecia rigorosamente o médico. E ela faleceu já no fim da doença, ela era gorda e ficou muito magra, com características de uma pessoa que tem leucemia, né. Para mim

¹³¹ Entrevista nº7, Fita nº3 transcrita em fichário, p. 56.

¹³² PARKES, Colin, *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.150.

¹³³ *Ibid.*, p. 219. A Cruse é uma organização do Reino Unido para atendimento de enlutados, oferece treinamento e aconselhamento para profissionais e tem várias publicações.

foi uma perda muito grande porque era muito apegada a mamãe. Nós somos uma turminha de 7, e eu era a mais nova das moças, e eu era muito apegada a ela. Então para mim foi muito dolorido, né. Eu acompanhava sempre ao médico, três vezes ao mês, e para todos nós, porque ela era uma mãe muito amorosa, e pra mim, principalmente, porque até hoje eu sinto muito falta dela.”¹³⁴

André em seu depoimento mostra um grande apego à figura da sua mãe, levando-o inclusive a se converter ao espiritismo após a sua morte. A mãe era espírita, uma médium vidente, cujas visões nada significavam ao filho. É durante o relato que explica a sua conversão, onde expressa seu profundo envolvimento com a mãe e a recusa inicial em aceitar uma morte, que pode inclusive ser entendida como natural:

“Ela acabou falecendo com 96 anos e no dia que seria a missa de 7º dia...não, antes um pouco da missa de 7º dia o pessoal do prédio, os vizinhos, queriam fazer a missa de 7º dia e eu disse que não podia fazer porque era um novo funeral e eu estava sofrendo muito, conquanto, eu achava que ela tinha que desencarnar porque ela estava em coma há 4 meses, irreversível, já com 96 anos, mas mesmo assim eu sofri muito.”¹³⁵

Um choque bastante grande foi vivido por Júlia(33) que perdeu o pai e a mãe (55 e 47 anos, respectivamente), com uma diferença de apenas um mês entre os dois falecimentos. Aos 19 anos estava órfã e responsável pelo cuidado de uma família, obrigando-a continuar sua vida independente do choque experimentado. A morte dos pais foi encarada com muita revolta contra Deus, reconciliação só conquistada 9 anos depois, quando buscou o Centro pela primeira vez:

“Olha foi bem complicado na época porque nós somos em cinco irmãos e eu tinha na época 19 anos, tinha um irmão mais velho de 22 e três irmãs mais novas, uma de 17, uma de 13 e uma de 9.

¹³⁴ Entrevista nº3, Fita nº2, transcrita em fichário, p.25

¹³⁵ Entrevista nº10, Fita nº4, transcrita em fichário, p.75.

E assim, a gente ficou sozinho, né, no ano seguinte meu irmão se casou e eu fiquei com os outros três (risos)...os primeiros anos foram muito difíceis, de desesperança mesmo, falta de fé, de confiança, né. Eles eram os dois muito católicos, meu pai frequentava a sociedade (nome não compreendido), minha mãe era filha de Maria, rezava o terço todo dia, mas quando aconteceu... eu, assim, eu não acreditava em mais nada, sabe, foi assim uma perda de confiança mesmo, a gente não entende, a gente se revolta, se revolta com Deus, se sente abandonado. E aí, depois de alguns anos eu vim, eu ouvi falar daqui e aí eu vim em 95 para cá.”¹³⁶

Um dos entrevistados, que poderia ser considerado uma exceção por não ter um relato claro de choque, nos mostra como o amparo de uma crença pode facilitar o enfrentamento da morte e o decorrente processo de luto. Roberto (35) nos conta sobre a morte do pai, aos 64 anos, como “uma surpresa”. Mas, por ser espírita e ser criado pela família nesta crença desde pequeno, compreende a morte como uma passagem. Esta é a sua realidade, o que faz a morte não ser negada, mas reconhecida como um acontecimento da vida: um acontecimento difícil e que deixa aos sobreviventes um sentimento grande de saudades e falta. Amparados por sua crença, Roberto tem uma forma diferente de lidar com a perda acabando por amortizar o choque:

“A dor maior é a dor da saudade, mas não houve aquela..., não houve nenhum tipo de indignação, nenhum tipo de revolta ou coisa parecida. Era mais a questão de perder uma pessoa querida, deixar de conviver com essa pessoa querida (...) A saudade é uma coisa que não adianta, independente de ser ou não ser, a saudade sempre vai ter, mas eu acho que o fato de você saber que aquele ente querido está em algum lugar, que não necessariamente ele está ao seu lado, não necessariamente ele está longe, mas está em algum lugar pensando em você, certamente, isso é importante, quer dizer, esse tipo de

¹³⁶ Entrevista nº13, Fita nº5, transcrita em fichário, pp.101-102.

comunicação que agente tem sempre, mas nem sempre conseguimos ouvir”¹³⁷

É justamente baseado neste tipo de comunicação que *a gente tem sempre, mas nem sempre conseguimos ouvir*, que a prática da psicografia torna-se quase um ritual para aquele que está vivendo o processo de luto. Após o choque experimentado com o acontecimento da morte, o enlutado é quase impelido, pelo hábito, a procurar a pessoa amada que foi perdido. É quase uma reação à constatação da perda e, nos próprios relatos, observamos que como uma reação imediata, ao falar da morte segue-se um contar sobre as mensagens recebidas. São estas mensagens, a busca de notícias do falecido, a aquisição de um bem estar com a prática e o acolhimento e amparo recebido do grupo da casa espírita, que fazem as pessoas prosseguir no seu difícil caminho de enlutado.

III.2 O DIFÍCIL CAMINHO DO ENLUTADO

*“A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas, basta esse instante para revelar-nos o sentido grave e profundo da vida.”*¹³⁸

Através das entrevistas realizadas é possível perceber um longo e difícil caminho percorrido pelo enlutado. No capítulo anterior, pode-se ter uma idéia aproximada de qual o caminho a seguir para conseguir uma psicografia, desde à elaboração da senha até o recebimento da mensagem.

Contudo, cada enlutado segue um caminho próprio. A partir da perda de uma figura de vínculo importante, como as relatadas aqui, a vida do enlutado pede uma revisão: suas concepções de mundo e seus sonhos são transformados e precisam ser adaptados à nova realidade que se apresenta. Parkes¹³⁹ reconhece que o enlutado tem um grande trabalho pela frente, que exige todo um tempo e um esforço para executá-lo. Natural que observemos uma grande resistência por parte do enlutado à mudança e, pelo

¹³⁷ Entrevista nº4., Fita nº2, transcrita em fichário, p.32.

¹³⁸ DENIS, Léon, *O problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB, 1998, p.129.

¹³⁹ Cf. PARKES, Colin, *Luto, estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo, Summus, 1998.

mesmo motivo, o quanto necessário torna-se o auxílio e a proteção da comunidade, dos parentes, dos amigos para ajudá-lo e capacitá-lo neste difícil processo de elaboração de uma perda.

Um dado interessante, encontrado em quase todas as entrevistas e que ilustra bem este cuidado com o enlutado ou do enlutado para com ele mesmo, é o fato de, espíritas ou não, terem chegado ao Grupo Noel por indicação de algum amigo ou de alguém que, reconhecidamente, entenda do assunto. Esta indicação é muito valorizada e muitas vezes reconhecida como uma demonstração de afeto e compaixão do outro para com a dor do enlutado.

“ Não. É que me ensinaram vir aqui, uma senhora que me trouxe.” (Kátia)¹⁴⁰

“Eu não. Ele já tinha mais conhecimento, mas nós éramos mais católicos, né, ia à Igreja. Aí veio esse colega dele lá na firma, falou com ele: ‘olha, faz tempo que eu estou querendo lhe falar,.. para o Sr.,... mas estou sem jeito, não sei se o Sr. vai aceitar...tem um lugar assim, assim, que é o Grupo Noel. Minha mãe faleceu faz pouco tempo e eu fui lá consegui a mensagem dela, tudo, e eu vou sempre lá. O Sr. não quer ir lá, deu o endereço, tudo.’ Ele disse: ‘Ó, o Sr. já devia ter me falado há muito tempo, que eu estou com isso na cabeça, procurando um lugar pra mim, eu sei que meu filho tem um recado para me dar.’”(Ana)¹⁴¹

“ Demorou porque eu não sabia, não tinha conhecimento daqui. Aí meu filho falou que aqui dava mensagem psicografada, aí eu vim. Aí então eu venho.” (Lauro)¹⁴²

“E, através de uma amiga, eu conversando, minha mãe, a gente já ouvia falar no trabalho do Chico Xavier, mas nunca

¹⁴⁰ Entrevista nº1, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 11.

¹⁴¹ Entrevista nº2, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 19.

¹⁴² Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p. 54.

tínhamos..., somos de criação católica, nunca tínhamos participado de nada, inclusive até por desconhecer, porque a gente fica até sem saber, porque existe muito lugar por aí que não é sério, você não entende, então você fica com um pé atrás. Trabalho sério para nós é o trabalho do Chico Xavier, mas estava lá em Minas, nem sempre estaria atendendo, então a gente pensou até em escrever para lá, procurar saber, se existia algum lugar, nem de Federação Espírita eu tinha conhecimento naquela altura. Foi conversando com uma amiga que trabalha próximo de mim, ela me contou aqui do Noel, ela já era espírita há mais de 20 anos, ela estuda e trabalha lá na Federação sempre que pode, e ela me contou aqui do Noel, da Vó Martha, do trabalho que se faz com a psicografia, e aos pouquinhos a gente veio,... a gente não sabia direito o que fazer, porque para buscar conformação...por mais que a gente tente é complicado, é difícil, né, conversando com ela, Deus faz as coisas certinhas, colocou a pessoa certa para me dar informação. Eu nem sabia, convivía com ela e nem sabia que ela era espírita, ela não tinha me comentado, mesmo porque a pessoa não sabe como é que o outro vai reagir com isso. Eu é que falei que tinha vontade de achar um lugar onde se fizesse o trabalho da psicografia, mas eu tinha insegurança porque a gente confia no trabalho que ouve do Chico Xavier...” (Lívia)¹⁴³

No trecho acima, nota-se o quanto a figura e o trabalho de Chico Xavier é respeitado e reconhecido. Em outras entrevistas, seu nome é citado sempre como uma forma de mostrar a seriedade do trabalho de psicografia e do espiritismo. Na realidade, o trabalho de um Centro espírita dificilmente é alvo de críticas. A polêmica costuma estar presente apenas nos fundamentos da doutrina e na conotação científica e racional dada a eles por muitos dos seus seguidores.

Chegando ao Grupo, no momento de elaborar a senha, a necessidade de um atestado de óbito confirma que estamos falando de morte e de perda. Pede-se uma

¹⁴³ Entrevista nº15, Fita nº5, transcrita em fichário, p. 113.

mensagem daquele que faleceu e a sutileza deste detalhe pode ser observada no relato de Fátima (85), que comenta que não gosta de dizer que seus filhos morreram, mas sim que “mudaram de plano”. Mais adiante, porém, quando relata a sua chegada ao Grupo afirma:

“Eu vim na, não sei que dia telefonei, mas na 5ª feira estava aqui. Não queira saber o que é a gente ir no cartório pegar o atestado de óbito de um filho, é doloroso. Mas eu fiz, precisa ter coragem e na 6ª eu vim, aí ela disse: ‘o Leandro é muito cedo, mas o Sílvio pode ser...’”¹⁴⁴

Nesta complexidade de emoções, entre a aceitação da perda e a procura do falecido, entre raiva e culpa com a morte do outro, entre a ilusão criada pela doutrina espírita e o resgate de um novo sentido para a vida, o enlutado traça um caminho único dentro de um Centro.

Para conhecer melhor este caminho, podemos separá-lo em três momentos que podem ser vividos separada ou simultaneamente:

- as conquistas imediatas da prática da psicografia, cujo o objetivo principal acaba sendo o atendimento da fase de procura do morto, natural em todo o processo de luto.
- os sinais que alimentam a prática que trata justamente daquilo que garante a manutenção deste “ritual”¹⁴⁵, fazendo que o procedimento tenha uma continuidade e faça sentido para o enlutado.
- o resgate do simbolismo cristão, entendido pelos espíritas como os ensinamentos básicos da moral cristã, que são importantes para a evolução do ser que acaba resultando em uma natural retomada da fé e da força deste simbolismo como fonte de revitalização interior.

¹⁴⁴ Entrevista nº14, Fita nº5, transcrita em fichário, p. 108.

¹⁴⁵ A palavra ritual foi colocada entre aspas porque o espírita não entende a psicografia como um ato ritual e sim como um procedimento mediúnico de comunicação entre encarnados -vivos- e desencarnados -mortos-, entendida em sua crença como uma comunicação possível e verdadeira.

III.2.1 As conquistas imediatas da prática da psicografia

Alívio, consolo e conforto são os sentimentos mais citados e experimentados pelos entrevistados. Saber que seu ente querido está em algum lugar, que não acabou de todo, provoca uma tranquilidade interna importante para a continuidade do processo.

“Um alívio, né. Parecia que eu estava conversando com ela. Parecia que eu estava conversando com ela.” (Kátia)¹⁴⁶

“E quando eu peguei a primeira psicografia foi uma emoção maravilhosa. Porque a primeira psicografia ela foi tão clara, sabe, ‘eu não estou acostumada com a mediunidade de lá para cá’, ela era daqui para lá, ‘então eu pedi para os espíritos protetores me auxiliar nessa primeira comunicação’. E aí uma comunicação cheia de amor, cheia de carinho, né, e aí eu tive aquela sensação de que ela não tinha morrido. E ela não morreu para mim, ela está em outro país, em outro lugar, e que eu vou me encontrar com ela. E é essa...você nem faz idéia a emoção que eu tive com a primeira psicografia.” (André)¹⁴⁷

Morin¹⁴⁸ afirma que os ritos fúnebres, ou mesmo as crenças que acompanham todo o período de luto, falam mais para o vivo que ao morto. De fato não é possível discordar, partindo do princípio que falamos apenas do lado que realmente conhecemos: a vida. Mas, é verdade, também, que é impossível deixar de existir uma preocupação real com outro, principalmente quando se adquire a firme crença de que há um mundo espiritual, local para onde todos os desencarnados – mortos – se dirigem.

“Sei que ela mandou dizer que estava num lugar bom , que eu ficasse sossegada que ela estava tranquila, que ela sentia falta, mas que lá estava muito bom, que não tinha problema.” (Kátia)¹⁴⁹

¹⁴⁶ Entrevista nº1, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 13.

¹⁴⁷ Entrevista nº10, Fita nº4, transcrita em fichário, p.77.

¹⁴⁸ Cf. MORIN,E., *O Homem e a morte*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1970.

¹⁴⁹ Entrevista nº1, Fita nº2, transcrita em fichário, pág.13.

No momento que a psicografia é admitida como sendo do falecido, a mensagem passa a ser um meio de alívio por saber que o outro está bem, que a passagem ocorreu e que o outro está se adaptando ao mundo espiritual. Esta percepção possibilita um conforto maior para que o enlutado dê continuidade ao seu existir aqui, no mundo terreno.

“...também na passagem dela para o outro lado, ela foi recebida bem, foi hospitalizada, para adquirir novas forças. Agora ela tá ótima. Ela está estudando as leis divinas. E eu venho receber as mensagens, quando estou meio triste assim, leio as mensagens dela e me dá ânimo, me dá ânimo.”(Lauro)¹⁵⁰

Junto, observa-se um misto de curiosidade, de necessidade de saber como é este “mundo” de lá, que também será um “mundo” para o sobrevivente quando seu fim chegar. Lauro conta que a doutrina ajudou muito a passagem da esposa para o outro plano (ambos já eram espíritas), que ele continua sua vida na doutrina porque é a melhor de todas e acrescenta:

“De acordo com o nosso procedimento aqui, nós vamos encontrar um plano bom para ficar. Ela, graças a Deus, foi sempre boa esposa, não tinha inimigos, só tinha amigos, só tinha amigos. E ela foi logo para um plano bom. Lá bons amigos levaram ela para o hospital, internaram ela, ela adquiriu novas forças e agora vai estudar as leis divinas. Estou num lugar confortável, falou ela.”¹⁵¹

Na quase totalidade das entrevistas, encontramos na prática da psicografia uma forma de manter viva a lembrança do falecido na memória. Giumbelli,¹⁵² em seus trabalhos sobre o espiritismo, já confirmava este aspecto como resultado da prática espírita, que, dando voz aos mortos, legitima a sua crença, preserva a memória dos antepassados e da própria história.

¹⁵⁰ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p.54.

¹⁵¹ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p.55.

¹⁵² Cf. GIUMBELLI. E. , *O cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

Para o enlutado, a garantia que seu morto não será esquecido, viabiliza o início do processo de luto. Corresponde a base do trabalho de elaboração desta perda, como afirma Bromberg¹⁵³, que entende como necessário a manutenção do objeto perdido, mesmo que em forma de lembranças, para que se possa, simultaneamente, dar continuidade ao desligamento deste vínculo.

“E com as mensagens é uma maneira de você se apegar a alguma coisa, você está sempre tendo contato, você está participando diretamente, então é muito melhor você ter a mensagem do que você não ter nada, você...simplesmente aconteceu o fato, você nunca mais tem uma recordação da sua filha, nunca mais saber dela, não sabe nem o que acontece, entende e passar uma borracha em tudo.” (José)¹⁵⁴

“Particularmente no meu caso, eu acho que eu nunca busquei consolo aqui nas mensagens, era sempre mesmo, acho que o que você falou, uma troca, quer dizer, eu consigo falar para ele o que eu quero, não preciso escrever mensagem, mas ele, pelo menos eu para ouvir o que ele tem a dizer, preciso da mensagem. Então, é aquela história, dependendo da fase da vida que eu estou passando, eu acabo sentindo uma necessidade de vir aqui com um pouco mais e frequência, as vezes não tanto, nem tanto, então é, realmente não é consolo que eu busco aqui, é mais uma conversa amiga.” (Roberto)¹⁵⁵

O diálogo é uma das funções mais importantes que surgem nos conteúdos das mensagens. Este diálogo funciona como um ritual terapêutico, no qual o sobrevivente obtém recursos para dar continuidade ao seu caminho. As orientações dadas pelo falecido, através das mensagens, principalmente no que diz respeito ao pesar experimentado pelos enlutados, são uma das fontes de ajuda mais importantes conquistadas na prática da psicografia.

¹⁵³ Cf. BROMBERG, Maria Helena, *Luto como crise familiar*, uma abordagem terapêutica e preventiva. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1992.

¹⁵⁴ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p. 89.

¹⁵⁵ Entrevista nº4, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 36.

Flávia , ao ficar viúva, recebe uma mensagem da primeira esposa do falecido marido (pois este era viúvo), pedindo tranqüilidade, que diz nunca ter esquecido:

“Porque foi muito bonita, posso até te falar. Ela disse assim: ‘Flávia Venho agradecer-te pelos cuidados que tiveste, que tivestes como o nosso Arnaldo. Ele está bem, eu e nosso filho estamos cuidando dele. Procure ganhar tranquilidade.’ Porque eu estava muito assim, era muita coisa, então eu estava desesperada. Então, ela fala: ‘Procure ganhar tranquilidade’ ”¹⁵⁶

Esta mensagem tem um sentido especial, porque muito do conhecimento espírita adquirido por Flávia foi através da leitura de livros, encontrados na casa do marido, que provavelmente foram desta ex-mulher.

Já Maria tem, nas mensagens da filha morta, uma aliada em uma grande dificuldade enfrentada por ela com o filho. Ao perder a irmã, que foi atropelada, este filho se revoltou muito e passou a querer vingar-se de qualquer forma pelo acontecido com a irmã. Já sofrida pela perda da filha, Maria fica muito angustiada e sem saber o que fazer com a atitude do filho. Esta mãe conta que uma mensagem foi decisiva para o filho, mensagem que também atesta a autoria da filha:

“Meu filho estava muito revoltado, eles faziam o ginásio juntos, eles brigavam muito só que eram irmãos e... Uma vez eles foram para o cursinho e eles ouviam uma música, tinha o aparelho mas só tinha um negócio de pôr no ouvido, então ele punha uma e ela punha outra, dividiam, e estava falando sobre as flores, não me lembro que música era...então numa mensagem dela, ela fala que é para o Maurício (o irmão) não ficar revoltado que é para ele pensar no perfume das flores, sabe, então ele ficou desesperado: ‘então é verdade, realmente ela está lá’, porque só os dois sabiam disso. Então são pequenas coisas assim, que a gente vai juntando, que realmente faz a gente ter certeza que ela continua lá, que ela continua bem. Pra gente foi muito

¹⁵⁶ Entrevista nº6, Fita nº2, transcrita em fichário, p.50.

importante isso, se não existissem essas mensagens eu acho que não teria conseguido.”¹⁵⁷

Brigas de irmãos, fatos que não puderam ser resolvidos em vida, responsabilidades a serem assumidas e culpas que atormentam o enlutado fazem parte de seu diálogo com as mensagens. É sobre uma mensagem, que alivia a culpa, que Lauro nos conta aqui:

“Eu perguntei para ela a causa da morte. Ela tomava um medicamento e eu não sabia se o medicamento tinha prejudicado ela, Aí eu perguntei, cheguei aqui e perguntei o motivo da morte dela. Aí ela respondeu, para eu não ficar preocupado porque a vida dela na terra estava programada para aquele dia, que não foi nada do que eu estava pensando, de medicamento, qualquer coisa... Estava programada para aquele dia, o dia dela. Aquilo já me aliviou.”¹⁵⁸

A mensagem também possibilita que o sobrevivente sintam-se realizando algo pelo outro. Nos relatos observa-se que sempre existe um pedido do falecido na mensagem. No fundo, este pedido funciona mais para o sobrevivente que para o falecido, isto é, ao atender a orientação da mensagem, o enlutado elimina possíveis débitos ou acaba criando condições para retomar sua vida.

Antônio faz da busca das mensagens, uma homenagem ao filho. Reconhece-se como uma pessoa agitada, ansiosa e que dificilmente ficaria parado tanto tempo, mas afirma que o faz, durante as sessões de psicografia, para receber as mensagens do filho que era jornalista e gostava de escrever. Esta intensa dedicação é também dirigida à esposa, a quem ele repetidamente cita como aquela que fez tudo e que, hoje, por estar muito nervosa fica aguardando em casa ele chegar com as mensagens. Na verdade, nas entrelinhas de seu depoimento, fica claro que durante a doença este pai acredita que fez muito pouco pelo filho, fato que vem tentando mudar através das mensagens:

“Ajuda, porque eu sou um pouco nervoso e muitas coisas ele escrevia para eu ficar calmo e aí eu fui procurando e até fiquei

¹⁵⁷ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p. 89.

¹⁵⁸ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p.54.

mais calmo. Muitas situações, mesmo em casa que eu discutia muito, eu mudei, claro que eu não estou muito bom não, mas do que eu era eu melhorei bastante porque eu, porque era para tentar e eu estou tentando.”¹⁵⁹

Ana relata que, mesmo tendo dúvidas, ao receber a primeira mensagem atendeu o pedido do filho:

“Ele pedia muito para nós não chorarmos, que ele estava bem, tudo, o avô dele socorreu ele, na hora que ele chegou... (aponta o marido) o pai dele, ele estava bem, ele só queria que nós fizéssemos o evangelho no lar. Aí nós começamos, tinha uma amiga, ela era espírita, ela ensinou a gente e nós começamos a fazer o Evangelho, a partir deste mês, julho, começamos a fazer o Evangelho e estamos até hoje, fazendo o Evangelho (ri) toda a 2ª feira.”¹⁶⁰

Esta prática acabou reunindo muita gente, entre amigos e parentes, por um período bastante longo, o que provavelmente ajudou muito a família que se sentia desamparada com a perda do filho. Hoje, as reuniões continuam, com um número menor de envolvidos e com o objetivo de prática da doutrina.¹⁶¹

III.2.2 Sinais que alimentam a prática

Durante todo o trabalho com essa pesquisa, a compreensão dos fenômenos espíritas como verdade não foram objetos de discussão. A existência de um mundo espiritual para onde se dirigem todos aqueles que desencarnam – morrem-, foi aceito por esta pesquisadora como uma forma de interpretação do além da morte. O espírita, ou aquele que se tornou um espírita, acredita que existe uma continuidade após a morte, que esta é uma passagem e que a vida continua em outro plano.

A mensagem só tem valor se sustentada por esta crença. Neste sentido, sempre que estimulados pela pesquisadora, ou espontaneamente, o entrevistado relata dados

¹⁵⁹ Entrevista nº12, Fita nº5, transcrita em fichário, p.97.

¹⁶⁰ Entrevista nº2, Fita nº2, transcrita em fichário, p.19.

que, ao seu ver, comprovam a veracidade das mesmas. A atenção aos sinais, que comprovam a autoria das mensagens como sendo do falecido, tem dois objetivos: o auto-convencimento e o convencimento de parente e amigos da crença que está na base de seus atos.

Kátia comenta que alguns detalhes não só atestam a autoria das mensagens da filha, mas também serviram para convencer o marido:

“Ah sim, pra mim ajudou...eu e o meu marido, que ele ficava em casa e às vezes ele acreditava e não acreditava. Mas muita coisa que ela mandou dizer, mas muitas outras coisas que ela mandou dizer ele acreditava que era dela.

P - *Foram as mensagens que fizeram ele acreditar...*

Kátia - Ah, foi. Os nomes que ela dizia, né... Porque ela dizia os nomes das pessoas que ficou aqui. Falava nas irmãs, falava nos sobrinhos que ela não conheceu; os sobrinhos... Quando ela morreu minha filha era casada mas não tinha filho, ela não conheceu sobrinho nenhum, cunhado também... O nome dela mesmo, que a Vó escreve o nome dela direitinho, do jeito que ela escrevia.”¹⁶²

Érica sente-se em comunicação com o plano espiritual, independente da própria médium, cujo desconhecimento apenas valoriza a veracidade da comunicação:

“Impressionante, a força de nosso pensamento é tão grande ou da nossa comunicação, da força da nossa comunicação, que eu penso algo, não falo nada para D. Martha, e vem na mensagem o que eu pedi.”¹⁶³

¹⁶¹ O Evangelho no Lar é uma prática seguida pela maioria dos espíritas. Cf. p.53.

¹⁶² Entrevista nº1, Fita nº2, transcrita em fichário, pp.13 -16.

¹⁶³ Entrevista nº3, Fita nº 2, transcrita em fichário, p.26.

Nos relatos do casal Carla e Ari, são vários os detalhes que são considerados pelos pais como surpreendentes e que não deixam dúvidas da autoria das mensagens como sendo dos filho:

“Aí eu li, foi a primeira dele, aí ele diz ‘Mamãe, minha chegada aqui não é fácil, não foi fácil, mas como eu tenho muita facilidade para fazer amigos’, e dito e feito, ele tinha uma facilidade enorme, entendeu, ele falou ‘eu estou me dando bem, aqui não é fácil’ Essa foi a primeira delas, e aí começou... a de Uberaba foi grande, 34 páginas. Muita coisa ele contava, entendeu, eu, só eu sabia que eu tinha medo de pegar...ele guardava umas ferramentas da bicicleta em baixo da cama dele, eu tinha medo de pegar, entendeu, ficava assim com receio, e na carta veio escrito: ‘Mamãe, não tenha medo de pegar os meus objetos que estão de baixo na cama.’ Isso daí ninguém sabia, sabe, isso pra mim foi...”(Carla)¹⁶⁴

Ari - Mas acredito, não tenho dúvidas, a gente tem recebido provas, não só aqui, como da vida, como em Uberaba que a gente foi, que recebeu a primeira mensagem dele, como a gente recebeu a mensagem de parente também, que nem se quer quase lembrava da gente, a gente recebeu. Ele procurou se comunicar através de parente da gente. Parentes que não tinham comunicação nenhuma com ele. Por exemplo, ele tinha um apelido que a gente não sabia, ele era moreninho assim como agente, e os garotos o tratavam de *Pretis*, preto, *Pretis*, ficou *Preto*, depois *Pretis*, e a minha prima chegou e telefonou perguntando para mim: “quem era *Pretis*?” Falei, *Pretis* era o apelido do Pedro. “É que eu tenho uma psicografia aqui e a pessoa assina como *Pretis*.”

P - *E ela não sabia do apelido?*

¹⁶⁴ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p.60.

Ari - Ninguém sabia, só os meninos da rua, foram os meninos da rua que botaram esse apelido. Essas coisas que vão dando firmeza ou certeza na gente que a coisa continua por aí, né?¹⁶⁵

Há também os sinais mais sutis, mas que, emocionalmente, tocam profundamente o sobrevivente, que sentem que aquela mensagem é verdadeiramente do seu ente querido:

“E eu percebi que realmente existe alguma coisa porque meu irmão é pintor, pintava tela, e ele tem quadros lindos, e então ele me conta coisas de lá: ‘aqui é uma beleza, tudo é mais vivo, tudo tem mais vida, tem mais brilho, estou aprendendo muito, mas eu gosto da minha pintura.’ E ele falava muito pra gente: ‘eu gosto do que eu faço. Eu gosto do que eu pinto.’” (Neide)¹⁶⁶

“Não, a psicografia dela é ela falando. É ela falando, eu sinto a minha mãe falando, o jeito dela falar. Ela era comunicativa...há pouco tempo ela contou em uma psicografia que as amigas que ela tem lá...se interessam pelos filhos, então a minha mãe conta o que estou fazendo, se vai bem, vai mal, então eu vi minha mãe, que era daquelas figuras comunicativas, alegres, ela está alegre lá, falando, se comunicando, é ela, eu sinto...”(André)¹⁶⁷

Para Antônio, a citação de nomes de amigos, que eram desconhecidos por eles, pais, leva a certeza que precisavam para aceitarem a prática da psicografia:

“Foi possível reconhecer pelo que ele falava, pelo que ele citava, foi possível reconhecer. Muitas vezes ele fala de outros irmãos, do Paulo Roberto, falava nele, ele citava o nome dele, muitas vezes falava em amigos que não era conhecido nosso que ele citava também, como tem um caso que já havia comentado com você, que em uma das mensagens ele mandou recordações e

¹⁶⁵ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p.61.

¹⁶⁶ Entrevista nº9, Fita nº3, transcrita em fichário, p.68.

¹⁶⁷ Entrevista nº10, Fita nº4, transcrita em fichário, p.78.

abraços, para três ou quatro colegas, eu não estou lembrado quantos eram, que ninguém os conhecia, ninguém mesmo, não os conhecia. Falamos com os amigos dele, falamos com a namorada dele da época não conhecia, depois de uns dois três meses nós, a minha mulher no quarto foi olhar de lado num quadro uma foto dele com mais três amigos. Eram esses três que ele citava na carta, que ele mandava recordações para eles.”¹⁶⁸

Segundo Parkes, nosso aparato perceptivo é seletivo, tudo aquilo que chega a nossa consciência já passou por uma série de filtros e submeteu-se a um processo de organização, que se liga a lembranças de experiências prévias semelhantes. Sendo assim:

“Os que procuram têm em sua mente um retrato do objeto perdido. À medida que se aproximam de um possível local para encontrar, as sensações advindas desse local combinam-se com o retrato. Quando se ajustam, mesmo que só por aproximação, o objeto visto é ‘reconhecido’, a atenção é colocada nele, e maiores evidências são buscadas para confirmar a impressão inicial.”¹⁶⁹

Como não é o objetivo desta pesquisa buscar a veracidade da crença, o fato é que a realidade do espírita compreende estas percepções como reais e fazendo parte de uma constatação da existência de um mundo espiritual, onde encontra-se o falecido. Simbolicamente falando, há um lugar, na prática espírita, para os mortos, facilitando a separação e possibilitando que o sobrevivente reconstrua sua vida, independente de seu ente querido, pois encontram-se, definitivamente, em planos diferentes.

O sentimento que a mensagem é mesmo do falecido, por si só, não é o único motivo que mantém o enlutado na prática da psicografia. A sensação de bem estar, de acolhimento do grupo e de sustentação formam uma base de fortalecimento do vínculo entre enlutado e a doutrina.

¹⁶⁸ Entrevista n°12, Fita n°5, transcrita em fichário, p.95.

¹⁶⁹ PARKES, Colin, *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, São Paulo, Summus, 1998, p.69.

Para Kátia, após a perda da sua filha, ela acabou enfrentando uma série de perdas seguidas. Recentemente perdeu o marido e, solitária, encontra no grupo uma família que a acolhe:

“Eu me sinto bem em estar aqui. 6ª feira quando eu não venho aqui eu sinto falta. Da nossa reunião, da Vó falando, apesar de que eu não fico muito tempo lá, porque logo que começa eu vou logo embora, né? Mas eu sinto, eu sinto falta quando eu não venho aqui. Eu me sinto bem aqui.... Do nosso grupo, a gente é muito unido aqui, pelo menos o nosso grupo, né. Eu me sinto bem aqui, a Vó é muito bacana.”¹⁷⁰

Fátima revela o Centro Espírita como um ambiente especial:

“Aqui existe um ambiente muito bom, todos eles são muito bons, existe muita paz, ninguém sai daqui sem uma mensagem seja ela qual for...”¹⁷¹

O “equilíbrio” observado por Livia, demonstra que a crença e a prática podem proporcionar um espaço afetivo para o enlutado assimilar a perda sofrida:

“Olha o básico foi isso, deu mais equilíbrio, mais equilíbrio, o conforto ele vem aos pouquinhos, mas que foi uma mão na roda, uma ajuda muito grande, ah isso foi, você saber que tem uma continuidade, que não acaba ali, né, eu já acreditava nisso, só que eu nunca tinha me aprofundado tanto, né, fui buscar pela necessidade.”¹⁷²

O relato de Ari nos mostra que a crença em algo maior sustenta e equilibra emocionalmente. Este pai precisou enfrentar uma homenagem feita pelos colegas do filho, na escola que este estudava, e acredita que recebeu muita “força do plano espiritual”:

¹⁷⁰ Entrevista nº1, Fita nº2, transcrita em fichário, p.15.

¹⁷¹ Entrevista nº14, Fita nº5, transcrita em fichário, p.109.

¹⁷² Entrevista nº15, Fita nº5, transcrita em fichário, p.115.

Ari - ...eles que seguram, né, não sei, os cara lá de cima mandam alguém para segurar a gente: Olha vai lá ajudar o rapaz, lá, que vai falar ... do filho, né?

Carla - Fiquei muito surpresa, né, porque eu não fui. Foi ele com a irmã dele. Mas ele falou que ele tava com muita sustentação, que ele não sabe da onde veio coragem.¹⁷³

As mensagens acabam inspirando bons pensamentos, proporcionando confiança na vida:

“As mensagens me dão muita força, muita energia, que eu não preciso...que eu pense coisas boas, tenha firmeza, então eu só posso pensar coisas boas, pelo amor de Deus menina.”(Neide)¹⁷⁴

III.2.3 O resgate do simbolismo cristão

A moral espírita, conquistada através da reforma íntima¹⁷⁵, que guia o procedimento do médium e auxilia o indivíduo no seu crescimento pessoal, é totalmente baseada nos ensinamentos do Evangelho. Jesus, na doutrina, um espírito iluminado, torna-se um exemplo a ser seguido.

Toda reunião espírita tem uma parte evangélica que deve ser lida, estudada, compreendida, com o objetivo de estimular reflexões que enriquecem a própria vida e a dos outros. A reunião de psicografia, como vimos no capítulo anterior, não é diferente. Durante todo o tempo que estão sendo recebidas as mensagens, o Evangelho é lido e comentado por diferentes pessoas que compõem a mesa, gerando diversos comentários, possibilitando diversas formas de interpretação ao ouvinte.

Grande parte dos entrevistados admite que gosta muito de ouvir a parte evangélica, muitos inclusive buscaram este momento da reunião. Roberto, espírita e que

¹⁷³ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p. 63.

¹⁷⁴ Entrevista nº9, Fita nº 3, transcrita em fichário, p. 72.

¹⁷⁵ Cf. p.53.

perdeu o pai, reconhece no Evangelho, que é feito nas reuniões de psicografia, um trabalho “extremamente gratificante” e acrescenta:

“Então, é um trabalho interessante porque eu sinto isso nas pessoas, às vezes vem algum parente, algum amigo, às vezes as pessoas estão ali, os médiuns estão lendo, fazendo seus comentários a respeito de uma passagem da bíblia, cada um aborda de uma maneira, é claro, mas é nítido a sensação de que ele está falando com você. Às vezes ele dá uma lição de moral, dá um puxão de orelha, e a gente sempre se identifica com alguma situação, seja com um médium, seja com o outro. É isso que é muito legal, né. Eu diria assim, a gente tem um tipo de vida, e acho que isso é bem característico aqui de São Paulo, onde você vive correndo, nunca tem tempo para parar, acorda cedo, chega tarde, nunca tem tempo de ficar com você um pouco, para avaliar, fazer aquela análise crítica sobre o seu comportamento. E nessa hora, neste dia são aquelas duas horas que você passa aqui, sentado, numa cadeira que nem sempre é confortável, num calor, mas é gostoso, porque você está ouvindo essas coisas que sempre têm alguma coisinha para dizer para você lá. Essa é a parte mais legal. É óbvio que se no final vier uma mensagem acaba sendo mais gratificante. Mas, o trabalho em si já vale a pena.”¹⁷⁶

Resgatar os ensinamentos evangélicos, de uma forma mais livre, mais próxima da atualidade, estimulando a reflexão e os comentários, sem os limites institucionais impostos pela igreja católica, é atraente para o espírita. Neide admite que conheceu a doutrina e começou a freqüentá-la justamente pelo modo como era praticado o Evangelho:

“Quando tem esse culto aí, que eles falam sobre uma, como fala? Qualquer coisa do Evangelho, então cada um expõe a sua opinião, não é uma coisa metódica, cada uma fala o que

¹⁷⁶ Entrevista nº4, Fita nº2, transcrita em fichário, p.34.

entendeu, então uma outra pessoa da mesa fala o que entendeu, e cada uma vai falando. Então através disso você vai entendendo que não é uma coisa massificante, aquilo, e nessa conversa toda você vai percebendo, com sua cabeça, você vai percebendo o que é certo ou o que é errado.”¹⁷⁷

As mensagens, inclusive, possuem um tom doutrinário. Esta revelação é compreendida como um alerta à importância das lições do Evangelho. Roberto as entende também como uma espécie de lição:

“Os tipos de mensagem são sempre variados, então às vezes o tom da mensagem é um tom um pouco mais pessoal, vamos dizer assim, pessoal no sentido de algum recado ou alguma observação de caráter pessoal pra mim. Às vezes é alguma coisa mais genérica, como se fosse uma lição, vamos dizer assim, que eu pudesse ler, que você pudesse ler, e certamente todos que lessem iam se beneficiar dela.”¹⁷⁸

Para Júlia, é bom e coerente as mensagens reforçarem a fé, serem doutrinárias e conterem lições do Evangelho:

“Mas é assim, as mensagens são muito sucintas assim, muito rápidas, mas todas assim, para a gente ter fé, ter confiança e continuar, não se recebe muitas coisas particulares, assim, mas eu acredito bastante.(...) acho que a doutrina ensina a gente a dar explicações para determinadas coisas, para determinados ciclos na vida da gente, que nada é...é aquela coisa de causa e efeito, de que as coisas não terminam aqui, se aconteceu daquele jeito é porque no passado alguma coisa se encaminhou para que aquilo acontecesse. Uma das cartas que a minha mãe manda ela diz que a gente vem aqui para lapidar nossa pedra bruta e quando a gente encerra esse ciclo a gente vai para outros trabalhos, né? (...) Pra mim é bom, eu não sei outras pessoas, tem gente que

¹⁷⁷ Entrevista nº9, Fita nº3, transcrita em fichário, p. 68

¹⁷⁸ Entrevista nº4, Fita nº2, transcrita em fichário,p.34.

espera muita coisa que fala da vida do cotidiano, olha manda falar para tal pessoa isso, de coisa de detalhes, tem gente que até se decepciona com as cartas. No começo eu até pensava um pouco assim, mas depois eu fui vendo que são, não fala coisas pequenas, são mensagens rápidas mas que têm conteúdo.”

P - *E esse conteúdo é que você acha que está te ajudando?*

Júlia - Eu acho, eu acho, te dá um pouco mais de esperança.¹⁷⁹

Para Jung¹⁸⁰ a religiosidade pode ser considerada um instinto e a emoção pode causar uma considerável perda de consciência, fazendo com que tenhamos uma atitude de cortesia, respeito, revelando uma atitude religiosa em relação aos possíveis perigos psíquicos. O inconsciente pertence estruturalmente à psique do indivíduo, mas como o próprio nome diz, é inconsciente e muitas vezes não o reconheço como próprio. Um produto do inconsciente pode ser compreendido como algo que fala em mim, ou mesmo como algo superior - que esta além da consciência - que fala para mim.

A ativação de um conteúdo do inconsciente pode surgir através de um desmoronamento das expectativas de vida, ou mesmo da perda do significado e do sentido da vida muito comumente sentidas após uma perda, como as experimentadas aqui nesta pesquisa. Neste momento, o indivíduo enfrenta um perigo real do inconsciente tomar o lugar da realidade. No entanto, se for possível através de símbolos mediar este contato com o inconsciente, o indivíduo terá efeitos benéficos e de crescimento.

A partir do reconhecimento do limite, algo além de mim é percebido. Dar significado ou sentido a este além de mim é particular a cada um, mas para isso precisa ter fé, que no caso do espírita é optar pela crença da imortalidade do EU. O processo de luto, a experiência da perda, o contato com a doutrina e com o Evangelho, os conteúdos das mensagens estimulam a crença na imortalidade e reafirmam a fé, o que simbolicamente resulta em uma integração da realidade da morte na existência.

¹⁷⁹ Entrevista nº13, Fita nº5, transcrita em fichário, p.103.

¹⁸⁰ Cf. JUNG, Carl Gustav, Psicologia e Religião, *In: Obras Completas*, v.11/1, Rio de Janeiro, Vozes, 1978.

Mais sensível ao lado espiritual, Carla reconhece no exercício da religiosidade um caminho necessário para assimilar a perda e suportar a dor:

“O que eu achei, assim, o que deu para perceber que com a partida dele, toda a família que era assim, ninguém era muito preso a nada, entendeu, descompromissado com a parte religiosa, quase...agora não, sabe deu uma abertura, todo mundo está procurando, procurando um caminho, entendeu, qual o meu papel aqui, sabe. Isso que eu achei, estava falando outro dia: olha, por incrível que pareça, mas com a partida do Pedro todo mundo buscou o seu caminho. Um foi para um lado, outro para outro, mas todo mundo tá se encaixando, procurando ver: mas o que eu estou fazendo aqui, quando eu parti, para onde eu vou, entendeu, já começar a procurar algo mais, né, não estar tão assim terra-terra; tão apegado as coisas materiais. Mas assim mesmo tem gente ainda preso a algumas coisas, mas a gente tá vendo que já estão se desligando, estão em busca mais de um recurso espiritual, sabe. Então a gente faz o nosso Evangelho, os dois...”¹⁸¹

III.3 A RETOMADA DA VIDA

“Sua morte gerou a vida, e a sua lembrança, como aroma sutil, vai lançar em toda a parte a semente dos entusiasmos futuros.”¹⁸²

O momento em que se dá para o enlutado a retomada da vida é difícil de apontar. O certo é que os entrevistados, em geral, re-significaram suas vidas e descobriram um novo sentido e um jeito de conviver com a perda que enfrentaram. Não podemos negar que grande parte das perdas vividas por estas pessoas transformaram significativamente suas vidas e, às vezes, toda uma dinâmica familiar.

¹⁸¹ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p.63.

¹⁸² DENIS, Léon, *O problema do ser, do destino e da dor*, Rio de Janeiro, FEB, 1998, p.375

Aceitar uma perda é perceber e aceitar as mudanças que ocorreram a partir do acontecimento da morte; mudanças e transformações, que atingem vários níveis da personalidade do sobrevivente. Pode-se observar que, em alguns casos, como por exemplo, Roberto, Flávia, Carla, Ari, Neide e Júlia, nos quais já há uma aceitação maior das perdas, a mensagem já não tem tanta importância, a frequência da busca diminui ou chega até mesmo a acontecer raramente, sendo substituída pela ida ao Centro, pela participação das reuniões, pelo desenvolvimento de trabalhos, entre outras coisas. Nos demais, as mensagens ainda são importantes no processo, ou seu significado está sendo substituído, tornando-se uma forma de homenagem ou de recordação do falecido.

III.3.1 Negação da morte?

Nas entrevistas, são claras as respostas sobre a morte do outro, das reações, dos sentimentos experimentados com a perda, do reconhecimento da falta e de que aquele morto está em um plano diferente. O acesso a este plano, inclusive, é coberto de regras e cuidados específicos, como alerta Vó Martha em sua entrevista.

“As pessoas pensam que é fácil, que é só sentar e pensar no espírito e tudo bem? Não é. Tudo tem uma responsabilidade muito grande, intercâmbio entre dois planos de vida, precisa ter responsabilidade. Médiun que não tem moral e responsabilidade não deve trabalhar.”¹⁸³

Na prática espírita, a morte não é negada, ela é compreendida como uma passagem e a vida, compreendida em um contexto onde parte se vive no campo terreno e parte no campo espiritual.

“Na realidade a maior diferença está na questão, eu acho, da conformação, quer dizer, a gente sempre aceita uma perda e se conforma com ela porque obviamente se aquela perda existiu era a vontade de Deus, vamos dizer, é óbvio que em muitas das situações podia não ser a vontade dele, mas o livre-arbítrio de

¹⁸³ Entrevista com Vó Martha, Fita nº1, transcrita em fichário, p.7.

cada um de nós acabou provocando a morte de alguém ou a própria morte. O que eu percebo muito, entre as pessoas que não são espíritas, é justamente esta indignação quando existe a perda de um ente querido, uma revolta, uma total não aceitação do fato, principalmente quando esta morte se dá de uma maneira violenta. Aí fica, a indignação é maior ainda. Então, eu acho que é essa a grande diferença. No fundo, no fundo, volto a falar, o fato de agente aceitar bem, não significa que a gente fica satisfeito, claro. No meu caso específico eu perdi o meu pai, eu acho que tinha 18, 20 anos, é 20 anos. Então no fundo, por exemplo, aí eu acho que entra um pouco da psicologia, eu também senti muita falta da figura do pai, naquela fase que eu estava me tornando adulto já, começando a tomar decisões importantes na vida, principalmente profissionais, esse tipo de coisa, isso por exemplo foi, além da figura do pai em si, eu senti muita falta desta figura que me ajudava nestas horas. Mas, a gente aceita, vamos dizer assim, com a maior resignação possível, e é essa a diferença. Essa é a grande diferença entre quem é espírita, quem acredita nisso, e quem não acredita, quem desconfia dessas coisas, né.” (Roberto)¹⁸⁴

Um fato importante, que expressa a realidade do morto no entendimento espírita como algo além desta vida, que pertence a outro plano, é a constatação que algo maior e melhor preparado cuida daquele que faleceu, um espírito mais iluminado, mais experiente, amigo ou parente já morto também:

“O pai dele mandou uma mensagem falando dela, que era o dia , o lugar e o jeito dela ir, que tinha que ser daquele jeito mesmo, que ela já tinha escolhido, que teria que ser assim, Mas que ela estava bem, que ela ainda estava dormindo, né, que ela já tinha sido socorrida, que ela estava dormindo, ...”(Maria)¹⁸⁵

¹⁸⁴ Entrevista nº4, Fita nº2, transcrita em fichário, p.35.

¹⁸⁵ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p.85

A dor de uma perda é totalmente desestruturadora. É claro que esta situação pede o respeito aos diferentes tipos de perda, à complexidade dos vínculos anteriores e à forma como cada pessoa enfrenta e compreende a morte. Negar a morte é uma tentação em uma sociedade que prioriza a vida. Não aquela que é vivida em toda a sua potencialidade, mas a vida que precisa ser totalmente feliz, sinal de realização e sucesso. A idéia de morte, quando reprimida, se expressa por meio de medos, de doença, de violência, de abandono, de solidão, e também de regras de controle, atendendo uma receita que afirma que, se tudo for bem feito, nada acontecerá.

José, que perdeu uma filha atropelada na calçada, refletindo sobre o sentido da vida, sobre medos e angústias, afirma que enfrentar a perda trouxe uma realidade nova:

“Eu tinha muito medo de perder minha filha, era a coisa que mais medo eu tinha. Eu ficava desesperado, eu e a Maria, a gente controlava as horas, a hora que saía, a hora que chegava, se pegava um ônibus ficava desesperado, se pegava um carro ficava desesperado, se saía com as amigas, a hora que ia voltar eu ficava desesperado, eu sempre tive medo, de quando era criança dela ser raptada, dela se perder, dela ficar doente, dela vir a falecer, eu morria de medo de perder minha filha, eu tinha o maior medo...a coisa que eu tinha mais medo era isso... Acho que para todos, mas pra ela e pro meu filho que eram os primeiros, né, acho que por causa disso. Mas já aconteceu, então hoje eu sou uma pessoa que dificilmente algo vai me deixar angustiado. Lógico, continuo preocupado com meus filhos, na hora que sai, na hora que volta, continuo sendo o mesmo pai protetor, cobro, entende, brigo, vou atrás deles, fico em cima, mas aquelas barreiras que a gente tinha, aquela angústia que eu tinha não sei da onde vinha pra mim acabou. Então hoje a gente tá descobrindo alguma coisa nova.”¹⁸⁶

¹⁸⁶ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p.87.

III.3.2 A saudade

A saudade é o sentimento mais citado pelos entrevistados, que reconhecem na psicografia um objeto de apego e de memória, facilitando a canalização desta saudade, como pode ilustrar Lauro:

“A saudade é muita. Eu tenho muita saudade dela, né, mas quando eu tenho saudade eu leio as mensagens e já passa.”¹⁸⁷

A saudade é o sentimento que o enlutado recebe como herança após uma perda. Não se evita a saudade, a prática da psicografia e a sustentação dada pelo grupo, assim como pelo “plano espiritual”, têm como objetivo dar apoio ao enlutado que sofre. Com tão grande apoio do mundo espiritual, resta ao enlutado a obrigação de cuidar de si e da família que ficou na terra. Para o falecido estar bem é necessário que o sobrevivente cuide de si mesmo para não aumentar seu sofrimento e, com isso, ampliar também a dificuldade do outro de se adaptar em sua nova condição. Na realidade, ambos precisam se adaptar a uma nova situação, guardando as devidas diferenças e reconhecendo que estão em planos diferentes.

Neste sentido pode, inclusive, inverter os papéis e o morto poderá vir a cuidar do sobrevivente, dependendo de sua evolução, auxiliando a uma vida melhor na terra. Lauro, apaixonado e bastante dependente de sua esposa, quando viva, sente-se ainda protegido e cuidado por ela:

“Ela fala muita coisa boa, viu, ela fala: ‘Quando você estiver saudoso de mim pode estar certo que eu estou aí te abraçando.’... ‘quando for de dia, você olha assim nas nuvens eu estou lá...Abre a janela, se for a noite, entre as estrelas eu estou vendo você. Peço a Deus para lhe dar saúde, peço a Deus todo dia pela sua saúde’”¹⁸⁸

¹⁸⁷ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p. 56.

¹⁸⁸ Entrevista nº7, Fita nº3, transcrita em fichário, p.55.

III.3.3 O luto complicado

Durante este trabalho, um fato chamou muito a atenção: duas das entrevistas que apresentaram uma dor maior, uma desorganização no pensamento, um longo tempo de luto, sugerindo um comprometimento maior da saúde mental, são aquelas que relatam dúvidas no procedimento ou na veracidade das mensagens, o que faz pensar que a dúvida não faz da crença um contexto para uma possível integração da ruptura causada pela perda.

Não há uma aceitação da morte nem como passagem. O desejo de ter o outro vivo, para o enlutado, é mais forte que aceitar a sua “viagem”. A doutrina, nestes casos, acaba servindo como apoio para a fabricação de ilusões, colocando o plano espiritual como se fosse em uma cidade perto daqui, acreditando que a qualquer momento este ser estará de volta. A falta de resignação é a diferença sutil que estas exceções nos apresentam.

Na prática, negar a morte é bem diferente do que aceitá-la com uma compreensão de imortalidade do espírito. No segundo caso, pode ser confortável esta idéia, mas há a necessidade de elaborar todo um processo de luto como qualquer outro, reconhecendo que a morte traz uma mudança de estado e uma separação, que coloca o atual momento diferente do anterior. Nos dois exemplos citados há uma resistência a essa mudança, justamente pela não aceitação da morte como momento natural da vida e, portanto, a dúvida torna-se um meio de garantir uma possível ilusão, que algo diferente possa acontecer e trazer o outro de volta.

No entanto, há também, um espaço para esta dor no Centro. O espírita não julga, nem apressa o caminho do outro. Mas, insiste em mostrar a realidade da morte, dentro do seu entendimento, da forma como ela é. Observa-se isso no comentário feito por Vó Martha no caso de Lúcia, cuja entrevista ela mesma sugeriu e reconhece que seu luto está muito difícil e complicado:

“Toda ferida precisa ser bem limpa para não infeccionar e assim poder ficar curada e toda dor precisa ser bem chorada e muito falada, para também não infeccionar e poder ser curada.”¹⁸⁹

¹⁸⁹ Entrevista nº5, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 46.

O mesmo acontece com Ana, que tem no Centro um apoio, que faz com que ela se envolva nos projetos da casa, oferecendo um tempo precioso para que ela consiga retomar sua vida e cuidar da própria pessoa.

“Como eu estou trabalhando, agora trabalho na lanchonete, já tem doze anos, desde quando entrei, estou para sair, para sair, não me deixam, nem a Vó Martha, porque eu já estou cansada. Mas isso aqui é muito gratificante para mim, pra mim trabalhar, porque a cabeça melhora bem, né. Às vezes eu não venho de 3ª feira, é pior, eu vou para lá pelo menos eu converso com um, converso com outra e passa. Porque eu tenho muita ansiedade ainda, dói muito, porque é um pedaço do coração da gente que parte, eu sinto muita saudade do meu filho, eu sinto (chora), fico muito doente e peço para ele me ajudar e ele fala: ‘mãe eu não posso fazer mais do que eu estou fazendo por você. É você que tem que se ajudar...’ É assim a luta da gente, né, mas eu fico bem, graças a Deus, eu estou recuperando, eu e o meu marido, ele também sabe chorar minha filha, perto de mim... ele chorava bastante também...”¹⁹⁰

Neste caso, foi possível perceber o quanto este acolhimento é importante e pode oferecer algum resultado. Ana, ao encontrar esta pesquisadora¹⁹¹ em uma reunião de psicografia, após algum tempo de sua entrevista (aproximadamente um mês), contou que havia procurado um psiquiatra e que estava se cuidando, que ela sabia que precisava fazer isso, o próprio filho sempre pedia este cuidado nas mensagens. Estava alegre e decidida a manter o tratamento, dizendo que iria “fazer tudo direitinho”.

A questão da morte é maior que o conforto que uma religião pode oferecer. Perder alguém (assim como a reflexão obrigatória que surge no enfrentamento da morte sobre a transitoriedade da própria vida) pede um trabalho de reafirmação da própria fé. No caso de Lúcia, sua angústia é tão grande que ela, embora tenha uma crença, esta não a conforta. Lúcia precisa ter certeza da prática que está buscando, por isso vai a vários médiuns, cercando-se de vários cuidados e questionando as psicografias elaboradas para

¹⁹⁰ Entrevista nº2, Fita nº2, transcrita em fichário, p.21.

¹⁹¹ Mais informações sobre este encontro ver Entrevista nº2, Fita nº2, transcrita em fichário, p.24.

ela. Embora espírita há 30 anos, sua angústia é maior que a sua crença e, por conhecer bem a doutrina sabe, no fundo, que a prova maior da existência de um mundo espiritual é uma questão de fé. E esta fé, mesmo que raciocinada, como propaga o espiritismo, ampara, mas não atende o seu maior desejo que é de ter o filho de volta ao seu lado e não em outro plano.

Lúcia tem sido também acolhida em sua revolta em ambos os Centros que frequenta, um deles proporcionando condições para que ela desenvolva atividades que valorizem seu potencial enquanto ser humano e o outro, o Grupo Noel, deixando-a chorar.

“Trabalho na dessobsessão... E trabalho na 6ª feira no trabalho da AIDS. E na 2ª feira eu tenho aula... E é isso que está me sustentando. Onde que eu vou? Então, vou trabalhar, eu não sou de muito sair, meu marido menos ainda. Ele deu para beber. Então ele vem em casa e chega bêbado. Então eu e o meu marido não sai, não viaja, não vai para lugar nenhum. Então eu vou trabalhar. Na 2ª feira eu tenho aula, quando eu estou com vontade de ir eu vou, quando eu não tenho, não vou. Mas na 3ª e na 6ª eu não falto. Para trabalhar eu não falto, eu dou sustentação e eles acham que eu dou sustentação muito bem, não querem me...é isso aí, a minha vida se restringe a isso daí agora. E de 3ª feira eu trabalho em uma sala de costura, também que é beneficente, eu entro lá a 1 hora e saio as 4 e meia. Hoje foi corrido, hoje, porque...”¹⁹²

Lúcia comenta que “foi corrido” porque uma vez por mês tem licença para sair mais cedo do outro Centro e se dirigir ao Grupo Noel para pedir a psicografia do filho. Comenta gostar muito do seu trabalho e que faz qualquer coisa para ajudar porque serve para “matar o tempo porque agora é só matar o tempo, porque viver ele acho que não...”¹⁹³

¹⁹² Entrevista nº5, Fita nº2, transcrita em fichário, p.42.

¹⁹³ Entrevista nº5, Fita nº2, transcrita em fichário, p.45.

Surpreendentemente, ao terminar a entrevista, Lúcia, bastante emocionada, agradece muito a oportunidade de falar sobre o filho, reafirmando a necessidade que o enlutado tem em falar sobre a sua perda, e comenta:

“Bastou ele morrer para todo mundo se afastar e ninguém mais falar do assunto. Eu achava que nem lembrava mais nada, meu marido não fala comigo, meu filho também não, ninguém quer falar.”¹⁹⁴

III.3.4 Um novo caminho

“É, o espiritismo pra gente foi assim...foi tudo. Se eu não estivesse no espiritismo eu acho que eu não teria agüentado não... eu acho que as mensagens, as psicografias que a gente recebe faz com que a gente continue viva, porque às vezes a gente perde, como no caso a gente que perdeu a filha, e na hora o desespero que você tem é assim: pra mim também acabou tudo, sabe. E o espiritismo faz você entender que não é assim, que a luta continua, que você tem que continuar, que você tem que continuar lutando, que você tem que agradecer a Deus por ter conseguido passar por este sofrimento, certo, por ter conseguido superar isso, e isso é muito importante para nós, foi muito importante pro meus filhos, também.”(Maria)¹⁹⁵

As explicações racionais dadas pelo espiritismo aproximam o enlutado da realidade da perda, dando sentido ao acontecido, trazendo-lhe à realidade espiritual. O aspecto consolador da doutrina reforça a transitoriedade da vida, afirmando que a morte é uma passagem. Esta concepção de morte implica na aceitação de um mundo espiritual para onde se dirigem os mortos. Neste mundo espiritual, espíritos em evolução teriam a oportunidade de se aperfeiçoar e planejar as futuras encarnações.

¹⁹⁴ Entrevista nº5, Fita nº2, transcrita em fichário, p. 46.

¹⁹⁵ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p. 88.

Esta idéia de continuidade após a morte amplia a concepção de vida “para a eternidade”, portanto faz daquela um acontecimento inevitável e necessário, assim como a dor da perda.

Como resultado deste trabalho, é possível observar nas entrevistas¹⁹⁶, uma redescoberta de um sentido para a vida, estimulado a partir da prática da psicografia.

“E as mensagens que ela manda pra gente eu tenho passado pra muitas pessoas, principalmente para mães que também perderam filho e que no começo não acreditavam, pessoas que conheciam a minha filha. E pra eles foi muito bom, sabe, depois que eles leram as mensagens da Milene eles começaram a procurar caminhos diferentes. Então... .. Eu acho que a gente tem que passar para as outras pessoas que a morte não é acabou e ponto. Que continua a vida, só que ela continua em plano diferente, num lugar diferente, numa cidade diferente, e que você tem notícias dela e que você vai encontrar com ela, não interessa que vai demorar 50 anos, 70 anos, você vai voltar a ver, é isso que eu tento passar as pessoas quando eu dou a mensagem para elas lerem.”(Maria)¹⁹⁷

Diferentes sofrimentos expressam perdas irreparáveis, inquestionáveis, que só aquele que perdeu sabe, é ele quem conhece a importância do vínculo construído, da relação que foi rompida com a morte. Porém, é neste local, entre lembranças e prantos que mais encontramos solidariedade e compaixão. Reconhecendo a própria dor, o enlutado torna-se apto a perceber o outro.

É no trabalho, que pode ser dentro do Centro Espírita, ou de caridade, ou qualquer outro que tenha sentido para o enlutado, que ele redireciona sua energia. Carla, após perder seu único filho, precisa, obrigatoriamente, rever sua vida e transformar seus sonhos e objetivos. Ela sente que agora deve auxiliar e dirigir sua maternidade àqueles que sofreram com a perda e que precisam de ajuda:

¹⁹⁶ Com exceção dos depoimentos de Lúcia e Ana que foram analisados no item anterior.

¹⁹⁷ Entrevista nº11, Fita nº4, transcrita em fichário, p. 88.

“Então a gente está formando este grupo, que ele acha que é preciso, que é o que está faltando, entendeu? Então nós estudamos toda 3ª feira o Livro dos Espíritos, é isso que é o nosso tema. Então a gente se reúne com casais que o objetivo é esse, é a gente poder dar força e entrar em sintonia quando souber que alguém perdeu alguém da família, sobretudo filho, entendeu? É assim, é para um ligar pro outro: ‘olha, desencarnou fulano de tal, assim, tal’ e entra em sustentação e harmonia e vai alguém para o local, entendeu? É esse o objetivo do grupo, então nós estamos estudando. Interessante que foi de 3ª feira e a gente fazia assim, como a gente sai, viaja de vez em quando, era na 3ª que a gente vinha para cá, aí eu pensei cá comigo: eu, estou pensando, a vida inteira eu só tenho recebido, foi no Noel, só recebo psicografia, psicografia...estão me chamando para trabalhar e é de 3ª, então eu acho que é um horário de trabalho. Então eu estou me colocando à disposição, quer dizer, estou deixando de vir na 3ª para saber e estou em busca já de trabalho. É hora de trabalhar porque a gente só recebe, não pode, tem que também trabalhar. E o trabalho apareceu assim e apareceu para o casal, quer dizer, para nós dois, então já é, né, são coisas assim... É que nessa hora quando você perde um ente, como nós perdemos, é muito importante pessoas ali do lado, né,”¹⁹⁸

A fé é resgatada, pois crer em um mundo espiritual é condição necessária para viabilizar a experiência das mensagens. É preciso crer na vida além da morte, na possibilidade de comunicação com o mundo espiritual, na autoria das mensagens. Somente assim, estas se tornam portadoras de notícias e orientações daqueles que faleceram, além de serem um meio pelo qual as relações se darão a partir de agora.

A psicografia teria, para o enlutado, a função de rito de passagem, pois num, primeiro momento, traz a compreensão de que aquele parente ou amigo já não é mais como antes: os valores, os desejos, os pequenos atos que seriam importantes na vida

¹⁹⁸Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p.65.

perdem a importância na morte. Por outro lado, ela permite contextualizar a vida em algo maior do que comumente se apresenta no cotidiano, além do aqui e agora, além do visível e concreto. Uma nova concepção de vida, assim, se estrutura.

O Centro, por sua própria estruturação, permite maior aproximação entre todos (médiuns, frequentadores e trabalhadores). Isto favorece a construção de um espaço receptivo para a dor e para o sofrimento, onde os sentidos da vida e da morte podem ser explorados, além de permitir que a Leitura do Evangelho possa ser compartilhada.

Érica, após a dor sentida com a perda da mãe, descobre uma nova compreensão do Evangelho, um caminho que amplia a sua compreensão sobre a vida, aliviando a dor e diminuindo o pavor da morte.

“Ajudou muito em tudo. Porque quando ela faleceu eu achava que o mundo tinha acabado, sabe? Fiquei muito desesperada porque qualquer coisa a gente corria para o colinho da mamãe, porque eu acho que filho não tem idade. E aqui me trouxe muita compreensão de tudo, porque apesar de eu ser da religião católica, eu não lia a bíblia, eu não entendia, nunca tinha lido o Novo Testamento, o Evangelho, então aqui eu aprendi tudo e hoje em dia eu procuro aplicar principalmente pros meus filhos, né? E sempre que posso eu ajudo, e cada vez que eu venho, que eu demoro para vir, eu sinto muita falta. Eu frequentei muito seguido, depois agora por estar viajando muito, eu não posso, mas me deu muita paz, muita tranquilidade, muita coragem. Porque eu tinha pavor de morrer, agora, ainda tenho um pouco, mas eu tinha pavor, chegava às vezes a suar frio, era horrível, um pânico forte.”(Érica)¹⁹⁹

Ari, resignado, devolve a Deus seu filho único, pois entende agora, que a vida é uma “jóia rara que pertence à ele”:

“Nós não fomos aqueles que ficam revoltados, querem que o mundo acabe, não, não, a gente entendeu perfeitamente que...Um dia eu li num livro que a gente é uma jóia rara, né, que

Deus empresta para você: ‘Ó, você tem essa jóia rara, você vai lapidá-la um pouquinho para mim, né.’ Ele dá essa jóia rara, mas é dele, um dia ele pega essa jóia de volta e você tem que devolver, uma coisa que não é sua, né, é dele, tem que devolver a jóia para ele. Foi o que aconteceu com a gente, tivemos que devolver. Uns devolvem cedinho, outros devolvem mais tarde, né, outros lapidam bastante, né, mas é isso daí, é uma jóia, é dele, né? ...”²⁰⁰

Acompanhar os trabalhos do Centro permite perceber, como é apresentado na doutrina Espírita Kardecista, que a busca para se tornar um ser humano “mais amoroso, bom e praticante da caridade” faz com que os integrantes de seu grupo sejam naturalmente acolhedores.

Além disso, o freqüentador de uma casa espírita sente-se bem e amparado dentro dela. No caso do enlutado, é o espaço que se abre para recebê-lo, acolher seu pranto, permitir a dor da separação e revelar que esta experiência pode lhe trazer força. Contribui, assim, para recuperar a confiança e seu potencial transformador.

“Ah mudou, claro, lógico, eu cheguei aqui, como fala, dando os primeiros passinhos, hoje já estou firme.”(Érica)²⁰¹

“Eu acho que fiquei mais forte. Sabe eu acho que ter vencido, você tem força, tem uma força minha, sabe, a gente vai ajudando e a estrutura da gente vai ficando forte, então precisa muita coisa para me derrubar.”(Neide)²⁰²

As mudanças de comportamento são notadas pelos próprios entrevistados, que se sentem diferentes de quando começaram este caminho:

(a doutrina) “Ela me deu uma segurança, uma serenidade, um equilíbrio, uma...eu sou hoje um homem pacífico, misericordioso, generoso. Então, eu sou um outro homem com a

¹⁹⁹ Entrevista nº3, Fita nº2, transcrita em fichário, p.27.

²⁰⁰ Entrevista nº8, Fita nº3, transcrita em fichário, p.62.

²⁰¹ Entrevista nº3, Fita nº2, transcrita em fichário, p.31.

²⁰² Entrevista nº9, Fita nº3, transcrita em fichário, p.71.

doutrina espírita e muito satisfeito comigo mesmo. Nada me angustia porque eu tenho a minha doutrina, meu Cristo. Eu tenho o máximo. Não tenho mais ambições, não tenho...se eu não virei presidente da república até agora, eu não vou ser mais (risos)...então...”(André)²⁰³

A busca da psicografia em um Centro Espírita é uma busca de conforto, de alívio para uma dor provocada pela perda de uma figura de vínculo. As sessões de psicografia tornam-se um espaço que possibilita o enlutado enfrentar a perda e elaborar o seu luto. A análise das entrevistas confirma a primeira hipótese levantada neste trabalho, que o Espiritismo se revela como um espaço continente ao sofrimento, à dor e à perda, a partir:

- a) das mensagens recebidas, que possibilitam o processo de desapego necessário para assimilar a perda, localizando o morto em outro plano e possibilitando resolver questões pendentes.
- b) dos membros do grupo, cuja a convivência permite a sustentação necessária para a elaboração do luto e ampara, afetivamente, aquele que está sofrendo, além de contribuir para uma maior sociabilidade.

A busca das mensagens dá início a um diálogo com o falecido, que proporciona o reconhecimento da nova situação deste, dando um sentido para a morte, levando o enlutado a redescobrir um novo sentido para a sua vida, confirmando, assim, a segunda hipótese levanta nesta pesquisa. A partir desse diálogo, observa-se que:

- a) a vivência espiritual, provocada pela crença, sensibiliza os envolvidos no processo, estimulando o desapego necessário para a aceitação da perda.
- b) a compreensão de que há algo além do mundo concreto, criando uma esperança que dá sentido a morte e redireciona a vida.
- c) o resgate do símbolo cristão, pelas Lições do Evangelho, que possibilita dar sentido à vida, guiando-se pelo reconhecimento do amor de Cristo e do amor de Deus.

²⁰³ Entrevista nº10, Fita nº4, transcrita em fichário, p.77

CONCLUSÃO

“Sem esperança, os seres humanos sofrem. Com ela, tudo o que se imagina pode se tornar possível.”²⁰³

Esta pesquisa guiou-se, fundamentalmente, pela hipótese de que o espaço religioso pode ser um espaço importante de ser resgatado como continente ao sofrimento, à dor e à perda. Em uma sociedade que nega e banaliza a morte, faltam espaços onde a “finitude fale”.²⁰⁴ Pareceu ser interessante aproximar-se de uma religião, que também se diz uma ciência e uma filosofia e que, portanto, possui uma linguagem mais próxima da linguagem aceita na modernidade. O objetivo era compreender quão atrativo e significativo poderia ser o espaço de um centro espírita para a elaboração do luto e, como consequência natural, descobrir a mensagem psicografada, não só como instrumento de consolo, mas como um meio de transformar o contato com a morte em uma experiência de redescoberta de um sentido para a vida.

Compreender o luto de forma ampla, como uma reação natural à perda, pedia uma aproximação do conceito de morte como foi feito no Capítulo I. A morte, inevitável realidade, revela um ser humano, que transita entre o desejo de ser imortal e sabedor de sua condição de mortal, diante do medo de perder a própria individualidade, do medo do Nada.

O medo e a angústia sentidos, frente à consciência da morte, devem ser compreendidos dentro de uma realidade social, pois esta influencia na forma de lidar com a finitude. Através da história, diferentes atitudes diante da morte foram observadas, constatando-se que hoje, nos grandes centros urbanos, a morte já não tem lugar: é negada e deve manter-se oculta. Ao silenciarmos a morte, tentamos reprimir o luto mas, por este ser uma reação natural à perda,

²⁰³ MILLER, Sukie, *Depois da vida*: desvendando a jornada pós-morte, São Paulo: Summus, 1997, p.170.

²⁰⁴ O autor refere-se a falta de um espaço cultural, afetivo e cognitivo para esta finitude e propõe que um dos espaços privilegiados onde esta construção cultural pode se dar é o da religião. Cf. PONDE, Luiz Felipe, *Finitude como experiência do humano e como experiência contemporânea do sagrado: um esboço da mística da agonia*, In LOPES, José Rogério (org.), *O finito e o infinito na experiência humana*, Taubaté, GEIC/NIPPC, Unitau/CRE/PUC-SP, 2000, p.81.

acaba surgindo entre a patologia e a normalidade de um processo que, fundamentalmente, só precisaria de uma escuta acolhedora para se manifestar.

A realidade espírita foi apresentada no Capítulo II. Aspectos básicos da doutrina, como a idéia de Deus, a crença em uma vida após a morte, em espíritos e na possibilidade de comunicação com o plano espiritual foram focos de atenção na primeira parte deste capítulo. Os conceitos de morte e luto foram observados à luz dos ensinamentos espíritas, seguidos por uma atenção especial à Assistência Espírita, que tem no exercício da caridade o princípio fundamental de ser espírita.

Com este pano de fundo, o foco principal foi dirigido para a prática da psicografia, como origem do espiritismo, como meio de propagação da doutrina e como assistência, cujo o objetivo é proporcionar consolo e orientação àquele que está sofrendo por uma perda. A compreensão da morte, para o espírita, é que esta é uma passagem. Esta passagem divide duas dimensões: a terrena, onde estão os encarnados e que chamamos de vida; e a espiritual, onde estão os espíritos além da morte. Este princípio fundamenta a crença espírita e estabelece que, através de médiuns, uma comunicação com os mortos pode acontecer. A partir desta realidade, um Centro Espírita abre suas portas para receber aquele que está sofrendo e desamparado pela dor da perda.

Ainda nesse capítulo, através da observação empírica e coleta de dados quantitativos, foi feita uma aproximação ao *locus* de pesquisa, o Grupo Noel, detalhando a forma como as sessões de psicografia acontecem neste espaço, assim como, um breve perfil das pessoas que procuram a prática, em que momento o faz e que perda suscita a busca. Diante desta realidade, agora mais conhecida, optou-se por realizar 15 entrevistas semi-dirigidas com enlutados freqüentadores do Centro. O objetivo era responder as hipóteses que originaram esta pesquisa, cujo dados foram apresentados e analisados no Capítulo III.

Inicialmente, no Capítulo III, foi observado que a busca do enlutado por seu falecido - fase natural de um processo de luto - promove a busca da psicografia com o intuito de aliviar a dor e a angústia que a perda provocou. Saber que seu ente querido está “vivo” em algum lugar possibilita o início de um diálogo sincero com o acontecido. Assim, foi possível observar em todos os relatos o quanto a morte surpreendeu e, independentemente de ser espírita, a dor foi percebida como algo intenso e insuportável. A morte, na maioria dos casos, não é negada; a crença possibilita um lugar para o falecido, favorecendo o enfrentamento e a integração da perda.

O enlutado, como parte natural do processo de elaboração de seu luto, busca o falecido. O Espiritismo fornece o elemento fundamental para esta busca, a crença de que a vida continua após a morte. E, apresenta este dogma como uma realidade passível de comprovação, utilizando-se da experiência da psicografia para isto.

Embora o sentido para a morte, conquistado pelo contato com a doutrina e com as mensagens, facilite a aceitação da perda, o crédito maior acaba sendo o amparo dado pelo grupo. O amparo se inicia antes da chegada ao grupo, pois alguém indica o Centro e essa indicação já é sentida como uma expressão de carinho. A teia de relações afetivas começa a crescer à medida em que o indivíduo vai se enredando pelos caminhos da busca de mensagem. Em uma relação de compaixão e solidariedade, fruto de um compromisso maior com a caridade, o enlutado é acolhido e encorajado a estabelecer uma comunicação com o falecido, com o objetivo de aliviar seu sofrimento.

A partir do alívio sentido ao reconhecer o morto na mensagem, o enlutado entra na realidade espírita e passa a perceber sinais que comprovam e estimulam a crença. As mensagens acabam assegurando que o morto não será esquecido, que sua história está preservada e que, ao aceitar as dimensões terrena e espiritual, o enlutado pode adquirir o desapego necessário para aceitar a perda.

Neste momento, o grupo passa a ter um papel ainda mais importante, o de criar um ambiente de paz e amor, de confiança no devir, de confiança na potencialidade do enlutado de superar seu sofrimento. Nessas novas vidas transformadas, a fé é resgatada e o culto também sofre sutis mudanças: para alguns, as mensagens já não são prioridades; para outros, ainda servem de homenagem ou recordação. Na verdade, a saudade é inevitável, não é negada e seu enfrentamento é facilitado pelas mensagens.

Ancorado na prática, o indivíduo vai retomando sua própria vida. O fluxo de energia volta a fluir e novos planos podem ser traçados. A pessoa amada segue seu destino em outro plano. Resta ao enlutado retomar sua jornada nesta vida, porém com uma bagagem maior, fruto da experiência de ter se aproximado da morte.

É comum a fala de que os “espíritos não deixam os seus mortos em paz”. Contudo, a morte está na vida; assim, não há como deixá-la. O espírita não permite que seus mortos sejam esquecidos. Aquele ente querido permanece vivo dentro do enlutado, fala com ele, orienta-o e torna presente a realidade espiritual. O Espiritismo, ao assumir-se como uma

filosofia, uma ciência e uma religião, não obriga ao espírita romper com valores e crenças sobre o mundo. Na verdade, a doutrina propõe uma dimensão espiritual como sendo algo natural ao ser humano, observável a todos aqueles que se proponham a aceitar essa dimensão. Com a certeza na assistência e existência de Deus, o indivíduo busca nos ensinamentos do Evangelho e na figura de Cristo a força e a confiança para enfrentar sua dor e redirecionar seu caminho.

A busca do espiritismo se dá através da razão, de uma explicação para as dificuldades da vida. A conversão ocorre nesta busca racional, o indivíduo acredita que encontrou uma explicação para o suas questões. No entanto, a pertença acontece através do sentimento, o aspecto religioso envolve o praticante e o remete a algo maior, a um mundo que transcende esta realidade: uma vida espiritual que dá sentido a esta vida terrena e que faz da prática da caridade e das relações de solidariedade a verdadeira expressão de ser humano.

O resultado observado foi a retomada da própria vida a partir da aceitação da morte do outro, dentro de parâmetros que o indivíduo entenda como situação vencida. A elaboração do luto, tendo o espaço espírita como continente e as mensagens como instrumento, foi entendida como demonstrada na maioria das entrevistas, pois nelas, é exprimido o reconhecimento da morte, a conformação, a busca de uma nova forma de viver sem a presença do falecido e a coragem de entregar-se à própria vida.

O enlutado encontra em um Centro Espírita a esperança. Uma esperança que se alimenta da crença em uma vida após a morte, da possibilidade de reencontro com o afeto perdido, da comunicação que se estabelece através das mensagens psicografadas. Paralelamente, o exercício do desapego torna-se necessário para a aceitação de um mundo espiritual, pois a vida no espírito somente inicia-se após a morte do corpo. A diferença entre negar o acontecimento da morte e dar um sentido para que esta possa ser assimilada e integrada a própria realidade, é bastante sutil e pode dificultar a nossa compreensão do espírita praticante. Esta pesquisa demonstrou esta diferença ao apresentar dois casos onde a morte e a perda estavam sendo negadas enquanto acontecimento pelos enlutados. Em ambos os casos, o desejo era da presença concreta do outro, gerando questionamentos quanto a doutrina e sua prática. Como resultado, o enlutado não encontra na crença a inspiração para o desapego do ente querido e, conseqüentemente, surgem dificuldades na elaboração do luto.

Não é possível afirmar, com estes dados, e principalmente com o tempo envolvido nesta pesquisa, que estas elaborações, da forma como foram apresentadas aqui, são definitivas. É importante ressaltar que todas as entrevistas foram realizadas dentro do Centro Espírita Grupo Noel, local favorável para se expressar sobre os ensinamentos da doutrina e os sentimentos de perda. Não foi possível observar o comportamento dessas pessoas fora deste ambiente, tampouco acompanhar a efetiva “transformação” apregoada pela maioria. Contudo, todas as conclusões sobre elas baseiam-se na fala dos próprios entrevistados, dando-se a cada um deles o crédito dessas avaliações. A pesquisa preocupou-se em analisar os discursos dessas pessoas, contextualizados num ambiente específico.

Este trabalho teve como foco somente aqueles que viveram seu luto dentro da doutrina e da prática espírita. Este recorte era necessário para delimitar o objeto. Mas, dada a importância que a prática adquiriu nesta pesquisa, seria interessante saber mais sobre aqueles que procuram a mensagem apenas no momento inicial do luto; ou ainda, saber mais sobre aqueles que abandonam a prática por não se sentirem correspondidos em sua expectativa.

Outra questão observada durante a coleta de dados - e que não foi possível aprofundar neste momento - é o caráter místico na experiência de alguns praticantes, contrário ao fundamento doutrinário, que se percebe como algo paralelo à vivência prática do Centro. Embora, a doutrina afirme em seus textos que para tudo há uma explicação científica, muitas vezes, o fenômeno espírita é experimentado como algo que ainda inunda todo o ser, que arranca a pessoa desta dimensão “racional” e a conduz ao plano “místico”. Esta experiência, compreendida como fenômeno mediúnico, é descrita com uma intensidade de emoção que muitas vezes gera angústia, mas que a explicação “racional” espírita parece procurar conter.

São possíveis outras aproximações dos dados coletados. Seria útil perceber até que ponto a natureza do vínculo com o falecido determina a dificuldade em aceitar a perda, sugere dificuldades psíquicas e levanta questões importantes relativas à dinâmica das relações. Uma interpretação analítica, por exemplo, poderia sugerir que o inconsciente do próprio enlutado gera imagens, ou mesmo falas, para possibilitar a integração da perda. Outra, levaria a um percurso de compreensão da mediunidade, de sua amplitude e até mesmo envolveria uma investigação maior sobre a veracidade dos fatos espíritas, campo que não foi contemplado por esta pesquisa, por não ser seu objetivo, como foi citado no início deste trabalho. Estas questões são pertinentes para o investigador que pretenda discutir a verdade espírita, ou

analisar o efeito provocado pelo médium e pela mediunidade nos mais diversos trabalhos e em diferentes tipos de pessoas. Questões para outras pesquisas.

John Bowlby²⁰⁵, ao apresentar as variáveis que influenciam a elaboração de um luto, entende que as diferentes práticas e crenças nas diferentes culturas e religiões, inevitavelmente, acabam influenciando de alguma forma o processo de luto. Contudo, ao analisar as diferentes pesquisas sobre o tema, Bowlby acredita que, por si só, as práticas culturais não podem explicar o curso de um processo de luto, entendendo que, além das predisposições internas do indivíduo, o grupo familiar e os amigos teria uma função mais destacada. A autora não discorda de Bowlby, acredita apenas que o espaço religioso é um lugar onde a dimensão de ser humano pode ser reconhecida, assim como sua angústia de ser finito. A morte e a perda provocam uma grande dor e nos apresentam o fato de não sermos eternos. Não é, necessariamente, função da religião aliviar a dor, mas ela permite um espaço para reflexões sobre a vida e a morte.

Hoje, observa-se nos grandes centros urbanos, a perda de sentido dos antigos cultos e ritos que auxiliavam na integração da morte. O luto, como reação natural à perda, busca um meio para sua expressão. Reprimi-lo acarretaria riscos para a saúde do próprio indivíduo. O Espiritismo surge, neste contexto, como uma assistência a este ser, reagindo à necessidade do próprio ser humano em buscar sentido para sua presença no mundo.

Finalizando, acredito que a experiência nesta pesquisa confirma as hipóteses defendidas aqui. Estou convencida da importância de abrirmos um espaço para o enfrentamento e para a reflexão sobre a morte e o luto, resultando em uma vida mais rica e mais humanizada. Durante todo o tempo em que estive envolvida com este trabalho no Grupo Noel, ouvindo as mais diferentes histórias sobre perda, abrindo espaço para todos os prantos que ainda se manifestam através das lembranças, lendo mensagens, participando de sessões de psicografia, posso afirmar que a vida tornou-se mais intensa e cheia de *graça*. Os relatos recolhidos nas entrevistas confirmam esta vivência no campo empírico e levam a concluir que aprender a morrer é aprender a viver e a amar. Aprender a deixar ir, porque o laço do amor é eterno.

O Centro, nas reuniões de psicografia, transforma-se em um local especial, onde a morte acha seu lugar, onde o vivo pode chorar, onde todos se permitem a uma reflexão sobre

²⁰⁵ Cf. BOWLBY, John, *Apego e Perda*, vol. 3, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.201.

vida e morte, onde cada ser reconhece-se dentro de sua dimensão de humano, limitado, mas com uma enorme capacidade de amar.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Canuto. *Bezerra de Menezes: subsídios para a história do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*. São Paulo: Ed. FEESP, 1991.
- ALMEIDA, Glória Maria. *Grupo Espírita Familiar: a religião da intimidade*. Tese de mestrado em Ciências da Religião, PUC/SP, 1993.
- AZEVEDO, Álvares. *Lira dos vinte anos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- AZEVEDO, Álvares. *Noite na taverna e poemas escolhidos de lira dos vinte anos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- ARIÈS, Philippe. *O Homem perante a Morte I*, Lisboa: Publicações Europa- América, 1997.
_____. *O Homem perante a Morte II*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- ABERASTURY, Arminda. *A percepção da morte na criança e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão do fim..* São Paulo: Terramar, 1992.
- BAYARD, Jean Pierre. *Sentido Oculto dos Ritos Mortuários*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 4 edição, 1978.
- BECKER, Ernest. *A negação da Morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- BOFF, Leonardo. *A ética da vida*. Brasília: Letra viva, 1999.
_____. *Vida para além da morte*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- BORGES, Aparecida Merci Spada. *Doutrina Espírita no tempo e no espaço: 800 verbetes especializados*. São Paulo: Ed. Panorama, 2000.
- BOWKER, John. *Os sentidos da morte*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOWLBY, John. Apego, in *Apego e perda*. vol.1, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
_____. Separação, in *Apego e perda*. vol.2, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- _____. Perda, in *Apego e perda*. vol.3, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRITO, Ênio; GORGULHO, Gilberto S.(org.). *Religião Ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BROMBERG, Maria Helena e outros. *Vida e Morte: Laços de existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- BROMBERG, Maria Helena. *Luto como crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*. Tese de doutorado em psicologia clínica, PUC-SP, 1992.
- CAMARGO, Cândido Procópio. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1977.
- CANHADAS, Cleide Martins. *A cura espiritual: uma visão integradora corpo-mente-espírito*. Tese de mestrado em Ciências da Religião. PUC/SP, 1999.
- CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica*. São Paulo: ed. Mestre Jou, 1977.
- UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Chico Xavier, Mandato de Amor*. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1992.
- COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Idéias Sociais Espíritas*. São Paulo - Salvador: Editora Comenius - IDEBA, 1988.
- CORR, Charles; McNEIL, Joan. *Adolescence and Death*. New York: Springer, 1996.
- DENIS, Leon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.
- EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Nobert. *La Soledad de los Moribundos*. Fondo de Cultura Económica: México, 1987.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

- FRANCO, Divaldo Pereira. *Temas da Vida e da Morte* (Obra mediúnica pelo espírito Manoel P. de Miranda), 3ª edição, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.
- _____. *Estudos Espíritas* (obra mediúnica pelo espírito Loanna de Ângelis), 4ª edição, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1982.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. vol. 14, p.271-275.
- _____. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. vol. 14, p.297-340.
- _____. Sobre a transitoriedade. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. vol. 14, p.345-348.
- _____. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1972. vol. 18, p..
- _____. Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. vol.20, p.95-198.
- _____. O futuro de uma ilusão. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1972. vol.21, p.15-71.
- _____. O mal estar da civilização. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974. vol. 21, p.81-171.
- GAARDER, Jostein; HEELEM, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.
- HESS, David J. *Spirits and scientist: ideology, spiritism, and Brazilian culture*. Pensylvania, U.S.A.: The Pensylvania Univesity Press, 1991.
- HENNEZEL, Marie de.; LELOUP, Jean-Yves. *A arte de Morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- HILLMAN, James. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Paulus, 1984.

- ILICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1975.
- JAFFÉ, Anieli; FREY-ROHN, Lilia; FRANZ, Marie Luise von. *A morte à luz da psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.
- _____. O Eu e o inconsciente. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982. v.
- _____. *Psicologia e Religião*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. v. 11/1
- _____. *Psicologia e Religião Oriental*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982. v.
- _____. *Mysterium Coniunctions*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. v.
- _____. *A vida Simbólica*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. v. 18/1
- _____. *A natureza da Psique*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 1984. v.8
- _____. *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976
- _____(org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, s/d.
- KASTENBAUM Robert e AISENBERG Ruth. *A psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1996.
- _____. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: IDE, 99ª edição, 1995.
- _____. *O que é espiritismo*. São Paulo: IDE, 1994.
- _____. *Revista Espírita, Jornal de estudos psicológicos*. São Paulo: Edicel, 1858 a 1868.
- _____. *A Gênese*. 27ª edição, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1944.
- KLAIN, Wilson. *A herança do desamparo: um estudo psicanalítico do conceito de desamparo na gênese da identidade*. Tese de mestrado em Psicologia clínica, PUC/SP, 1998.

- KOVÁCS, Maria Júlia (org.). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1970.
- LEPARGNEUR, Hubert. *O doente, a doença e a morte: implicações sócio-culturais da enfermidade*, São Paulo: Papyrus, 1987.
- LOPES, José Rogério(org.). *O finito e o infinito na experiência humana contemporânea*. Taubaté: GEIC/NIPPC Unitau/CRE/PUC-SP, 2000.
- MEDINA, Ceres. *Determinismo e utopia: um estudo sobre o pensamento de Allan Kardec*, São Paulo, tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 1998.
- MILLER, Sullie. *Depois da vida*. São Paulo: Summus, 1997.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.
- NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- NULAND, Sherwind B. *Como morremos: reflexões sobre o último capítulo da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- O'KANE, Françoise - *A Sombra de Deus: reflexões sobre a depressão e a dimensão religiosa da existência*. São Paulo: Axi Mundi, 1999.
- PARKES, Colin M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.
- PASCAL. *Pensamentos*. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999. 285 p.(Coleção Os Pensadores)
- PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999. 191 p.(Coleção Os Pensadores)
- PEREIRA, Maria Florice Raposo. *A razão de tantas vidas: racionalidade mística na religiosidade espírita*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- PESSINI, Léo. O Adeus a vida: desafios ético-pastorais. *In: Vida Pastoral*, São Paulo: Ed. Paulinas, nov./dez., 1991, p. 25-31.

- PINCUS, Lily. *A família e a morte: como enfrentar o luto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- REIS, João José. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.
- SILVEIRA, Nise da. *Jung, vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SANTOS, Gerson T. *A morte, a cultura e o ocidente: um estudo intersemiótico*, Tese de mestrado em Comunicação Semiótica, PUC/SP, 1996.
- STORNILO, Ivo. Morte: fim trágico ou grande transformação? *In: Vida Pastoral*. São Paulo: Ed. Paulinas, nov./dez., 1990, p.19-23.
- STARK, Rodney. Why religious movements succeed or fail: A revised general model. *Journal of Contemporary Religion*. v.11, nº2, may. 1996.
- TILICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- TOLESANO, Ercília Pereira Zilli. *Hereditariedade, destino e fé: um estudo comparativo entre a teoria gênica das pulsões (Leopold Szondi) e a doutrina Espírita*. Tese de mestrado em Ciências da Religião, PUC/SP, 1998.
- TOLSTÓI, Léon. *As obras primas de Léon Tolstói*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- XAVIER, Fransisco Cândido. *O Consolador* (obra mediúnica pelo espírito Emmanuel). 18ª edição, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1940.
- _____. *Obreiros da Vida Eterna*. (obra mediúnica pelo espírito André Luiz). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.
- XAVIER, Fransisco Cândido; VIERA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. (obra mediúnica pelo espírito André Luiz). 16ª edição, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.
- WEIL, Pierre. *As fronteiras da evolução e da morte: os limites de transformações de energia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

